

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL CAMPUS DE ERECHIM
CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

JOSÉ SÉRGIO BARROSO

UM SÍTIO EM APUROS:
A RELEVÂNCIA DA FAZENDA QUATRO IRMÃOS NOS FATOS HISTÓRICOS
REGIONAIS (1812-1924)

ERECHIM

2021

JOSÉ SÉRGIO BARROSO

**UM SÍTIO EM APURÓS:
A RELEVÂNCIA DA FAZENDA QUATRO IRMÃOS NOS FATOS HISTÓRICOS
REGIONAIS (1812-1924)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em História da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de licenciado em História.

Orientador (a): Prof.^a Dr.^a Isabel Rosa Gritti

ERECHIM
2021

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Barroso, José Sérgio

UM SHTETL EM APUROS: A RELEVÂNCIA DA FAZENDA QUATRO IRMÃOS NOS FATOS HISTÓRICOS REGIONAIS (1912-1924) / José Sérgio Barroso. -- 2021.

90 f.:il.

Orientadora: Doutora Isabel Rosa Gritti

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Licenciatura em História, Erechim, RS, 2021.

1. História de Quatro Irmãos. 2. História Regional. 3. Imigração Judaica. 4. História Indígena. 5. Revolução de 1923. I. Gritti, Isabel Rosa, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

JOSÉ SÉRGIO BARROSO

**UM SHTTETL EM APUROS: A RELEVÂNCIA DA FAZENDA QUATRO IRMÃOS
NOS FATOS HISTÓRICOS REGIONAIS (1812-1924)**

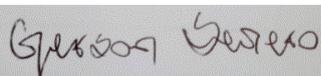
Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Graduação em
História da Universidade Federal da
Fronteira Sul (UFFS), como requisito
para obtenção do título de licenciado em
História.

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em 14/05/2021

BANCA EXAMINADORA



Profª. Dra. Isabel Rosa Gritti



Prof. Dr. Gerson Luis Egas Severo



Prof. Me. Henrique Trizotto

Ao meu pai José (Olmiro) Barroso - *in memoriam*, que foi uns dos tantos que tropeou pelas coxilhas de Quatro Irmãos, que nasceu, trabalhou e deixou seu legado nestas terras. À minha querida mãe, Cassimira de Mello Barroso - *in memoriam*, que, muitas vezes, foi pai emãe e sempre foi meu alicerce na vida, não consegui por meses ver seu filho formado, levada pela Covid. Minha família de um modo geral, que torceram por mim, em especial a minha filha Amanda, mesmo de longe pelas palavras de incentivo, à minha filha Vitorya e a esposa Neiva pelas horas de envolvimento para o término deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Universidade Federal Fronteira Sul, professores e comunidade acadêmica, que me proporcionaram viver estes anos com pessoas de todas as partes do Brasil, cada um com suas crenças, jeito e particularidades.

Em especial à Professora Isabel Rosa Gritti, que desde o princípio me fez ver que meu sonho era possível.

Aos meus colegas, em especial ao Josuel Ribeiro (meu fiel escudeiro), que nossa amizade seja para sempre, e a todos os colegas da turma 2013, que certamente me fizeram sair uma pessoa melhor.

Obrigado a todos.

RESUMO

O estudo em questão faz um elo de ligação entre várias obras relacionadas ao povoamento, à colonização da grande Região do Alto Uruguai gaúcho e os personagens desta história com um mesmo local: A Fazenda Quatro Irmãos, localizada no norte do Rio Grande do Sul, Brasil, conhecida como Colônia Quatro Irmãos, berço da imigração Judaica no Brasil. O presente Trabalho de Conclusão de Curso busca relacionar a relevância dos fatos históricos relacionados a Fazenda Quatro Irmãos entre o período de 1812 a 1924. Os fatos da historicidade regional, que aconteceram nos mais de noventa mil hectares de suas terras, espalhados em várias obras e reunidos neste trabalho, o configuram como pesquisa bibliográfica. O primeiro capítulo elucida sobre a colonização judaica no Brasil, enfatizando o município de Quatro Irmãos; O segundo capítulo destaca a atuação do índio Condá nas terras do Sul do Brasil; O terceiro capítulo descreve a figura do caudilho Leonel Rocha na região aqui enunciada; O quarto e último capítulo conta sobre a Revolução de 1923 em Quatro Irmãos. Tendo como resultados as ligações entre os acontecimentos históricos em destaque, e também, ressaltando a importância histórica da Fazenda Quatro Irmãos para o povoamento e posterior colonização do Alto Uruguai gaúcho.

Palavras-chave: Quatro Irmãos. Colonização do Alto Uruguai Gaúcho. Fatos históricos.

ABSTRACT

The study in question makes a link between several works related to the settlement, the colonization of the great Region of Alto Uruguay in Rio Grande do Sul and the characters of this history with the same place: Fazenda Quatro Irmãos, located in the north of Rio Grande do Sul, Brazil, known as Colônia Quatro Irmãos, cradle of Jewish immigration in Brazil. This Course Conclusion Paper seeks to relate the loss of historical facts related to Fazenda Quatro Irmãos between the period 1812 to 1924. The facts of regional historicity, which took place in the more than ninety thousand hectares of their lands, spread over several works and gathered in this work, configure it as bibliographic research. The first chapter sheds light on Jewish colonization in Brazil, emphasizing the municipality of Quatro Irmãos; The second chapter highlights the performance of the Condá Indian in the lands of southern Brazil; The third chapter requires the figure of the leader Leonel Rocha in the region mentioned here; The fourth and last chapter tells about the 1923 Revolution in Quatro Irmãos. As a result of the links between the historical events highlighted, and also, highlighting the historical importance of the Quatro Irmãos Farm for the settlement and subsequent colonization of the Alto Uruguai gaúcho.

Keywords: Quatro Irmãos. Colonization of Alto Uruguai Gaúcho. Historical facts.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Figura 1 Barão Maurice de Hirsch.....	16
Figura 2 Parte da província do Paraná no Império - Adaptação de Spina.....	25
Figura 3 Caminhos de Tropas do Brasil meridional (séculos XVIII e XI).....	27
Figura 4 General Leonel Rocha.....	37
Figura 5 Certidão de óbito de Leonel Rocha	38
Figura 6 Firmino de Paula, com cigarro na mão, e Vazulmiro Dutra, à esquerda.....	42
Figura 7 Mapa dos combates da Revolução de 1923.....	46
Figura 8 Túmulo de Leonel Rocha, localizado no Cemitério Municipal de Erechim	51
Figura 9 Borges de Medeiros	57
Figura 10 General Fermino de Paula - Cruzaltense que fazia parte das forças de Borges de Medeiros, dito como o maior degolador opositorista.....	57
Figura 11 Rio Grande: Construção dos Molhes da Barra, na década de 1910	59
Figura 12 Passo Fundo: Corpo de Patriotas, Defesa da cidade em janeiro de 1923	61
Figura 13 Casa localizada na Linha onde Jacob Rech e o filho Reinaldo foram mortos em 1923	63
Figura 14 Furos de balas nas paredes do sobrado.....	64
Figura 15 Eng. Mario Requião: Chefe da Comissão de Terras.....	65
Figura 16 Felipe Portinho.....	66
Figura 17 Estado Maior do General Felipe Portinho	67
Figura 18 Ata Inaugural que empossou o intendente Revolucionário Themistocles Ochoa	68
Figura 19 Ata Inaugural que empossou o intendente Revolucionário Themistocles Ochoa	69
Figura 20 Ata Inaugural que empossou o intendente Revolucionário Themistocles Ochoa	70
Figura 21 Foto carta padre Carlos Schwergschlager ao Intendente Revolucionário Themistocles Ochoa	71
Figura 22 Foto carta padre Carlos Schwergschlager ao Intendente Revolucionário	72
Figura 23 Foto carta padre Carlos Schwergschlager ao Intendente Revolucionário Themistocles Ochoa	73
Figura 24 Acampamento do Gal. Felipe Portinho em Capo-êre Velho; em 17 de maio de 1923, Felipe Nery Portinho recebe o reforço do Cel. Leonel Rocha, Jose Ferreira, João Ramos, e Simeão Machado	74
Figura 25 Erechim: Hospital na Revolução de 1923	76
Figura 26 General Portinho e seu Estado-Maior: Documentário Revolução no RS – 1923.....	78
Figura 27 Revolução de 1923- “Disparei o Primeiro Tiro” (AVS-19/05/1995, p.04).....	79
Figura 28 Cemitério do Combate, em Quatro Irmãos/RS	80
Figura 29 Cemitério do Combate, em Quatro Irmãos/RS.....	81
Figura 30 Cerro Largo: Trincheira da revolução – 1923	82

Figura 31 Fortaleza foi erguida com pedras de granito rosado gaúchas talhadas por canteiros espanhóis
.....84

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 A COLONIZAÇÃO JUDAICA NO BRASIL: QUATRO IRMÃOS/RS.....	14
2.1 O BARÃO MAURICE DE HIRSCH.....	15
2.2 A VINDA DOS IMIGRANTES	16
2.3 A COLONIZAÇÃO JUDAICA NA ARGENTINA	17
3 CACIQUE CONDÁ.....	20
3.1 O PROCESSO CONTRA O CACIQUE CONDÁ	22
3.2 A VINDA DE CONDÁ AO RIO GRANDE DO SUL	25
3.3 A PERMANÊNCIA DE CONDÁ NO ALDEAMENTO DE NONOAY.....	27
3.4 O ASSASSINATO DE CLEMENTINO SANTOS PACHECO.....	31
3.4.1 Proprietário da fazenda Quatro Irmãos.....	31
3.5 AS REVOLUÇÕES DE 1893/1923 E A FAZENDA QUATRO IRMÃOS	33
4 O CAUDILHO LEONEL ROCHA.....	36
4.1 BIOGRAFIA DE LEONEL ROCHA.....	39
4.2 A COLUNA PRESTES EM QUATRO IRMÃOS	52
5 A REVOLUÇÃO DE 1923 CHEGA A QUATRO IRMÃOS REVOLUÇÃO DE 1923	57
5.2 A REGIÃO NORTE NA REVOLUÇÃO DE 1923	60
5.4 A MOVIMENTAÇÃO DE TROPAS NA GRANDE BOA VISTA DO ERECHIM.....	62
5.5 GENERAL FELIPE PORTINHO	65
5.5 THEMISTOCLES OCHOA NO PODER	67
5.7 COMBATE DO DESVIO GIARETA.....	75
5.8 ESCARAMUÇAS QUE CULMINARAM NA BATALHA DE QUATRO IRMÃOS	76
5.10 A MARCHA POLÍTICO-MILITAR DE FELIPE PORTINHO LOGO APÓS O COMBATE.....	81
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	85
REFERÊNCIAS.....	88

1 INTRODUÇÃO

A história se constitui de fatos relacionados aos antepassados, conhecidos por meio de um conjunto de narrativas, interpretações e análises sob tempos e espaços. A palavra história vem do grego antigo, que significa “pesquisa”, ou “conhecimento advindo da investigação”. Retrata ações da humanidade, que explicitam eventos com referência a um país, período ou fato específico.

Assim, a partir de fatos regionais específicos, é possível elucidar relações e entender os motivos, costumes e tradições e passagem de um povo. Intitulado de “**Um sthtetl¹ em apuros**”, a relevância da Fazenda Quatro Irmãos nos fatos históricos regionais (1812-1924), o presente Trabalho de Conclusão de Curso busca relacionar a relevância dos fatos históricos relacionados a Fazenda Quatro Irmãos entre o período de 1812 a 1924, região localizada ao norte do Rio Grande do Sul, berço da imigração judaica e que possui atualmente depois da emancipação 1856 habitantes.

Quatro Irmãos, município do Alto Uruguai gaúcho, pertenceu ao atual município de Passo Fundo, para depois tornar-se distrito de Erechim. Fez parte dos 93.985 hectares da fazenda dos irmãos Pacheco. A maior parte da população atual sobrevive com base na agricultura, apresentando regiões de plantio propícias para o desenvolvimento de milho, soja, trigo, além da criação de bovinos e suínos, com grande produtividade.

Nessas terras, aconteceram fatos de relevância histórica, desde o século XIX, com a passagem do **cacique Vitorino Condá** e a consequente morte de **Clementino dos Santos Pacheco, proprietário da fazenda, em 1854**. A venda desta para a **Jewish Colonization Association (ICA)** e com a vinda de imigrantes judeus, em 1911, a fazenda transformou-se no **berço da imigração judaica no Brasil**. Também, dois embates na história das revoluções rio-grandenses, uma fazendo parte da **Revolução Assisista de 1923**, entre as forças de Borges de Medeiros (chimangos) comandados pelo general Firmino de Paula e os revolucionários Assisistas, comandados pelo caudilho Felipe Portinho (maragatos). A outra foi o **ataque da Coluna Prestes**, feita pelos mesmos revolucionários da primeira, porém com outros objetivos e outra bandeira de luta, o que causa confusão na historiografia sobre o tema e também na história oral contada pelos próprios moradores

Revolucionários, antes maragatos, lutaram pela revolução estadual e, logo após, os mesmos, inseridos na Coluna Prestes atacaram a vila, praticando saques, pilhagem e desmoralização

¹ Shttetl: Diminutivo de Shtot, cidade ou vila em Iídiche (dialeto judaico), e que significa cidadezinha ou aldeia, pequena comunidade (POVOA, 2005, p. 269).

peçoal, levando terror às famílias dos imigrantes judeus. A simples ocorrência de que a batalha de Quatro Irmãos, conhecida como Revolução do Combate, inserida na revolução Assisista, ocorreu em 13 de setembro de 1923 e foi somente alguns meses anterior ao ataque da Coluna Prestes à comunidade, em 14 de dezembro de 1924, possa ter levado alguns pesquisadores e pessoas, a trocar ou simplesmente confundir os fatos e os ataques.

O interesse pessoal pelo tema surgiu muito antes da graduação, pois sendo natural de Quatro Irmãos e, com o objetivo de conhecer a história deste local, debruçei-me a pesquisas relacionadas à história rio-grandense, em especial a revolução de 1923. Porém, quando me deparei com um artigo do Boletim da Sociedade Genealógica Judaica do Brasil, escrito por Marcus Feldman onde houve a constatação do ataque da Coluna Prestes em Quatro Irmãos, a minha decisão sobre o assunto se alicerçou, dei continuidade e ampliei as pesquisas. Deste modo, o principal objetivo é o de demonstrar a relevância histórica dos fatos ocorridos neste local, e dispostos em obras de diferentes autores.

O trabalho foi organizado numa linha temporal, desde o ano do nascimento do Cacique Vitorino Condá em 1812, no Paraná, e sua passagem histórica, sempre atento aos fatos relevantes de sua história até a sua vinda ao Rio Grande do Sul, mais especificamente ao Alto Uruguai gaúcho e as nuances de sua passagem.

Na sequência apresentamos a colonização da fazenda Quatro Irmãos, pelos colonos judeus vindos especialmente da Europa, em 1911 e a justificativa desta imigração. Em 1923, a Revolução Assisista que teve palco também nesta região do Alto Uruguai, e suas consequências e desdobramentos culminando com o ataque da Coluna Prestes ao Shtetl judeu, promovendo o êxodo dos imigrantes.

Além disso, cabe destacar que as pesquisas resultantes deste trabalho são frutos de potentes leituras de autores como Wilmar da Rocha D'Angelis (2014), onde relata a trajetória do povo kaikangue; Katia Malage (2010) sobre os caciques Viri e Condá, numa linha temporal em 1911; a obra da escritora Isabel Gritti (1997), onde retrata a imigração judaica e a relação dos imigrantes com a Jewish Colonization Association (ICA), e quais foram as principais causas do êxodo e o esvaziamento da colônia.

Ainda, outros autores citam sobre esses fatos, como Ieda Gutfriend, (2010) no seu artigo “Imigração Judaica no Rio Grande do Sul: Pogrons em terras gaúchas?”. Nele, a escritora narra os acontecimentos fazendo uma analogia aos pogroms, tentando reviver o terror sofrido pelos judeus antes da vinda para o Brasil. No livro Marchas e Combates, o escritor Lourenço Moreira Lima (1979), conta sobre a participação da família do caudilho Favorino Pinto, morador de Erechim, na Coluna Prestes, e descreve a morte de seu filho e do seu sobrinho Apolinário Pinto.

Além dos livros e autores citados, também Jorge Amado menciona o capitão Favorino Pinto em seu livro Cavaleiros da Esperança. Com base no exposto, o presente trabalho configura-se como uma pesquisa inteiramente bibliográfica.

2 A COLONIZAÇÃO JUDAICA NO BRASIL: QUATRO IRMÃOS/RS

Em 1812, o império Russo anexou os trinta e quatro mil quilômetros quadrados da Bessarabia ao seu território, situada entre os rios Prust, e a leste, o Dnister, confrontando-se ainda com o rio Danubio e o Mar Negro, região da qual vieram a maioria dos judeus Asquenazim, (cerca de 95%) para o Rio Grande do Sul, falavam o ídiche, língua formada entre a alemã e a hebraica sendo que esse território era governado há 300 anos por Czares autocratas da família Romanov. A economia quase feudal, no apego à terra. As ideias de raça eram carregadas de preconceito o que abria caminho para uma diferenciação do indivíduo por seus traços/cultura/religião, levando às desigualdades raciais e ao sentimento de superioridade ou inferioridade de culturas, o que resultou em um conflito étnico.

Os judeus contemporâneos costumam ser classificados a partir de duas origens distintas: asquenazi e sefaradi. Os judeus sefaradim têm sua origem na Espanha, de onde foram expulsos; falam o ladino, dialeto baseado no espanhol arcaico. A imigração dos judeus sefaradim concentrou-se, em sua maioria, em centros urbanos, como Porto Alegre (SCHNEIDER, 2013, p. 19).

Portanto, começaram a haver sérias restrições à comunidade judaica na região. Após 1835, os lugares de circulação e empregos eram designados, juntamente com imposições religiosas, ficando proibido o emprego de serviçal doméstico que não fosse cristão. Também se incluiu nessa proibição a construção de sinagogas perto de igrejas católicas, a impressão de livros hebraicos, expulsão de integrantes de vilas que fossem perto de fronteiras, cobrança de taxa especial sobre o abate de gado e sobre as velas utilizadas nas cerimônias religiosas. Estas leis foram estabelecidas por Nicolau I, (1825-1855) e, para ele, os judeus deviam abandonar sua língua, costumes, vestimentas e religião e passar a viver como um Russo.

A situação dos judeus submetidos ao Império Russo era degradante... O czar “respaldaba su política en la necesidad de resolver la cuestión judía a través de un proceso de asimilación forzosa, la cual consistía en obligar a los judíos a renunciar a sus particularidades [...] sob pena de sanciones” (SCHNEIDER, 2013, p. 23).

Segundo Schneider (2013), com a morte do czar Alexandre II, imposta aos judeus a judeofobia ficou quase insustentável na região onde foi limitado as zonas de residência. Seus direitos de transferência para qualquer ponto da zona rural Russa foram proibidos, fecharam-se todas as saídas das cidades populosas para as vilas do interior; os judeus que deixavam suas residências por alguns dias não poderiam voltar, sendo considerados novos residentes, os que moravam em casas alugadas não poderiam renovar o aluguel e eram expulsos das cidades.

O reinado de Alexandre III foi caracterizado por um fanático antissemitismo. Referente à questão judaica no país, seu governo tinha a posição de que: “Un tercio de los judíos se verá forzado a emigrar; un tercio terminará por convertirse; un tercio morirá de hambre”.¹⁵ Tais considerações marcaram seu governo, e suas imposições caracterizaram um período sem precedentes na história dos judeus russos. Ao czar aliado à Igreja Ortodoxa e às restrições do Império Russo aos judeus. (SCHNEIDER, 2013, p. 24).

Assim, quase a totalidade das zonas rurais foram reclassificados e novamente avaliadas e fechadas para judeus o que congestionou as cidades; qualquer cidadão Russo tinha ampla vantagem moral sobre qualquer transação com um judeu. A comunidade rural judaica ficou à beira da extinção. No reinado de Alexandre II, o fanatismo e o antissemitismo também proliferaram, tudo isso, somando-se a proposta de uma mudança de vida no “novo mundo” fez com que essas famílias decidissem migrar.

2.1 O BARÃO MAURICE DE HIRSCH

Segundo Dominique Frischer (2010), o Barão Moritz von Hirsch (1831-1896), mais conhecido como Maurice de Hirsch, fez fortuna com a construção da ferrovia Alemanha-Austria, este nasceu em uma poderosa dinastia de banqueiros bávaros, ficou conhecido por ajudar e financiar ações para ajudar judeus a escapar do antisemitismo em todo o mundo, convencido de que na Europa Central não havia futuro para a comunidade Judaica. Após a morte de seu filho, com 30 anos de idade, resolveu doar sua fortuna para a filantropia. Depois de financiar a ida de judeus para a América do Norte (USA), e discordar de correligionários seus que não aceitavam a emigração em massa de judeus, ele decidiu planejar, por conta própria, essa emigração para o Novo Mundo.

De acordo com Schneider (2013), em setembro de 1892, cria a Jewish Colonization Association (JCA) a maior entidade filantrópica do mundo até 1978, (sendo que em Quatro Irmãos atuou até 1962), após a experiência na Argentina compra a Colônia Philipsson, em 1903, no município de Santa Maria. Logo após, em 1909, começou os tramites para a compra da Fazenda Quatro Irmãos, no norte do estado do Rio Grande do Sul, aproveitando o incentivo do governo Borges de Medeiros para a compra de terras por companhias colonizadoras. Em 1911, começa efetivamente a imigração.

Figura 1 - Figura 1 Barão Maurice de Hirsch



Fonte: Pictorial Press Ltd – Alamy Sotck Photo (2018)

2.2 A VINDA DOS IMIGRANTES

Logo após a compra da propriedade de Quatro Irmãos, em novembro de 1909, o diretor da colônia Philipsson, Leibovich, alertava para a importância de selecionar cuidadosamente os imigrantes que formariam o primeiro grupo a ser instalado. “É fundamental que sejam agricultores e não artesãos que não possuem nenhum conhecimento de agricultura e que, diante das primeiras dificuldades, recorrerão a sua antiga profissão e abandonarão a colônia” GRITTI (1997, p. 40).

Diante da necessidade de iniciar a colonização da Fazenda Quatro Irmãos, com elementos conhecedores da atividade agrícola, a ICA decide que o primeiro grupo a ser instalado será composto por imigrantes estabelecidos em suas colônias Argentinas, detentores de uma certa experiência agrícola (GRITTI, 1997, p. 40).

A compra dos 93.985 hectares da Fazenda Quatro Irmãos pela Jewish Association Colonization que hoje inclui, depois da emancipação, parte de vários municípios do Alto Uruguai, pela sua área de extensão. O processo de organização, durou até 1912/1913, com ainda efetiva de colonos, primeiramente recrutados da Argentina, num total de 33 famílias, 35 vindas da Bessarabia. Em 1913, chegou mais um grupo de famílias russas, que foram divididas em núcleos e ou comunidades; Pampa, Rio Padre, Quatro Irmãos, Barão Hirsch e Baronesa Clara, sendo que a administração ficou localizado no núcleo de Quatro Irmãos.

Segundo Barboza (2002), cada seção foi dividida em lotes de 50 hectares, contendo

casa, galpão, duas vacas, dois bois, cavalo, carroça, ferramentas e sementes a serem pagos em um prazo de vinte anos. O plano definitivo da divisão do primeiro grupo de lotes de Quatro Irmãos estabelecia a organização de 80 lotes, sendo 48 mistos (parte de mata e parte de campo), 5 de campo e 27 de mata exclusivamente, com superfície de 50 ha. Os lotes de campo continham uma pequena parcela de florestas, tendo em vista a necessidade do colono de obter lenha para o aquecimento e madeira para construção.

As primeiras famílias deveriam ser instaladas em lotes mistos. As casas foram agrupadas duas a duas, na maioria dos casos, tendo acesso à água à pequena distância. Lotes de 83 ha foram reservados no núcleo Quatro Irmãos para a construção da escola, casa do agente, etc, próximo ao Arroio do Padre. Ao centralizar estes edifícios no núcleo Quatro Irmãos, a ICA previa a posterior construção de outras edificações nas proximidades do Arroio, como moinho e serraria, assim, concentrando todas as atividades em um mesmo núcleo.

A construção de uma escola, projetada a 6 km do lote mais distante e que atendesse toda a colônia, estava diretamente ligada ao processo de instalação dos colonos. A ICA previa a construção da mesma ainda em 1911, ao mesmo tempo em que fossem construídas casas e galpões. Segundo a administração local, um único educandário seria capaz de atender aproximadamente 100 famílias (200 alunos), traria uma série de vantagens para a instituição e representava custo mais baixo de construção, por se tratar de apenas um prédio, além de ensino uniforme e possibilidade de uma inspeção eficaz. O projeto previa ainda a construção de alojamento para o diretor e professores auxiliares próximos ao prédio da escola. Os custos de construção preocupavam a ICA em relação a todos os prédios que estavam presentes no projeto da colônia. Mesmo sabendo que as casas de tijolos ofereceriam vantagem de solidez e durabilidade, e sabendo das grandes chuvas de julho e agosto na região, e dos problemas enfrentados pelas casas de madeira nessa época do ano, a direção geral da ICA acabou concordando com a construção de casas de madeira tendo em vista o custo mais baixo destas. (BARBOZA, 2002, p. 61).

Conforme Gritti (1997), em 1917, a corrente imigratória sofreu uma estagnação, e o abandono da colônia foi crescente, tanto é que, em 1918, somente 03 colonos foram instalados e a colônia viveu um novo período de forte movimento migratório, somente em 1926/1927, após a criação de dois novos núcleos, Barão Hirsch e Baronesa Clara.

Na educação, a escola da comunidade oferecia somente o ensino fundamental, os alunos tinham que se deslocar a Erebangó ou Erechim para concluir seus estudos. Somente depois da emancipação de Quatro Irmãos, em 26 de abril de 1996, foram ofertados para a população estes quesitos nestas áreas e a melhoria do bem-estar social.

2.3 A COLONIZAÇÃO JUDAICA NA ARGENTINA

A fim de dar continuidade e coerência ao referido trabalho, é necessário que se relate sobre a colonização judaica na Argentina, a qual foi anterior a chegada a Quatro Irmãos. Sendo assim, quando o Czar Alexandre II foi assassinado na Rússia, a vida dos judeus não ficou nada fácil na Bessarabia, pois se atribuiu a eles a morte do czar e também a de um menino de doze anos que residia numa aldeia perto do rio Dnister. Após essas mortes, os judeus russos começaram a ter uma série de restrições em seus direitos de comprar terras e também suas atividades educacionais foram severamente afetadas. Assim a vida sob o domínio czarista já não tinha mais razão de ser na Europa.

Em janeiro de 1890, Hirsch recebeu uma proposta de um médico judeu alemão que havia recém retornado de uma missão oficial de saúde na Argentina. O Dr. William Löwenthal havia concebido um plano de colonização muito detalhado para assentar judeus russos lá. Ele teve esta ideia depois de conhecer centenas deles, que tinham chegado dois anos antes, por conta própria, em um navio (FRISCHER, 2010, p. 130).

Conforme Povia (2005), o governo argentino mostrou-se receptivo ao povo judeu e, Maurice de Hirsch então resolveu fundar a Moises de Ville naquele país. Antes, Hirsch teve que negociar com o governo Czarista Russo a autorização para organizar a emigração em massa. O governo estava tão contente em se livrar dos judeus (sem ter que matá-los ou forçá-los a se converter) que não viu problema em deixá-los ir, mesmo sem que pagassem pelos passaportes. O governo russo impôs apenas duas condições. Primeira: não seria permitido que os imigrantes voltassem. Segunda: Hirsch teria que prometer que, depois de 25 anos, três quartos dos judeus em torno de 3 milhões de pessoas, teriam deixado o país.

Quanto a Argentina, a partir de 1881, demonstra interesse aberto em receber imigrantes e o seu executivo designa em agosto daquele ano um agente na Europa com essa finalidade, estabelecer contato com pessoas importantes do governo Russo, para tratar de introduzir a essa população a trasladar-se para a Argentina sob a proteção das leis desse país (PÓVOA, 2005, p. 2).

Ainda Povia (2005), cita que a colonização na Argentina deve melhor êxito que no Brasil, pois os imigrantes judeus que vieram para aquele país, já eram agricultores em seu país de origem, sabiam trabalhar com a plantação de fumo e foi agregado a eles, a técnica do cultivo da alfafa, pelos administradores da instituição o que acabou dando certo e houve progresso dos imigrantes na colônia. A ICA trouxe famílias da colonização Argentina a Quatro Irmãos, mesmo com a promessa de melhores condições de moradia que na Argentina, e terra boa para cultivar, somente 33 destas famílias aceitaram novamente migrar, e o plano de trazer colonos para Quatro Irmãos que tivessem intimidade com a terra acabou não dando certo.

Segundo Barboza (2002), a construção do ramal ferroviário pela ICA foi uma alternativa encontrada com a utilização dos imigrantes para a construção sendo que a obra serviu para amenizar o êxodo da colônia. A revolução de 1923 impactou de forma negativa à colônia, pois sua proximidade com a ferrovia São Paulo - Rio Grande do Sul tornou-se passagem obrigatória de tropas revolucionárias e ou legalistas. Sendo assim, o combate de Quatro Irmãos foi um marco para a assinatura da paz desta revolução e, mais tarde, em 1924, também foi palco da investida criminosa da Coluna Prestes. Houve saques, banditismo e grilagem na colônia, mas não foram somente esses os fatores principais para o êxodo da colônia, uma vez que esta já sofria com a baixa produtividade agrícola e a insatisfação dos colonos.

Sem deixar de citar os aspectos negativos produzidos pelo movimento revolucionário na colônia agrícola de Quatro Irmãos, a Revolução de 1923 foi, pelo que apresentamos anteriormente, "o golpe final" nesse processo de colonização. Quando da Revolução de 1923, como vimos anteriormente, a colônia judaica de Quatro Irmãos encontrava-se em crise. No ano anterior, os colonos haviam pedido à ICA que lhes fosse permitido explorar livremente a madeira existente em seus lotes e que a anuidade correspondente ao ano de 1922 fosse perdoada que a difícil situação dos mesmos fora agravada pelas colheitas ínfimas (GRITTI, 1997, p. 66).

No decorrer das últimas décadas da permanência da ICA até sua saída de Quatro Irmãos em 1962, os lotes acabaram sendo negociados, primeiramente, com patrícios judeus, que obtinham a posse destes de quem ia embora e, posteriormente, a imigrantes de outras etnias que já estavam instalados no Polígono D e em Baronesa Clara. Após 1962, Quatro Irmãos se transformou em uma vila basicamente de trabalhadores rurais, remanescentes de caboclos, mateiros, pessoas que já residiam ali antes da colonização e serviram de mão de obra barata durante esta. Os poucos imigrantes judeus que permaneceram, progrediram e fixaram residência em Erechim, formando, primeiramente, grandes estâncias de gado vacum.

3 CACIQUE CONDÁ

Seguindo uma linha temporal, desde 1812, é de suma importância contextualizar esta parte do trabalho, desde o nascimento do Cacique Vitorino Condá e sua trajetória até chegar a Quatro Irmãos para o melhor entendimento. Este sendo relatado na obra do historiador e linguista Wilmar da Rocha D'Angelis (2014), dentre outros autores, no qual seu relato, nos faz ligar de forma inédita o fato que Condá, já conhecia o proprietário da Fazenda Quatro Irmãos no Paraná, anteriormente a sua chegada e este era seu desafeto, pois os irmãos Pacheco, testemunharam num processo movido por Pedro Siqueira contra Condá em Palmeira, no Paraná.

Mesmo não sendo ele o autor da morte do fazendeiro (foi seu genro). Também a ligação do Barão dos Campos Gerais, e seu irmão Clementino dos Santos Pacheco com grilagem de terras no norte do estado do Rio Grande do Sul. D'Angelis (2014), afirma em um dos seus artigos, no Portal Kaikang, que os primeiros contatos oficiais com os índios kaikangues, no sul do Brasil, aconteceram nos campos de Guarapuava, no Paraná, em 1812. E nos anos seguintes até 1854, chegaram a região norte do Rio Grande do Sul, quando os indígenas vieram pela abertura de uma nova rota para as Missões em 1839, passando pelo Goio-en e chegando a Nonoai, no Rio Grande do Sul e assim sucessivamente, por toda a região norte do Rio Grande de São Pedro.

Os primeiros contatos oficiais e amistosos reconhecidos com comunidades Kaingang pela sociedade portuguesa aconteceram nos campos de Guarapuava, centro do Paraná, a partir de 1812. Na sequência, estabeleceram-se contatos (por conta, obviamente, da invasão e ocupação do território indígena) com os Kaingang das regiões dos campos de Palmas, PR (1839), de Nonoai, RS (1845), de Guarita, RS (1848), do nordeste do Rio Grande do Sul (1850), do norte do Paraná (1859), do extremo oeste paranaense (1880) e assim sucessivamente. Os últimos grupos forçados às relações pacíficas com os brasileiros foram os Kaingang paulistas, da região dos rios Feio e Aguapé (D'ANGELIS, 2014, p.284).

Em Malage (2010), registra-se que quando da busca por um novo “caminho para as Missões”, os índios Kaikangues eram considerados um ‘entrave’ para a expansão luso-brasileira, pois as terras que habitavam ainda eram desconhecidas pelos brancos da região sudoeste do Paraná e oeste de Santa Catarina. Deve-se dizer que, na época, a divisa paulista ia do sudoeste do Paraná até o Rio Uruguai, hoje divisa com o estado de Santa Catarina.

Afirma-se também que o Oeste Catarinense ainda não era definido como a divisa com a Argentina. Essas terras passaram a ser exploradas e seus habitantes, os indígenas, catequizados a partir de 1840, sendo considerados “mansos”. Aqueles que não aceitavam essa condição viviam em comunidades isoladas nas matas em constante atrito com os brancos, e ou, na maioria

das vezes, eram mortos.

Quando a documentação oficial fala de Campos de Palmas está se referindo, sobretudo, a terras do atual Oeste Catarinense. Por extensão, Palmas passou a designar região, sobretudo após 1855, ano da criação da Freguesia (Paróquia) de Palmas. A Freguesia de Palmas ia até os limites da Província do Paraná com a de São Pedro do Rio Grande do Sul, ou seja, o Rio Uruguai; a Oeste, ia até os limites (então indefinidos) com a Argentina, (que o Brasil pleiteava situar os rios Peperiguaçu e Santo Antônio) (D'ANGELIS, 2014, p. 284).

A partir desses relatos, constata-se que as primeiras notícias que se tem do cacique Condá, datam de 1812, onde dizia-se que era pertencente à tribo do cacique Kaikang Condoí, (quando criança), dos campos de Guarapuava, este não querendo se aldear e, posteriormente, catequizar-se. Por um tempo permaneceu isolado, porém, mesmo assim, tornou-se um líder entre o povo indígena da região.

(...) Campos de Palmas incluem, do Paraná, apenas os municípios de Clevelândia e Palmas, enquanto que do atual estado de Santa Catarina, abrangem onze municípios (...) portanto, quando a documentação oficial fala de Campos de Palmas está se referindo, sobretudo, a terras do atual Oeste Catarinense (...) (D'ANGELIS, 1995, p.19).

Conforme D'Angelis (1995), Condá também se recusou a permanecer no aldeamento de Palmas e tampouco de Xapecó e Xapocozinho, preferiu estabelecer-se na região do Iranim (hoje Irani). O cacique Condá e sua tribo, por serem exímios cavaleiros, conseguiam se deslocar rapidamente percorrendo grandes distâncias, sendo conhecedores natos da região sul, sabiam embrenhar-se nas matas e demarcar caminhos, eram conhecedores dos vãos dos rios locais onde se dava a passagem de caravanas, tinham bom relacionamento com caciques das tribos kaikangues e xokleng (botocudos) e falavam sua língua.

Ressalta-se que a língua Kaingang fora classificada como pertencente à família Jê do tronco macro-jê. Por muitos anos, a língua tupi prevaleceu sobre as demais, pois as línguas indígenas que não eram pertencentes à classificação tupi foram denominadas de tapuias. Esta foi a primeira forma de classificação das línguas indígenas. Com o tempo essa denominação deixou de existir, sendo substituída por outra (MELATTI, 2007, p. 59).

Segundo Melatti (2007, p. 66), “os jês do sul falavam duas línguas. Uma, a caingangue, presente no planalto, desde São Paulo até o Rio Grande do Sul. A outra, a xoklengue, falada em Santa Catarina”. Sabedor disso, o capitão da companhia de Municipaes, senhor Hemógenes Carneiro Lobo, logo após decidir o local e começar o povoamento de Palmas, preferiu fazer um acordo de paz com Condá, o que resultaria também às condições para o desenvolvimento e a

paz na região.

(...) foi um dos primeiros cuidados do capitão Hermógenes Carneiro Lobo, marcar o lugar em que se devia estabelecer a povoação, e foram preferidos os lageados das Caldeiras e Cachoeiras, para onde com boas maneiras pode transferir a tribo dos selvagens que já falamos, comandada por Condá, a qual tantos receios causava, por estar até então instalada em um a campina chamada Iranin, a duas léguas do sertão (D'ANGELIS; FÓKÃE, 1994, p. 17).

A boa amizade do capitão Hermógenes Carneiro Lobo com o cacique Condá rendeu frutos nos anos que se seguiram, sendo que este passou a intermediar as relações entre brancos e índios na região a fim de reduzir os conflitos, o que resultou na condecoração de Condá com o título de capitão. Também para os seus subordinados, como o Tenente Viry e seus emergentes, conseguiu soldos e armamentos para manter a incursão quando necessário contra índios “hostis”.

Para D'Angelis (1995), Condá sempre trouxe bons resultados quando solicitado, sendo que, quando na missão de procurar o dono de uma comitiva atacado por índios não “mansos”, este voltou com crianças brasileiras e duas tribos indígenas que optaram por não mais viver isoladas. Isto fez com que Condá passasse a adquirir grande prestígio na província e com a maioria dos fazendeiros. Somente Pedro de Siqueira Cortez não via com bons olhos a ideia do aldeamento indígena, (...) trazendo consigo além de algumas crianças brasileiras de ambos os sexos, duas tribos de índios com suas mulheres e famílias, que tinham deliberado deixar a vida errante e se aldear-se, juntamente com os demais, nos campos de Palmas (D'ANGELIS; FÓKÃE, 1994, p. 18).

Hemogenes Carneiro Lobo acabou adoecendo, resolveu voltar a São Paulo para tratamento e levou consigo o cacique Condá. Após seu estado de saúde piorar, Carneiro Lobo não voltou mais ao Paraná. Tal fato resultou na admissão do fazendeiro Pedro da Siqueira Cortez para ocupar seu cargo na companhia de permanentes da polícia em Palmas, inimigo declarado do capitão Hemogenes e do cacique Condá. Logo após assumir o cargo, Cortez promoveu uma chacina em duas tribos indígenas das quais Condá era o líder, o que resultou em retaliações dos indígenas aos toldos e caravanas, culminando na demissão de Cortez.

3.1 O PROCESSO CONTRA O CACIQUE CONDÁ

Conforme Souza (2014), como o período de governo da província de São Paulo, cuja região de Palmas, Paraná, era subordinada, durara dois anos, Siqueira Cortez decidiu esperar a

posse do novo governador para tentar assumir o cargo novamente. Para isso resolveu criar um fato novo para justificar a matança dos índios, feita anteriormente, e, conseqüentemente, denegrir a imagem do cacique Condá: colocou a culpa de todos os ataques de indígenas a fazendas e às comitivas, desde o Rio Grande de São Pedro até o Paraná, ao Cacique Condá.

Para isso, forjou a documentação e instaurou uma petição no cartório da vila de Santo Antônio da Lapa, onde seu aliado político e capitão-mor, comandante da povoação de Palmeira, Domingos Ignácio de Araújo era o responsável.

A referida petição acusava os índios de Palmas de serem perigosos e atribuía a eles todos os ataques, pilhagens e mortes ocorridas no Sul, à tribo do cacique Condá e seus comandados. Para isso, documentou e ‘arranjou’ testemunhas para dar veracidade aos documentos. Porém, um fato chamou a atenção: das cinco testemunhas do processo contra Condá, quatro pertenciam à mesma família, os “Santos Pacheco”.

Alguns dias após a substituição do Presidente Joaquim José Luís de Souza, no dia 09 de janeiro de 1844, Pedro de Siqueira Cortez foi até a Vila Nova do Príncipe de Santo Antonio da Lapa, a pouca distância de seu lugar de origem, onde quem mandava era Domingos Ignácio de Araújo – a freguesia de Palmeira. Chegando ao cartório da vila, junto ao escrivão Francisco Videira de Almeida, ele instaurou uma petição de justificação ao juiz municipal, o capitão Antonio Alves de Oliveira, na qual procurou justificar que os “Índios de Palmas” eram perigosos, uma vez que comandavam os ataques e assassinatos na estrada do Sul na Província de São Paulo. Além disso, essa petição ainda afirmava que o comandante desses ataques, mortes e pilhagens, em tese, era Vitorino Condá. A ofensiva, dessa vez, deveria ser bem documentada e estava apoiada em testemunhos que davam substância jurídica a causa (SOUZA, 2014, p. 50).

Também, segundo o autor Souza (2014), as formulações de perguntas feitas às testemunhas eram mais afirmações do que propriamente perguntas. Junto a isso, foram colocados documentos que, ao mesmo tempo, que acusavam o Cacique Condá, solicitavam a volta de Pedro de Siqueira Cortez ao cargo, sob alegação de que o governador anterior não resolvera tal impasse. A tentativa de Cortez, que denominava os índios como bestas ferozes, que não deveriam ser considerados ‘povo’, era para desprestigiar Condá e o respeito deste junto aos indígenas da região. Desta maneira, justificava-se a matança de indígenas pelos seus homens, para grilar suas terras, uma vez que, através de contatos políticos, conseguia legalizar facilmente as propriedades.

(...) e do capitão Pedro de Siqueira Cortez em Palmas, que usurparam dos grupos comandados pelos Kaingang Estevão do Nascimento Veri e Vitorino Condá as terras indígenas nos campos de Palmas e Chapecó e que legalizaram suas posses com grande facilidade, já que operavam como cúmplices do aparelho de Estado. (...) Diz Pedro de Siqueira Cortez da Freguesia de Palmeira e nesta por seu procurador, que

para bem de seu direito precisa justificar o seguinte: 1º que tem havido muitas incursões dos Índios na estrada que segue para a Província do Rio Grande do Sul principalmente no mato Castelhana e em diversos pontos da Comarca de Missoens e Destricto da Vaccaria naquela Província, e que tem resultado muitas mortes e roubos, tanto nos viajantes como nos moradores daquele lugar. 2º Que os Índios mansos de Guarapuava e Palmas tem tido grande parte em todos estes ataques roubos e assassinios e que isto hé crido geralmente. 3º Que o Índio Victorino heacuzado geralmente de ser quem dirige todosos ataques e roubos que tem havido.6 O que se pode inferir sobre estes quesitos? Em meu entendimento, o fato e a relação jurídica que se quer mostrar nesta petição é que Vitorino Condá comandava os índios de Guarapuava e de Palmas, e ainda presidia e organizava os assaltos a moradores e tropeiros no ‘Caminho do Sul’ e na província de São Paulo” pode servir como mero documento sem caráter contencioso ou como prova em processo regular. Atesta o que declaram as testemunhas perante o juiz, não se admite defesa, contrariedade ou recurso, pois não há pronúncia sobre o mérito (SOUZA, 2014, p. 51).

Ressalta-se que os grandes fazendeiros e donos de comitivas de tropeiros eram sempre pessoas de muita influência em todas as esferas, principalmente, na política. Assim foi primordial que, dos cinco testemunhos dos fatos, quatro eram da mesma família, comerciantes de gado, fazendeiros e donos de tropas de grande prestígio na região, os irmãos “Pacheco”.

Segundo Suprinyak (2008), a família Pacheco possuía terras no Rio Grande do Sul, sendo que um dos membros dessa família, Clementino dos Santos Pacheco, morava no Paraná, e seguidamente vinha ao Rio Grande do Sul, cuja viagem ficara mais rápida devido à abertura da nova rota das missões que encurtou caminhos. Sendo assim, a rota preferida dos tropeiros e suas tropas, o que fez aumentar o fluxo de comitivas que iam a Cruz Alta pelo Goio-en e valorizou as terras do Alto Uruguai, o que abriu a possibilidade da venda por um bom preço.

Tais fatos foram vistos com bons olhos por Clementino dos Santos Pacheco, proprietário de terras no norte do estado do Rio Grande, em Mato Castelhana e outra Fazenda denominada passo do lageado na costa do arroio Passo Fundo (Fazenda Quatro Irmãos), área no norte do Rio Grande do Sul, pertencente a Passo Fundo, na época, este resolveu fixar residência nesta Fazenda a qual pertencia a referida a família, sendo seu irmão mais novo o Barão dos Campos Gerais. O intuito dos Pacheco era a expulsão dos indígenas que habitavam as matas da fazenda, e aproveitar a nova rota de comitivas que passava pelo Goyo-en a valorização das terras para vende-la.

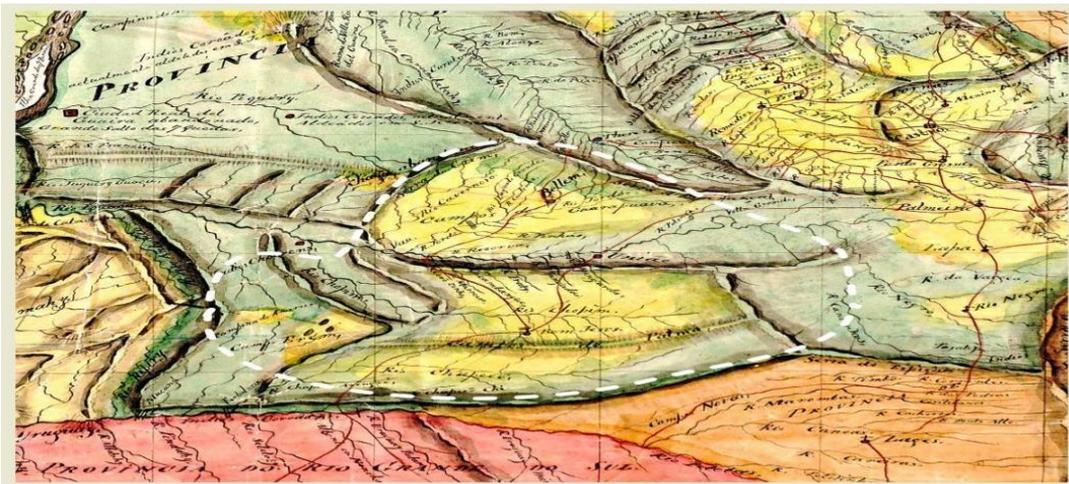
Os arrolados no processo, no caso em questão, são irmãos, negociantes de animais e donos de muitas comitivas de tropas. É desnecessário afirmar a importância da criação de animais no Brasil Império, principalmente quando se imagina o que representava as bestas de carga em um período, em que praticamente quase tudo era transportado sobre o lombo de bovinos e equinos. Os irmãos citados na documentação constituíam a família mais significativamente envolvida com os negócios de animais no sul da província de São Paulo, ao menos dentro do número de tropas que possuíam e foram registradas nos postos fiscais de Itapetininga e Rio Negro, local onde figuravam na lista dos maiores proprietários que cruzavam os registros, o que revelava o profundo

envolvimento dos Pacheco com o negócio de tropas” (SUPRINYAK, 2008, p. 43).

Destaca-se que existiam ataques indígenas às comitivas e às fazendas e que nem todos os índios aceitavam o aldeamento, preferiam viver isolados, mas quando acuada no seu território, com a chegada dos exploradores que impunham divisas e cerceavam as regiões de caça e pesca, de boa aguada e plantação, reagiam, resistiam e não aceitavam isolar-se ainda mais.

Assim, as terras hostis onde ainda existiam índios não catequizados, perdiam o valor no mercado de terras e, muitas vezes, eram abandonadas ou vendidas por quantias irrisórias para os proprietários desfazerem-se das propriedades. Foi o que aconteceu com a fazenda Quatro Irmãos, vendida à família Pacheco por dois negros escravos.

Figura 2 Parte da província do Paraná no Império - Adaptação de Spina



Fonte: Secção de mapas do arquivo nacional, Rio de Janeiro, 2012

3.2 A VINDA DE CONDÁ AO RIO GRANDE DO SUL

A partir desses fatos, Condá não quis mais ficar estabelecido no seu antigo aldeamento, preferiu ficar mais ao sul, na divisa atual do Rio Grande do Sul com Santa Catarina, entre os rios Chopin e Iguazu (atual município de Abelardo Luz – SC).

Então em 1844, devido acusações feitas por Pedro de Siqueira Cortez contra Condá, resolveu aceitar a proposta do filho do comandante do presídio de Guarapuava, Francisco Ferreira da Rocha Loures. Assim partiu para abrir um novo caminho para as missões, pelo lado oeste da província, saindo de Palmas, Paraná, até Cruz Alta, no Rio Grande do Sul.

Conforme Sponchiado (2013), pouco se sabia sobre a região norte da província de Rio

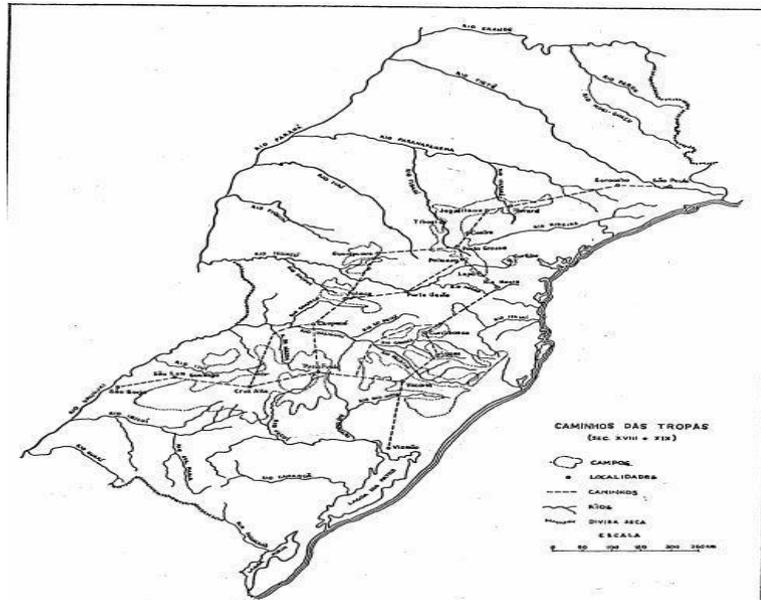
Grande de São Pedro somente que a presença de povoamento e habitações de brancos era quase nula.

A presença indígena na região, as primeiras descrições vêm dos relatórios e cartas entre os missionários, e destes com as autoridades, nos períodos das missões entre os índios Kaingáng de Nonoai e Guarita (1848-1850), que constam na obra do espanhol Pe. Rafael Pérez, SJ *La Compañía de Jesús restaurada en la República Argentina y Chile, el Uruguay y el Brasil*, publicado em Barcelona, em 1901 (SPONCHIADO, 2013, p. 12).

Na verdade, Rocha Loures precisava de Condá para a empreitada, pois o ataque de índios não mansos, com a presença de Condá na comitiva, era praticamente nulo. E, os Kaingangues, eram conhecidos por não aceitar passivamente, a invasão, e, na maioria das vezes, reagiam com violência atacando caravanas. Além disso, as notícias do temperamento do cacique Nonoay, em terras gaúchas, não eram muito boas. Também tinha ainda a questão da língua para a comunicação. Dessa forma e, acuado com um processo contra si e, em vésperas de ser preso, não restaram muitas alternativas para o cacique Condá em aceitar tal convite, mesmo vindo do primogênito de um dos seus desafetos.

Cumprir esclarecer o papel de Condá nesse processo de ocupação brasileira que, iniciando em Palmas, em 1839, determinará a primeira penetração de efetiva ocupação no Oeste Catarinense, para atravessar o Rio Uruguai (Goio-En) e atingir os Campos de Nonoai, em 1845. Condá pertencia às hordas Kaingang, que haviam aceitado a convivência pacífica com os fazendeiros em Guarapuava. Seu papel colaboracionista ficará marcado no apoio à penetração brasileira nos Campos de Palmas e, em seguida, de Nonoai, no Rio Grande do Sul (D'ANGELIS, 1995, p. 285).

Figura 3 Caminhos de Tropas do Brasil meridional (séculos XVIII e XI)



Fonte: (BALHANA, MACHADO, VEGTPHALEN, 1969, p. 96)

Dentro dessas condições estão correndo o processo contra o índio Vitorino Condá. A partir da documentação enviada, em maio, para o presidente da província de São Paulo, as condições de permanência de Condá na região de Palmas ficaram quase que insustentáveis. Talvez essas motivações e situações fizeram Vitorino Condá aceitar no ano de 1844, o convite de Francisco Ferreira da Rocha Loures, o primogênito do capitão, comandante do presídio em Guarapuava, Antonio da Rocha Loures, para realizar a tarefa de tornar possível e viável a “Estrada das Missões”, o caminho entre Palmas e Cruz Alta na província de São Pedro (SOUZA, 2012, p. 58).

3.3 A PERMANÊNCIA DE CONDÁ NO ALDEAMENTO DE NONOAY

A abertura de uma picada, desde Ponta Grossa-PR, em direção ao Goyo-En – RS, deu-se com êxito até chegar nas terras do Alto Uruguai Gaúcho, nos campos de Nonoay, onde imperavam as ordens do cacique do mesmo nome. Mesmo assim, com a interferência de Condá, a passagem da comitiva que abriu a estrada, aconteceu sem conflitos. No retorno da missão, Condá resolveu permanecer no aldeamento de Nonoay e viver uns tempos com sua gente.

O trabalho foi realizado em 1845, contando Rocha Loures com a indispensável colaboração de Vitorino Condá, conforme a referência antes transcrita, de Pinto Bandeira. Por sua vez, da tradição oral dos Kaingang de Nonoai temos a seguinte referência: “O índio Condá, ele morava aqui (em Chapecó ou Santa Catarina). Quem era mesmo de Nonoai era o Nonowöyn não se dava com os brancos, sempre brigava. O índio Condá foi lá dizer prá ele: vamos parar, vamos acalmar. Então ele parou (D’ANGELIS, 1995, p. 291).

Salienta-se que a nova rota para as missões resultou em um atalho, e, através dele,

fazendeiros paranaenses e paulistas viam a oportunidade de adquirirem novas terras ao norte do estado do Rio Grande de São Pedro sendo que alguns sesmeiros já possuíam propriedades, como era o caso dos irmãos Pacheco.

Todas essas vias de comunicação, que têm relação com a questão, estão compreendidos entre a margem esquerda do Yguassú e a direita do Uruguay. Elas pertencem à estrada geral que do município de Castro se dirige, por Guarapuava, ao território das Missões, no Rio Grande do Sul, estrada de muita importância, porque tem sobre a do Rio-Negro, a vantagem de encurtar de muitas dezenas de léguas a distância que percorrem as tropas, no seu trajeto para a feira de Sorocaba, e a outra não menor, que é a de não atravessar o município de Lages, livrando-se, d'estarte, o comércio dos impostos ali estabelecidos, por conta da Província de Santa Catarina (D'ANGELIS, 1995, p. 292).

Também por conta do encurtamento da distância para as missões e para livrar-se dos impostos que eram cobrados pela rota de Vacaria\Lages, o fluxo de caravanas e pessoas aumentava rapidamente, fazendo com que os índios que se aldeavam nas margens desta rota, ou tornavam-se 'mansos' e conviviam com os passantes, ou hostis e embrenhavam-se nos matos para aldear-se longe das rotas portuguesas, indo em direção às matas de Missiones, na Argentina, ou ao Irani, na encosta do rio Uruguai, lugar onde sentiam-se mais seguros.

Á essa época, a população indígena do Oeste Catarinense iria distribuir-se pelo território em função de sua postura ante a ocupação brasileira. Os que aceitavam essa ocupação ou buscavam alianças com o invasor, aproximavam-se da estrada Palmas- Goio-En, ao longo da qual transitavam as tropas de gado e os extratores de erva-mate. A estrada vai se pontuando de paradas ou pousos, sendo os mais antigos o Xapecó, o Xanxerê, o Pamital, o Passo do Carneiro e o Goio-Em. Já os grupos hostis a esta penetração refugiam-se mais longe da rota da estrada, embrenhando-se no mato (D'ANGELIS, 1995, p. 296).

Sabedor de tais acontecimentos, Rocha Loures foi a Porto Alegre e sugeriu ao governo da província um aldeamento indígena nos campos de Nonoay. Após, colocou o Cacique Condá como Capitão, o mesmo cargo que este desempenhava no Paraná, para apaziguar os ânimos uma vez que, na referida região, não havia grande contingência de indígenas Kai gangues, porém havia muitos conflitos entre eles.

Assim, o governo do Rio Grande do Sul, através de Rocha Loures, ofereceu um soldo ao Cacique Condá que passou a prestar serviço em solo gaúcho, dessa forma, permitindo a entrada, primeira, dos portugueses e, posteriormente, o povoamento desta parte da província. "Era realmente impressionante a ascendência de Condá entre os demais caciques, tanto em Palmas, como no Irani, como no Nonohai" (RIESEMBERG, 1978, p. 82).

A partir da vinda dos imigrantes, os toldos indígenas, como os de Guarapuava, foram

extintos ou grilados, e os indígenas destes toldos foram transferidos para Palmas e os outros vivendo sem o amparo governamental. Em Nonoai não foi diferente, mas a tentativa de transferência em massa dos toldos da região para o de Nonoay não surgiu o efeito esperado porque os indígenas não aceitaram essa condição. Somente os da Guarita, do cacique Fongue, vieram se juntar ao toldo do cacique Nonoay.

(...) na então Província de São Paulo, a Assembleia Legislativa propõe a transferência do aldeamento de Guarapuava para juntar-se ao de Palmas, na Província do Rio Grande do Sul o Governo tenta igualmente reunir em Nonoai toda a população indígena da Província, promovendo transferências forçadas dos grupos localizados em outros pontos do território. O processo só funcionou parcialmente em relação aos índios de Guarita, com a fixação da gente do cacique Nonoai (D'ANGELIS, 1995, p.300).

A leitura dos textos destaca também que os próprios exploradores que abriram a estrada Palmas/Cruz Alta, se apossaram das terras do Alto Uruguai (aquelas que ainda não tinham sido griladas). Laytano (1957), afirma que o primeiro diretor do aldeamento João Cipriano da Rocha Loures, irmão de Francisco da Rocha Loures, que era diretor geral dos índios, após 1855, foi o primeiro a ocupar vastas extensões de terras no Alto Uruguai, fato apontado pelo próprio presidente da província.

Também o alferes Clementino dos Santos Pacheco tentou a expulsão dos indígenas na região para apossar-se de suas terras. D'Angelis (1984) conta sobre Clementino, “este era irmão do juiz de direito José Gaspar dos Santos Lima, genro, por sua vez do diretor do aldeamento de Nonoay” – que usou desta condição para grilar terras na região, além de que também era irmão do Barão dos Campos Gerais, Davi dos Santos Pacheco, que residia no Paraná. Com isso, as reclamações dos indígenas não eram ouvidas e não resultaram em efeitos positivos para os índios.

A tática empregada era a mesma desde os campos de Guarapuava e Palmas- PR: onde recrutavam os caciques e os índios que eram respeitados pela tribo oferecendo-lhes soldos e depois usavam-nos como ‘Bugreiros’ contra outras tribos para expulsá-las e ou aldeá-las em toldos pré-estabelecidos no Alto Uruguai e no toldo de Nonoay.

Em março de 1854, dirigiu-se para Porto Alegre, o cacique Antonio, de Erexim, com sua esposa e dois outros índios, queixar-se ao Presidente da Província de que o Diretor do Aldeamento de Nonoai pressionava-nos para que abandonassem seus campos e seguissem para aquela aldeia. Disseram que estavam bem arranchados no Erexim, onde plantavam e faziam erva e, com a venda dos referidos produtos, tiravam seu sustento. Por fim, queixaram-se, também, dos fazendeiros Clementino Pacheco e Antonio Joaquim, que dividiram entre si os Campos dos Kaingangue queriam expulsá-los para fora (D'ANGELIS, 1995, p. 301).

Nota-se que a grilagem de terras no Alto Uruguai Gaúcho, também foi constante, pelos seus exploradores, citando apenas os responsáveis pela nova rota das missões, como Rocha Loures e Clementino Pacheco (dentre outros não citados), aproveitando-se da sua condição perante a coroa e ou de grandes fazendeiros no Paraná. Os acontecimentos em todo o Alto Uruguai e Nordeste do estado com os kaingangues continuaram em 1854, e, vendo que suas reivindicações não eram atendidas, Pedro Necafi, genro do Cacique Condá, atacou uma das sedes da fazenda Quatro Irmãos, de Clementino Pacheco, fechando o acesso à mesma.

Em resposta as suas reclamações não houve providências oficiais, mas recrudesceram as pressões dos fazendeiros e do Diretor de Nonoai. Em outubro do mesmo ano, os Kaingang desmancharam a mangueira construída por Clementino nos seus campos, bem como incendiaram a casa que construiu, atropelando animais invernados ali – inclusive matando alguns -, trancando finalmente a estrada do campo com cerca de tronqueiras falquejadas. A informação é do próprio Pacheco, que se queixou do fato ao Diretor de Nonoai por ofício de 19/10/1854 (D'ANGELIS, 1995, p. 301).

Devido às tribos Kaingang não conseguirem viver juntas e possuírem várias desavenças, o que proporcionava brigas, ataques e mortes entre si, e por conta da rivalidade acirrada entre os caciques na região do Alto Uruguai, o governo partiu para a prática de recrutar vários caciques para o serviço de Bugreiros. Entre eles: Fongue, Portela, Votouro, Prudente e ainda o cacique Doble, no nordeste do Rio Grande.

Tal fato desencadeou um verdadeiro caos entre os próprios indígenas, uma matança entre si, pois, quando o estado contratava o serviço de um, este certamente agiria contra a tribo do outro. Criava-se assim um sentimento de vingança entre ambos.

(...) No mês de julho, um grupo Kaingang invade a fazenda de Joaquim de Macedo, assassinando-o juntamente com o genro, um filho e um peão. O fato é atribuído a três filhos do Cacique João Grande e um irmão do Cacique Pedro Nicafi. Os quatro acusados são perseguidos na mata por um grupo de índios liderados pelo “bugreiro” Luiz Portela e são executados sumariamente. Um filho de Manoel Grande, do Grupo de Nicafi, assassina Luiz Portela em represália (D'ANGELIS, 1995, p. 302).

Esses entraves fizeram com que Condá e seu genro Pedro Nicafi começassem a ficar contra o projeto, pois eram conhecedores do que acontecera com os indígenas em Guarapuava-PR e, além de estarem lutando contra os seus, sendo que ainda existia Clementino dos Santos Pacheco, desafeto de Condá, que fora testemunha de Pedro de Siqueira Cortez no processo contra ele, em Guarapuava, Paraná pelo qual quase fora preso.

(...) porém, os fazendeiros e o Governo Provincial parecem cada vez mais valorizar a fidelidade demonstrada por Fongue, Portela e Prudente, no Alto Uruguai, e Doble nonordeste rio-grandense, na função de “bugreiros” da Província. A invasão dos Campos Kaingang do Erechim colocará Condá e Nicaí definitivamente contra o empreendimento oficial naquela região (D’ANGELIS, 1995, p. 301).

Novamente, se ressalta que Clementino dos Santos Pacheco não residia na fazenda Quatro Irmãos/Erechim. Somente passou a morar ali a partir da nova rota para as missões, aberta por Loures e Condá e que, a partir dessa rota, as terras passaram a deter um grande fluxo de pessoas vindas, principalmente, de Palmas/Guarapuava, o que gerou uma maior valorização das mesmas para futuras vendas. Foi o que aconteceu logo após, com a fazenda Quatro Irmãos, que foi vendida para a (ICA), Jewish Colonization Association. Esclarece-se que viviam cerca de 200 índios nesta região, comandados pelo cacique Pedro Nicaí, genro de Vitorino Condá.

Ratifica-se tal escrita, com Mariza Scheneider Nonnemacher (2000, p. 71), em seu livro *Aldeamento Kaikang no Rio Grande do Sul, século XIX*:

A oeste de Arechim, encontrava-se mais dois campestres menores, ainda não abertos pelos portugueses, chamado Capore (Capoerê), que os índios diziam estarem sepultados seus antepassados, o outro campestre, chamado Aribangue (hoje Erebangue, que seriam os campos denominados Três Cerros (Ofício, 14 de jan. 1854).

No ano de 1852, observamos que, em seu relatório anual ao Presidente da Província, Andrade Neves, Diretor Geral dos índios, já faz menção aos campos de Arechim, dizendo que “debaixo da influência do cacique Pedro Nicaí existem ali duzentos índios e que vivem nesta parte há quatro anos sem diretor” (relatório, 24 ago. 1852).

3.4 O ASSASSINATO DE CLEMENTINO SANTOS PACHECO

3.4.1 Proprietário da fazenda Quatro Irmãos

Ainda, Mariza Scheineider Nonnemacher (2000), relata que em 1854, o Capitão Antonio, uma “china” e mais dois índios foram à capital, queixar-se ao Presidente da Província, que Clementino dos Santos Pacheco havia se apossado de “uns campos que pertenciam a eles” e esperavam que o governo tomasse providências. Todavia, Clementino não se apossara somente das terras indígenas, mas também da terra de brancos, embasado em seu poderio econômico e político (grifo nosso).

Mesmo sendo respeitado pelos índios e ter conseguido contornar vários conflitos, o diretor do aldeamento de Nonoay, José Joaquim de Oliveira, sofreu algumas acusações e

quando viu que nenhuma das suas reivindicações foi atendida, pediu demissão. No seu lugar, assumiu o cargo o padre Antonio de Almeida Leite Penteado. Com isso, os conflitos chegaram ao ápice.

Ainda, conforme Mariza Nonnenmacher (2000, p. 72) “se foi coincidência ou não, o fato que as acusações sobre o diretor Oliveira aparecem justamente, em um momento delicado, onde tudo indica que os conflitos estavam “prestes a acontecer”.

Sequencia-se que, no mês de janeiro de 1956, Pedro Necafi e seu grupo prepararam uma tocaia e foram à sede dos Três Cerros, sede pertencente à fazenda Quatro Irmãos de Clementino dos Santos Pacheco. Lá, foram convidados a almoçar e, aproveitando-se da oportunidade, mataram Clementino, seu filho e mais quatro pessoas da sua comitiva.

No sossego da mesa e quando cada um dos que deviam morrer estava com seu algoz ao lado, houve um sinal e foi do assalto, seis infelizes ali tombaram transpassados de inúmeros golpes. No conflito puderam escapar ao punhal mostro, a mulher do capataz, três crioulinhos menores e um negro criado (NONNENMACHER, 2000, p. 108).

Tais fatos constam no livro Tombo da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição em Cruz Alta, sobre os óbitos resultantes do ataque a Fazenda, com os nomes das vítimas e a idade de cada um.

No livro do Tombo da paróquia de N. Sra. da Conceição, Livro I, Folha 8, constam os seguintes assentamentos de óbitos das pessoas assassinadas pelos bugres: Clementino Santos Pacheco, 47 anos, casado com Miguelina Ubaldina da Silva; José Pacheco Carvalho, 31 anos; Manoel Pacheco, filho de Clementino, 16 anos; José Antônio, 45 anos; Vitorino, filho de Antônio, 18 anos; Juan, escravo de Clementino, casado com Florinda (FELDMAN, 2003).

Conforme (D Ángelis, 1995), o fato é resultante de vários outros acontecimentos anteriores ao ocorrido, pela grilagem de terras dos indígenas, e o confronto resultante desses episódios

Todos esses fatos não convenceram as autoridades da gravidade da situação. Em janeiro de 1856, um grupo de dez homens e cinco mulheres Kaingang atacam a chamada Fazenda Três Serros, de Clementino dos Santos Pacheco, e alias assassinam fazendeiro, seu filho e um sobrinho, seu capataz e um filho deste, mais um escravo (D'ANGELIS, 1995, p. 302).

A partir desse ocorrido, o grupo de Pedro Necafi foi perseguido e morto com a ajuda da força nacional e dos bugreiros Fongue (o mesmo que estava aldeado em Nonoay com Vitorino Condá), Prudente e mais uma milícia de fazendeiros da região. Mesmo sendo sogro de Necafi,

e ser um desafeto assumido de Clementino, o cacique Vitorino Condá, primeiramente, não foi acusado e, posteriormente, foi chamado a depor, mas não compareceu, já estava no Paraná.

(...) uma perseguição implacável ao grupo Nicaí com a participação da Guarda Nacional, dos grupos dos “bugreiros” Fongue e Prudente e de um grupo dos próprios fazendeiros. Trinta pessoas do grupo de Nicaí foram presas, e três morreram no ato de resistir a prisão. Pedro Nicaí, um irmão seu e mais dois líderes do grupo foram executados sumariamente, algemados, antes da escolta que os conduzia chegar a PassoFundo (D’ANGELIS, 2016, p. 19).

Dois meses depois do acontecimento desses fatos, Vitorino Condá saiu do acampamento de Nonoay e levou consigo mais de oitenta indígenas entre homens, mulheres e crianças. Também debandaram da aldeia e embrenharam-se nos matos, os índios do grupo de Pedro Necaí que ali estavam, com medo de represálias, pois um dos que matou Necaí, foi o cacique Fongue, da Guarita que tinha vindo há pouco tempo aldear-se em Nonoay

(...) que Victorino Condá se retire de Nonoai no final de março ou começo de abril de 1856 e vá estabelecer-se no Xapecó, levando consigo muitos Kaingang, ao mesmo tempo em que debandam do aldeamento de Nonoai outros tantos Kaingang que procuravam embrenhar-se nos matos, conforme a testa fartamente a documentação da época. Acompanham Victorino Condá, na sua saída de Nonoai, “oitenta e tantos homens e mulheres”, segundo o Diretor Geral dos índios do Rio Grande do Sul; mas assentam-se com ele no Xapecó apenas “quarenta e uma pessoas de ambos os sexos e idades”, segundo informações do Diretor Geral dos Índios do Paraná, Francisco Rocha Loures (D’ANGELIS, 1984, p. 45).

Por conseguinte, perante o caos que se formou durante os nove anos que ficou fora, no Rio Grande do Sul, Condá, novamente foi convocado a prestar serviços para a província de São Paulo, permanecendo ali até sua morte, em 25 de maio de 1870. Afirma-se tal informação com Pedro Ribeiro de Souza, Diretor do aldeamento de Palmas.

Levo ao conhecimento de V.Excia que no dia 25 de maio, faleceu no aldeamento do Xapecó, o major Victorino Condá, Cacique geral do mesmo, e estando os índios em desarmonia a respeito de quem governe, tenho a ponderar a V. Excia que existe na freguesia do aldeamento o cacique Viry, que V.Excia poderá nomear em lugar do falecido, por ser um índio de 50 a 60 anos de idade, fiel e respeitado pelos índios, o qual certamente obedecerão (D’ANGELIS; FÓKAÊ, 1994, p. 27).

3.5 AS REVOLUÇÕES DE 1893/1923 E A FAZENDA QUATRO IRMÃOS

A partir dos esclarecimentos abordados no texto sobre a trajetória e os feitos do índio Condá em solo da Fazenda Quatro Irmãos e seguindo uma linha temporal dos fatos, acontecidos na Fazenda, esta, viveu alguns anos de Calmaria até a venda pela viúva de ao seu irmão cunhado

de Clementino. Sobre a revolução Federalista, somente ocorreram escaramuças na parte que confrontava, hoje, com o município de Paulo Bento, como discorreremos a seguir.

Dessa forma, afirma-se que antes da proclamação da República, em 1889, o governo gaúcho sempre esteve nas mãos dos estancieiros, possuidores de grandes extensões de terras, como Silveira Martins que era muito próximo a Dom Pedro II. A fazenda Quatro Irmãos, neste período, logo após a morte de Clementino Pacheco, em 1857, a viúva deste Miquelina Ubaldina da Silva, também faleceu em Palmeira, no Paraná. Com inventário, as terras da Fazenda Quatro Irmãos ficaram com seu irmão, cunhado de Clementino, Francisco de Paula Teixeira, que a trocou com seu irmão, Manuel de Paula Teixeira e sua mulher, por uma área de terras no Paraná, denominada Castelhanos, comprada de Rita Maria de Jesus. Constata-se parte na escritura, no livro do tabelionato do Paraná, abaixo transcrita.

Em 1857, foi transcrita, no livro do tabelionato de Palmeira, uma escritura lavrada na freguesia de Passo Fundo, termo da vila do Espírito Santo da Cruz Alta, comarca de São Borja, província do Rio Grande do Sul, onde consta que Francisco de Paula Teixeira fez uma permuta com seu irmão Manuel de Paula Teixeira e sua mulher Ana Carneiro de Paula, todos moradores na freguesia da Palmeira, província do Paraná: “Uma parte de campos que tinha tocado a ele trocante Manuel de Paula Teixeira e sua mulher na estância denominada Quatro Irmãos, distrito da freguesia de Passo Fundo, que lhes houve de pertencer no inventário e partilha de sua falecida irmã Dona Miquelina Ubaldina da Silva, e permutaram com seu irmão Francisco de Paula Teixeira por uma parte de matos e campos de cultura que ele possuía na fazenda denominada Castelhanos, província do Paraná, cujas partes possuía ele dito senhor por compra que fizera ao seu cunhado Patrício Teixeira de Oliveira e sua mulher, dona Antonina Rita Maria de Jesus (PEREIRA, 2008, p. 80).

Ainda sobre a Revolução Federalista de 1893, sabe-se que houve algumas escaramuças na região do município de Paulo Bento que, na época, grande parte das suas terras pertencia a Fazenda Quatro Irmãos. Em um documento fornecido pelo Cel. Raul Barbosa, subprefeito de Paulo Bento ao padre Benjamim Busato relata-se que João Barbosa de Albuquerque e Silva produziu um documento na tentativa de ser ressarcido dos prejuízos que levava em decorrência da passagem das forças revolucionárias por suas terras.

O denominado Campo Erechim está situado no município do mesmo nome, entre os Rios Cravo e Erechim, nas imediações do Chapadão. Segundo documento fornecido pelo Cel. Raul Barbosa, subprefeito de Paulo Bento ao Pe. Benjamin Busato, seu ancestral João Barbosa de Albuquerque e Silva, morava nos campos de Erechim, desde o ano de 1872. Em maio de 1893, possuía em seus campos, 800 cabeças de gado vacum e mais 250 cavalos. O documento em questão era uma justificativa para obter indenização por roubos e outras maldades cometidas pelos revolucionários e outras forças na revolução de 1893, em sua fazenda nos Quatro Irmãos e no Campo Erechim, onde morava. Em certa altura, diz o documento: ... “que teve durante o referido mês (maio 93) aviso por parte das Autoridades Federais e Estaduais de se retirar do município (Passo Fundo) ou de acautelar-se contra

qualquer assalto a mão armada oriundas das forças revolucionárias e de garantir a ordem e propriedade de seus habitantes, tanto da cidade como de seus municípios (nota: na época Erechim fazia parte do 3º distrito de Passo Fundo e chamava-se Alto Uruguai. Criado em 1858, compreendia parte de Palmeira e tinha sua sede em Nonoai).

(...) que assim, continuava o documento – se achava esta cidade e município, quando na manhã de 31 de maio deste ano, foi o município invadido por uma força revolucionária superior a mil homens[...]parte dos quais seguiram para o 3º Distrito com João Carlos Schwartz (conhecido também por João do Engenho), Juvêncio Faria, Sebastião Pires – no dia último com 20 e tantos homens armados com o fim de reunirmos gente naquele lugar, e ali chegados acamparam-se em campos de criação do justificante no lugar denominado Erexim (com x), e no dia 5 do referido mês, às seis horas da manhã, chegados a casa do justificante aí penetrarão, arrombarão as portas esaquearão os gêneros do seu comércio, trens de casa, que consigo levarão, e parte destes, como sejam fazendas. Prenderão aos índios domesticados que estacionavam naquele lugar e imediações – o que, assim procediam no intuito de aliciar os índios para fins revolucionários. Como sendo o acampamento dentro dos campos do justificante, conseguiu Schwartz reunir mais de 180 homens (nota: observe-se como havia gente neste sertão) que ali se conservaram até perto de fins de junho, estragando e destruindo tudo quanto encontravam, como sejam: casas, animais bravios e mansos, gados e porcos. A gente da casa que podiam prender iam para o castigo ou a degola (sic)”. Continua o documento: “As primeiras forças que bateram o acampamento do Schwartz foram as do Major José Claro de Oliveira, Capitão Manoel Bento de Souza, depois as forças do Capitão Alipio Ferreira Leão, Francisco Lopes de Oliveira... Até hoje se conserva avultado número ali, porque mesmo sendo campo entremeio do Sertão e sem comunicações (...) e termina: “sendo o prejuízo acima de 15.810\$700 réis” e é o que pede de indenização” (DUCATTI NETO, 1981, pg. 56-57).

4 O CAUDILHO LEONEL ROCHA

Para dar sequência ao texto, será registrado o papel exercido pelo caudilho Leonel Rocha. O propósito deste capítulo é, mantendo a linha de raciocínio sobre fatos históricos ocorridos na Fazenda Quatro Irmãos, abrimos também este precedente para pesquisar sobre a figura deste General Maragato que lutou dentre outras revoluções, também no combate em Quatro Irmãos, fez parte da Coluna Prestes em Quatro Irmãos e escolheu viver seus últimos dias na grande Erechim onde está enterrado. Salienta-se que muito pouco se sabe sobre o fato o qual veremos a seguir.

Segundo Voltaire Schilling, no artigo *Ideologia e História* (2009), o caudilho é um líder carismático, encontrado no século XIX, no contexto das lutas de fronteira. A medida que se proclama a República, ocorrem alterações significativas no perfil destes chefes políticos-militares. “Os coronéis do império eram incontestavelmente os da fronteira e os da campanha, com nítido acento caudilhista, militar e com influência da região da prata”. “O caudilho” gaúcho teve seu poder reconhecido mais pelo consenso do grupo social do que pela força. Mesmo o escritor Artur Ferreira Filho (1963), que pelas suas obras tinha um viés legalista, enalteceu em seu livro *Revoluções e Caudilhos* a figura de Leonel Maria da Rocha:

Leonel Rocha embora sem letras, era um espírito dotado de lucidez, o que situava em posição de ascendência entre os brancos moradores daquele sertão. Além disso dizia-se um perseguido pelo crime de lutar pela liberdade de sua terra e dos oprimidos, contra a força opressora dos poderosos. Essas credenciais tangiam o coração do caboclo, carreando ao caudilho caipira ondas de simpatias e devotadas solidariedades (FERREIRA FILHO, 1963, p. 118).

Leonel Rocha foi à contramão dos demais caudilhos gaúchos, pois não tinha posses e não as possuía até sua morte em Erechim-RS, onde morava numa casa de aluguel até seus últimos dias. Mesmo na Fazenda Quatro Irmãos que não fazia parte de grandes embates durante a Revolução Federalista de 1893, houve escaramuças, principalmente, onde é hoje o município de Paulo Bento. Nessas escaramuças, lutou nas duas batalhas-1893/1923, um personagem histórico que mais tarde também combateria e faria parte da história da Fazenda, o caudilho revolucionário Leonel Rocha.

“O caudilho a pé” como fora chamado foi a força do mato. Segundo Lurdes Grolli Ardenghi (2007) representou os “despossuídos” em suas lutas, “não possuía o penacho dos senhores a cavalo”. Primeiramente, lutou pela Revolução Federalista de 1893, engajou-se nas fileiras maragatas do Coronel Ubaldino Demétrio Machado, onde como pequeno arrendatário,

viu seu direito de ir e vir negado e, ao invés de ir embora, resolveu lutar, e fez disso também sua bandeira. Em 1923, desta vez, pela revolução Assisista, defendeu reformas políticas e de atuação no governo do estado no qual Borges de Medeiros se reelegeria novamente naquele ano.

Após o tratado de paz, inconformado e sabedor das poucas mudanças na política estadual desde 1893, resolveu não interromper sua luta. Manteve-se mobilizado, primeiramente, nas fileiras da Coluna Prestes, e fez por intermédio desta, sua luta contra as companhias colonizadoras que demarcavam e loteavam áreas de terras gaúchas sem se importar com o caboclo/nativo e o índio que ali viviam. Estes sem o direito de posse eram “empurrados” mata adentro e ou confinados a morar em vilas servindo de mão de obra barata às levadas de europeus que desembarcavam no Rio Grande do Sul. A luta de Leonel Rocha tornou-se solitária e, na Argentina, teve que procurar abrigo dos seus adversários em várias situações, desde 1893.

Figura 4 General Leonel Rocha



General Leonel Rocha

Fonte: Álbum dos Bandoleiros. Revolução sul-rio-grandense: 1923

A relevância da biografia do General Leonel Rocha para a historiografia regional é incontestável. Dessa forma, não poderemos contar a passagem da Revolução Federalista de 1893 e também a Assisista de 1923, sem mencionar seu nome e suas ações em Palmeira das Missões, Erechim e Quatro Irmãos. Buscando, dessa forma, o elo entre esse caudilho, seus feitos, sua passagem pelo norte do estado (Quatro Irmãos, Erechim) e o tema proposto no trabalho: Fatos históricos que marcaram Quatro Irmãos, em especial a Fazenda Quatro Irmãos e suas relações.

Figura 5 Certidão de óbito de Leonel Rocha

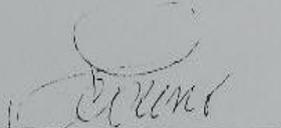

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
 ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
 OFÍCIO DO REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS NATURAIS
 ERECHIM - SEDE
 AV. SETE DE SETEMBRO, 431/101 - FONE: (054) 321-1651

CERTIDÃO DE ÓBITO

Certifico que no livro "C" nº. 08, nele às folhas 158F, sob nº. 2167, consta o termo de Registro de Óbito de "LEONEL MARIA DA ROCHA", de cor branca, do sexo masculino, ocorrido em domicílio, nesta cidade, no dia vinte e um (21) do mês de dezembro (12) do ano de um mil novecentos e quarenta e sete (1947), às 15 horas e 00 minutos, funcionário público aposentado, natural do Estado do Rio Grande do Sul, domiciliado e residente em Erechim, Rio Grande do Sul, com 82 anos de idade, viúvo de Ana Aurora Martins da Rocha, filho de João José Maria e Candida da Silva Rocha. O atestado de óbito foi firmado pelo(a) Médico(a) Dr(a). João Santo Cabrera, dando como causa do falecimento: "edema agudo de pulmão". O sepultamento foi feito no Cemitério desta cidade. Com bens a inventariar. Sem testamento conhecido. Deixou os filhos: Francisca, Ernestina, Arlinda, Laura, Maria, Francisco Trindade, Luza, Luziano, Silveira, Claudio e Lucia. Foi declarante: José Ziz, industrialista, residente nesta cidade. O termo foi lavrado no dia vinte e dois (22) do mês de dezembro (12) do ano de um mil novecentos e quarenta e sete (1947), pela Oficial Substituta, Melinda Leopoldina Tedesco. Obs.: Nada consta à margem do termo. O referido é verdade e dou fé. Enrolamentos: RF 7,30.

Erechim-RS, 20 de agosto de 1998.

REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS NATURAIS
 ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
 AV. SETE DE SETEMBRO, 431/101
 ERECHIM - RS
 CEP: 97200-000



Oficial Substituta
 MELINDA LEOPOLDINA TEDESCO

FIRMAS

São Paulo - SP: 24.ª Tab.ª Rua Sen. Felício, 155 - Centro
 Rio de Janeiro - RJ: 18.ª Tab.ª Av. Pres. 435 22.ª Andar
 Porto Alegre, RJ
 1.ª Tab.ª Rua Andrade Neves, 150
 1.ª Tab.ª Rua Andrade Neves, 90

4.1 BIOGRAFIA DE LEONEL ROCHA

A “História dos vencidos” é mais difícil de contar, pois os meios bibliográficos e orais, com o passar do tempo, vão se apagando da memória, e somente a “História dos vencedores” é contada repetidas vezes. Isto fez com que desaparecessem as fontes primordiais para um bom desenvolvimento das pesquisas. Somente aqueles que desenvolviam o poder da escrita, na época, acabavam dissertando sobre os fatos, colocando o seu posicionamento e ou interpretação destes. Muitas vezes, enaltecendo os “vencedores” e esquecendo os de menor expressão no seu ponto de vista: os “vencidos”, que não raramente, debandavam-se para outras regiões com medo de represálias e tinham suas histórias esquecidas ou não contadas.

O coronel Leonel Maria da Rocha foi uma exceção dentre esses caudilhos. Não se detalhará neste trabalho, a total biografia desse caudilho, pois o foco principal do mesmo é a passagem de Rocha e das revoluções gaúchas em Quatro Irmãos. Contudo, tentar-se-á relacionar a vida deste com os fatos mais relevantes para o melhor entendimento.

Em seu texto, *Caboclos, Ervateiros e Coronéis*, Lurdes Grolli Ardenghi (2007), menciona o fato de que Leonel Maria da Rocha morreu pobre e sem posses, vivendo de uma aposentadoria e é por meio deste que se reúnem as fontes mais completas da biografia de Leonel Rocha, onde buscar-se-á elementos para este trabalho.

O poder do mato, tem como líder Leonel Rocha, que apresenta um perfil diferenciado do coronelismo estudado, pela sua origem e características pessoais. Conforme Arthur Ferreira Filho, “representou outra categoria social. Era um pequeno agricultor, muito pobre, que trabalhava de enxada em terras que nem lhe pertenciam. Não se achava integrado, nem por si, nem por sua ascendência, à aristocracia rural do Rio Grande do Sul”. No entanto, manteve mobilizados significativo número de caboclos, durante grande parte da República Velha, o que lhe valeu o título de caudilho a pé. Sua presença marca a oposição ao coronelismo que se manifestou em lutas armadas durante todo período da República Velha (ARDENGHI, 2003, p. 22).

Também ao realizar a pesquisa de fatos equivalentes e de maneira inédita da passagem de Leonel Rocha com sua tropa em Santa Catarina, no município de São Joaquim, alguns fatos vieram a acontecer para assim, mostrar a hombridade deste caudilho. Hombridade está comprovada com a atitude de devolver o cavalo para um homem, após este ter perdido o seu com um tiro de um componente de sua tropa. Também ao oferecer ajuda com dinheiro a uma mulher com filhos pequenos, que teve a vida de seu esposo tirada por um erro de um soldado da tropa. Tais fatos foram contados pelo pároco do distrito de São Joaquim- SC.

No texto do padre João Alberto Hickmann, publicado na Revista Estudos em 1955,

revela-se a trajetória maragata de Leonel Rocha, nascido aos 13 de outubro de 1865, em Taquari, no interior do distrito daquele município, chamado Bom Retiro do Sul. Consta também que seu pai lutara na Revolução Farroupilha, 1835/1845 e que Leonel da Rocha, ainda moço, mudou-se para Palmeiras, hoje município de Palmeira das Missões-RS, onde viveu como arrendatário filiado ao partido federalista.

Quando explode o movimento de 1893, resolveu reunir sua tropa de gado e mudar-se para o estado do Paraná, mas, às vésperas de seguir viagem, foi avisado de planos para eliminá-lo, juntamente com outros companheiros políticos. Decidiu, então, participar ativamente nas lutas, apresentando-se ao chefe revolucionário local: Coronel Ubaldino Demétrio Machado. Não parou mais, esteve envolvido em todos os movimentos armados que ocorreram até 1932 (ARDENGHI, 2003, p. 22).

Quando começou a pelear em combates, chamou a atenção do seu comandante Prestes Guimarães, em Santo Ângelo, que resolveu lhe incumbir de uma missão severa: levar uma correspondência a Gomercindo Saraiva. Na época, caracterizado como o maior líder maragato da Revolução Federalista, 1893, em Ponta Grossa- PR. Na sua estadia no Paraná com o General Gomercindo Saraiva enfrentou algumas lutas. Dá-se ênfase em uma que lutou em Palmas como relatou em entrevista para o Correio do Povo, em 1944.

O general Prestes Guimarães resolveu mandar-me para o Estado do Paraná para fazer ligação com o General Gomercindo Saraiva, que estava em Ponta Grossa. {...}. “Escapei milagrosamente; deixei o cavalo encilhado com bons arreios, roupas na mala e passei pelos matos já noite, cruzei o rio Caldeiras com água pela cintura, caminhei muito sem saber onde andava (...) fiquei com as bombachas em pedaços (...) Caminhei toda noite e no outro dia já encontrei gente da força do Gal. Gomercindo (ARDENGHI, 2003, p. 24).

O jornal Correio do Povo, ao fazer uma entrevista com Leonel Rocha, em Erechim- RS, na década de quarenta, relatou que a morte de Gomercindo Saraiva foi o motivo do fracasso da Revolução Federalista de 1893, uma vez que Gomercindo representava muito para os que lutavam. E, após o ocorrido, houve uma debandada geral das tropas e os líderes não mantiveram o costumeiro entendimento, tanto é que em Santa Catarina, a Revolução Federalista era conhecida como a “Revolução do Gomercindo” pelo grande prestígio dele fora do estado.

Nos anos de 1970, quando entrevistamos caboclos sobreviventes da Guerra do Contestado, observamos que com eles não poderíamos usar a expressão "Revolução Federalista" - aqui desconhecida - pois, deste tempo, eles só identificavam a "Revolução do Gomercindo", referindo-se a Gomercindo Saraiva, líder federalista revoltoso, pessoa que muitos conheceram e lutaram, uns ao seu lado e outros contra ele (THOMÉ, 2006, p. 174).

A entrevista de Rocha, em Erechim, deu outra versão sobre os fatos ocorridos na morte de Gumercindo Saraiva, líder maragato da revolução de 1893, pois na versão oficial consta que sua cabeça foi levada como troféu a Júlio de Castilhos. Depois disso, Leonel Rocha voltou à comunidade da Fortaleza, um reduto Maragato perto de Palmeiras, mesmo sabedor de que seus desafetos ainda estavam por lá, pois sua luta ainda não estava acabada e lá, reuniu cem homens e atacou a referida vila, que estava guarnecida por quatrocentos homens.

Por meio de um hábil artilharia Aparício Saraiva conseguiu enganar as forças governistas, que desejavam recolher o cadáver de Gomercindo como prova de seu extermínio. Assim Aparício no local em que foi sepultado um soldado de nacionalidade polonesa, que também fazia parte das forças federalistas, colocou o arreamento, a espada e a capa pertencentes ao seu bravo irmão, o que deu margem a que os legalistas, mais tarde, julgassem ser de Gomercindo o corpo que aí estava enterrado. O cadáver do polaco foi retalhado na suposição de que fosse o do valoroso chefe revolucionário - Entrevista de Leonel Rocha ao Correio Povo (ARDENGHI, 2003, p. 180).

Nesta batalha, sofreu um revés e, baleado, teve que abandonar a luta e juntar-se com companheiros em São Tomé, na Argentina. Permaneceu por lá quatro meses e recebeu a incumbência de Prestes Guimarães para contrabandear armamentos, e assim, começar nova ofensiva.

Comprei 32 armas de guerra e munições, subi o Rio Uruguai em canoas e fiz a invasão pelo Pari. O inimigo soube que vinha vindo. Mandaram uma força, que me encontrou no Sertão e ali brigamos umas quatro horas. Perdi dois soldados e saí ferido (pela 3ª vez); no fim do combate brigamos corpo a corpo; pegou-me fogo na roupa com um tiro; senão fosse um rio perto, eu morria queimado; atirei-me na água, apaguei o fogo da roupa e vim terminar o combate. O inimigo correu, levando mortos e feridos. Nesta ocasião criei imundície no ferimento; não havia remédio nem creolina; felizmente encontrei um pouco de mercúrio, foi com que me curei (ARDENGHI, 2003, p. 181).

As tropas Maragatas estavam sem contingentes, sendo que a falta de suprimentos bélicos e humanos deixavam todos à mercê dos adversários. Alguns lutando, tentavam chegar à Argentina como foi o caso do Coronel Bueno de Quadros.

Retomando a entrevista, Leonel Rocha contou que se encontrou com o coronel Bueno, juntaram as tropas, e mesmo com poucos homens ainda conseguiram fazer algumas escaramuças sendo que a maior delas foi contra a tropa do General Santos Filho, onde com 25 homens, conseguiram tomar o armamento dos opositores e melhorar a situação que se encontravam, a ponto de sitiarem Palmeira por nove dias, porém, com a chegada de reforços tiveram que desistir do cerco. Aconteceram mais alguns confrontos, tropelias, tiroteios antes da pacificação.

Relata que, em Palmeira, as tropas maragatas estavam quase aniquiladas. {...} Leonel fez junção com o grupo de Bueno, enfrentando “vários combatezinhos, em que fomos felizes”. O maior desses combates foi com o transporte do General Santos Filho. Comum piquete de vinte e cinco homens, conseguiu tomar as doze carretas, armas e munição. Com isso melhoraram a situação difícil em que se encontravam, a ponto de declarar: “ficamos ricos”. {...} Leonel Rocha ainda conta que sitiou Palmeira durante nove dias. {...} Com a chegada de reforço a Palmeira, tiveram de levantar o sítio, mas a revolução prosseguia com alguns tiroteios, até assumir a presidência, segundo Leonel, “o grande Dr. Prudente de Moraes, que conseguiu a pacificação” (ARDENGHI, 2003, p. 85).

Após a pacificação, Leonel Rocha ainda permaneceu na região de Palmeiras, mas desconfiado e com muitos desafetos entre os legalistas da região e não satisfeito com o acordo de paz que estava em negociação. Outro piquete, também contrário ao acordo de paz, composto de nove homens revoltou-se e promoveu escaramuças em Palmeiras o que resultou na morte do Tenente Coronel Valentim Duarte. Este acontecimento não agradou o General Firmino de Paula, o grande nome das tropas legalistas. A falta de confiança dos dois lados imperou e, com os ânimos mais calmos, Leonel não se sentiu seguro em terras palmeirenses e migrou para a Argentina, num exílio de nove anos.

Sobrevieram perseguições que os obrigou a revoltar-se contra as autoridades {...} no entanto, um piquete de nove homens não quis saber do acordo, fazendo tropelias pelacidade, morrendo na ocasião, o Tenente Coronel Valentim Duarte, das tropas legalistas, o que comprometeu a gente de Leonel perante o General Firmino Paula. Conferenciaram durante três dias, “não sendo aceitas as condições, por falta de confiança, Leonel Rocha emigrou para a Argentina. Este exílio durou nove anos” (ANDERGHI, 2003, p. 122).

Figura 6 Firmino de Paula, com cigarro na mão, e Vazulmiro Dutra, à esquerda



Fonte: Gaúcha ZH. Arquivo pessoal, 2018. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/almanaque/noticia/2018/06/a-historia-de-um-caudilho-vazulmiro-dutra-o-lider-da-resistencia-de-palmeira>
Acesso em: 01 fev. 2021

O General Firmino de Paula, ao chegar em Palmeiras, tomou posse na intendência,

tentou apaziguar os ânimos na localidade e mandou chamar Leonel Rocha, mas este não acatou o pedido e manteve-se na Argentina, receoso por represálias, juntamente com outros federalistas que participaram do levante de 1902.

Firmino de Paula continuou após 1902, em Palmeiras, participando ativamente da vida política daquela localidade, agora a favor do Partido Republicano rio-grandense de Borges de Medeiros, colocando nomes a disposição para concorrer nos pleitos, trazendo de volta federalistas, e prometendo um julgamento justo para todos. Mesmo à revelia, os principais líderes, em 1907 foram julgados, e todos absolvidos, inclusive Leonel Rocha.

A notícia registra que chegara ao município para “defender os denunciados Affonso Honório dos Santos, Leonel Maria da Rocha e outros implicados no célebre processopolítico que perturbou a Palmeira durante o tempo em que exercia o cargo de intendente o coronel Serafim de Moura Reis, o Dr. Roberto Cunha, médico e advogado, residente em Passo Fundo”. O colunista destaca que o júri despertou a atenção por se tratar de um processo importante e porque o defensor era um “orador de ilustração reconhecida”, havendo grande movimentação na Vila, afluindo para a mesma grande número de pessoas vindas, até mesmo, de municípios vizinhos. Informa que “os réus do célebre processo não se apresentaram e a sessão se passou sem maior incidente”. Destaca que todos os réus foram absolvidos (ARDENGHI, 2003, p. 128).

Não se encontram registros da época em que Leonel Rocha e Afonso Honório retornam da Argentina, mas sua atuação ressurgiu nas eleições de 1915. [...] atuação intensa dos dissidentes, como pelo crescimento da oposição, chegando os federalistas a apresentar um candidato, Urbano Bellegard de Menezes, professor em Campo Novo, que gozava de amplo prestígio. Isso demonstra uma nova forma de atuação dos maragatos, liderados por Leonel Rocha e Afonso Honório (ARDENGHI, 2003, p. 137).

O Major Mário Mello, apoiado por Firmino Paula e uma ala renovadora do partido, apresentou como candidato Frederico Westphalen, em Palmeiras das Missões. A eleição teve duas surpresas, uma delas relacionada à exuberante votação do candidato Federalista que obteve 804 votos, o candidato da dissidência recebeu 828 e o candidato de Firmino de Paula que era Frederico Westphalen recebeu 1102 votos. A partir desses resultados, houve protestos e acusações de fraude na eleição, mesmo assim a eleição foi confirmada.

A documentação sobre essas eleições é farta e as fraudes são confirmadas nas cartas do Intendente Vicente Machado e do próprio subchefe chefe de polícia Carlos Pacheco de Castro. Outro destaque é a votação do candidato federalista, Urbano B. Menezes, que apesar das fraudes recebeu 804 votos, contra 828 votos de Mário Melo e 1102 de Frederico Westphalen. Os federalistas elegeram três conselheiros, que poderiam se aliar aos dissidentes e obter a maioria (ARDENGHI, 2003, p. 137).

De novo Palmeiras das Missões ferveu como um barril de pólvora pois, além dos federalistas descontentes, também a ala dissidente do PR começou a se opor a Firmino de Paula.

Com o medo de uma nova revolta armada com mais opositores, Borges de Medeiros resolveu apaziguar os ânimos em Palmeiras e destituiu do cargo Frederico Westphalen. Em seu lugar nomeou o Coronel Carlos Pacheco de Castro, a fim de evitar maior descontentamento.

Diante da grave situação política, o governo resolveu intervir no município nomeando para Intendente o Chefe de Polícia, coronel Carlos Pacheco de Castro. Frederico Westphalen perdia o cargo de Intendente, mas era nomeado Chefe da Comissão de Terras do Município (ARDENGHI, 2003, p. 138).

Os acontecimentos em Palmeira desde a Revolução Federalista, em 1893, nunca se arrefeceram. Além das escaramuças em 1902 e depois pela perda de alguns de seus membros que ficaram fora do país por alguns anos, perderam representatividade. Mesmo em minoria, em 1915, quando tentaram por vias legais eleger candidatos, acendeu-se o alerta dos opositores, que estavam divididos e com dissidentes. Tudo isso, novamente, gerou um clima de revolta. Palmeiras, então, acabou sendo um dos primeiros lugares do estado onde começou a explodir a revolução de 1923, após o descontentamento com o resultado das eleições estaduais daquele ano, as quais serão dissertadas no capítulo seguinte (ARDENGHI, 2003, p. 139).

A oposição não conseguiu se organizar, para fazer frente ao grupo no poder, estando seus líderes exilados durante o período que se seguiu ao confronto de 1902. A partir de 1915, constata-se uma tentativa de articulação dos federalistas pelas vias legais, participando das eleições. A ata do Conselho Municipal de 17 de julho 1916, que estudou e aprovou a lei eleitoral registra a presença de Leonel Rocha,³⁴⁴ entre outros federalistas e, nas eleições posteriores, conseguiram eleger alguns membros, que embora em minoria, criaram um clima de apreensão, podendo sempre aliar-se às dissidências do PRR (ARDENGHI, 2003, p. 140).

O reduto maragato em Palmeira sempre foi a região de Fortaleza, Rio da Várzea e Potreiro Bonito, onde também residiu Leonel Rocha, desde a sua volta da Argentina e onde havia maior descontentamento, por ser uma região de caboclos que viviam da exploração da erva mate e pequenas atividades para a subsistência. E, além do clima político devido às eleições, ainda tinha o fator dos imigrantes europeus que chegavam naquele lugar em grande número com o intuito de fixar residência naquela área, apoiados pelo estado que não levava em consideração a população nativa que vivia há décadas naquele lugar. Mesmo antes da Revolução de 1923 tomar o estado, Palmeira já vivia um clima de confronto e já havia escaramuças dos posseiros mais exaltados e ataques a grupos de imigrantes e à superintendência de terras devido ao descontentamento com a implementação da lei de terras naquela região

A região de Fortaleza, rio da Várzea, Potreiro Bonito, onde Leonel Rocha reunia o contingente das tropas revolucionárias. A aplicação dos regulamentos, que tinham em vista legalizar a situação da propriedade, como vimos, marginalizou os caboclos que viviam do extrativismo ervateiro e, nesse momento, especialmente, a implementação da Lei de Terras de 1922, em que os nacionais foram preteridos em favor dos novos grupos migratórios que chegavam à região para ocupar as extensas áreas de mata (ARDENGHI, 2003, p. 141).

Esclarece-se que em novembro de 1922, o clima de luta já estava formado. Serafim de

Moura Reis, federalista, que lutara anteriormente e perdera uma perna em 1902, nas escaramuças daquele ano, era uma pessoa influente em Palmeira, percebeu que poderia sofrer retaliações e, impossibilitado de lutar, pediu aos seus companheiros que o levassem a Cruz Alta. Na volta a Palmeira, após retorno de Cruz Alta, quando chegaram ao distrito, o último homem foi atingido pelas costas, pela Brigada Militar, e foi considerada a primeira vítima da Revolução de 1923. Leonel Rocha, um mês depois, no final do ano de 1922 já havia recrutado um bom contingente para a luta em Fortaleza e arredores, e permaneciam acampados em Passo Grande. Sabedores disso, os legalistas formaram um destacamento da Brigada Militar para tentar desarticular os homens de Leonel, porém não obtiveram êxito. Assim, em 23 de janeiro de 1923, deu-se o primeiro combate entre as tropas governistas. Leonel Rocha foi o primeiro a levantar armas contra o governo de Borges de Medeiros.

De acordo com Mozart Pereira Soares, o fato teria ocorrido em princípio de janeiro de 1923, havendo alguns feridos e “tendo sido este o primeiro combate em Palmeira, na Revolução que se iniciava”. Afirma que “o primeiro combate que aconteceu na Revolução de 23 não foi, como dizem, em Carazinho, comandado pelo deputado Artur Caetano, mas foi o encontro entre as tropas do governo do Rio Grande do Sul, os borgistas, contra o Leonel Rocha, no Passo Grande. Foi o primeiro combate e o Governo era representado pelo meu avô, Capitão Vicentino Pereira Soares. Artur Ferreira Filho nota esse fato. E quem disse isso foi um homem que conheceu no localos fatos que escreveu O não-engajamento parcial dos camponeses nacionais aos projetos de colonização produz um amplo raio de tensões e conflitos nas terras ocupadas por caboclos. A colonização das terras de matas da Fazenda Sarandy é um caso exemplar no que diz respeito à expropriação e marginalização dos camponeses caboclos, via de regra chamados de intrusos, uma vez que nela se dá a implantação da colonização particular a partir de 1917 pelos uruguaios Lapido, Mourinho e Mailhos (RÜCKERT, 1997, p. 128).

A tática de guerrilha, implantada pelos revoltosos, formou vários piquetes guerrilheiros e fez com que as tropas governistas formassem os corpos provisórios para defender vários pontos do estado. No Norte, recebeu a ajuda de Felipe Portinho que veio de Santa Catarina, adentrou no estado por Lagoa Vermelha e permaneceu na região da grande Erechim.

A tática de guerrilha exigia dos governistas uma ação constante em várias frentes. Daí a criação dos Corpos Provisórios, “compostos por civis e distribuídos em várias brigadas, perfazendo totais de mil e quinhentos a dois mil combatentes. Para a composição dos Corpos Provisórios, o governo lançou mão do voluntário a maneador, homem incorporado à força e de mercenários uruguaios [...]. As tropas revolucionárias foram acrescidas de um reforço vindo de Santa Catarina, com Felipe Portinho, que trouxe um pequeno contingente e uniu-se a Salustiano de Pádua.

Figura 7 Mapa dos combates da Revolução de 1923



Fonte: História ilustrada do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Já Editores, 1998

Leonel Rocha permaneceu no começo da revolução de 1923, em Palmeiras, pois, o reduto legalista ali era intenso; participou de vários combates, sempre com destacado respeito pelos adversários. Em vários episódios da revolução, como o do assalto ao trem de passageiros que vinha de Cruz Alta com oficiais brigadianos que foram rendidos e feitos prisioneiros, mas tratados com hombridade, onde permaneceram em liberdade no acampamento. Fato bem diferente da revolução de 1893, onde a degola era um artifício de combate contra o inimigo. Tais gestos mostravam o diferencial do caudilho Leonel Rocha.

Vários combates marcaram a Revolução na região e, em todos, Leonel Rocha teve uma participação destacada: Fazendinha, Estância Velha, São Bento, entre outros. Relata assim, o assalto ao trem de passageiros que vinha de Cruz Alta, interceptado nas imediações de Pinheiro Marcado: “parando o comboio pedi ao chefe do trem parapassar uma vistoria. Encarreguei desta tarefa o valoroso Cel. Fidêncio Melo Filho e o Cel. Eduardo Dumoncel”³⁶⁹. Vinham no trem cinco oficiais, um cabo e uma praça, sendo um o Tenente Pedro Farias, ajudante de ordens do Gal. Firmino de Paula. “Tratei-os como filhos, ficando os ditos prisioneiros em liberdade no acampamento, sob a guarda de meu assistente, Cel. Pompílio Pithan, com todas as regalias (ARDENGLI, 2003, p. 150).

Na região de Erechim/Quatro Irmãos, que desde o princípio da revolução foi sede dos revoltosos quando se viam acudados ou tinham que recuar devido aos ataques dos legalistas; tornou-se um ponto estratégico, pois ficava perto da divisa do Estado de Santa Catarina onde tinham a conivência do governador daquele estado na revolução, onde podiam ali permanecer, restabelecer-se e depois voltar, inclusive com mais voluntários camponeses daquele estado. Leonel Rocha não utilizou este artifício tanto quanto o General Felipe Portinho, preferiu quase

sempre o país vizinho.

Em Carazinho, mudaram o nome para Assisópolis e Menna Barreto foi aclamado chefe, que juntamente com Salustiano Pádua e Arthur Caetano, constituíam a junta revolucionária, sendo acusados de várias violências como saques, na forma de requisições, conforme documentos inclusos. Informa que as forças legais, comandadas por Firmino Paula, obrigaram os sediciosos a se dispersarem em grupos, tomando a direção de Quatro Irmãos, no município de Erechim e daí para Nonoai, município de Palmeira. Concomitantemente, idêntico movimento sedicioso se manifestava neste último município e no de Boa Vista do Erechim, promovido diretamente por Leonel Rocha, Serafim de Moura Reis Júnior, Serafim de Moura Assis, Hortencio Silveira, João do Amaral, João José de Lima e Pedro Domingos, em Palmeira e por Leopoldino Silva e outros em Erechim. {...} na região de Erechim, foi instalada a administração revolucionária, sendo nomeado governador provisório Temístocles Ochôa. Aí as tropas de Portinho mantinham seu reduto, podendo facilmente evadir-se para o estado de Santa Catarina. Nos primeiros dias de setembro, teve que enfrentar combates vigorosos contra as brigadas de Firmino Paula e Paim Filho, obrigando o General a cruzar o rio Uruguai para o vizinho estado (ARDENGHI, 2003, p. 151).

A atuação de Leonel Rocha no ataque de 1924, já incorporado às tropas de Luis Carlos Prestes, foi participativa pela Coluna Prestes. Para dar seguimento, esclarece-se que a colonizadora Jewish Association Colonization (ICA), a comunidade de judeus, em Quatro Irmãos deu-se após a Revolução de 1923. Leonel Rocha desconfiado não depôs as armas totalmente, assinou juntamente com outros chefes revolucionários o acordo de paz e, numa carta enviada ao Setembrino de Paula, expôs sua posição.

Tomei das armas por amor do nosso berço, que prêso ao jugo da prepotência borgista, clamma, anciando por Liberdade e Justiça; - bens e direitos que há vinte e cinco annos lhe são vedados gozar. Creia V. Excia. que esta lucta, tarde ou cedo, deveria irromper, provocada pela situação cruel e opressora que a tyrania do Dr. Borges nos queria impor. Republica, e muito menos Democracia, bem vêdes, não existem de facto no nosso Rio Grande. Criou-se aqui uma autocracia, a qual enficha nas mãos de um só homem todos os poderes, tornando-o o mais absoluto dos Senhores. Não podia, portanto, a terra classica da Liberdade, terra tradicional nas pugnas dos Direitos de o Homem dobrar a cerviz e acceitar impassivel semelhante estado de cousas.

(...) pois bem, antes de tomar qualquer deliberação, consultei o ânimo dos que me auxiliam nesta nobre cruzada e, em todos, oficiais e soldados, notei a mesma disposição, em todos os mesmos sentimentos e desejos, anciando por um mesmo e unico fim; - a deposição do Dr. Borges e consequentemente a effectualidade de uma eleição, realizada pela lei eleitoral federal.12/10/1923, CPDOC- FGV. p. 1 e 2 (ARDENGHI, 2003, p. 160).

Conforme Lurdes Grolli Ardenghi (2003), quando resolveu aderir ao movimento da Coluna Prestes, Leonel Rocha, associou sua luta contra as Colonizadoras que, em grande número, adquiriam terras do governo para formarem núcleos de colonização, como foi à demarcação da Fazenda Sarandi, colônia Xingu, colônia Tesouras e a Fazenda Quatro Irmãos.

Conforme depoimento do filho de Leonel Rocha, Claudio Rocha, nascido na Argentina em 1928, quando este fixou residência por nove anos naquele país, seu pai aderiu ao movimento da Coluna Prestes sem nunca ter conhecido Luis Carlos Prestes. Primeiramente, seguindo ordem do Partido à Aliança Libertadora (AL) que aderiu a causa e, com o distanciamento de um comando geral, depois de umas escaramuças em Santa Catarina, permaneceu no Estado, sensível aos movimentos sociais daqueles que não tiveram suas posses legalizadas pelo governo.

Quando da demarcação da Fazenda Sarandi, muitos dos “seus” caboclos /nativos, índios e negros que tinham se deslocado de Palmeira- PR para aquela região, após a Revolução de 1923, fixaram residência na referida fazenda, pois sofriam atrocidades pela companhia colonizadora, sendo mortos ou expulsos e suas casas queimadas, recorriam a Leonel Rocha que era uma “tábua de salvação” pelo que vinham sofrendo, e começavam a fazer parte da tropa deste caudilho.

Na esteira da Coluna Prestes, associadas lutas, na região, aos interesses dos caboclos nas áreas de colonização. Em 1924, é encontrado em lutas nitidamente relacionadas à questão da terra, associando-se aos caboclos que lutavam contra a demarcação da Fazenda Sarandi, conforme se constata na documentação da Diretoria de Terras Vinculando-se às lutas da Coluna Prestes, realiza combates na região, em que, não por acaso, ataca áreas de colonização onde atuavam companhias particulares como a Colônia Xingu, a Colônia de Tesouras, ao mesmo tempo em que estabelece vínculos com o movimento tenentista (ARDENGHI, 2003, p. 189).

Nesta década, o Rio Grande do Sul vivia um momento conflituoso, pois nem terminara a Revolução Assisista de 1923, já começava a marcha da Coluna Prestes que veio trazer instabilidades em todos os seguimentos, principalmente na questão agrária, considerado um “movimento sedioso” pelo governo do estado. Consternado com os acontecimentos e tendo sentido na pele os desagrvos da questão agrária, Leonel Rocha, em companhia do Tenente Coronel Erasmo Cordeiro, parte para o ataque aos responsáveis pelas demarcações, primeiramente, a colonização na Colônia Xingu, de propriedade de Hermann Meyer e comandada por Oscar Luiz Meissinger.

Sobre esse fato foram localizados poucos registros. (...) O ataque, ao que parece já era esperado, pois Oscar Luiz Meissinger, sua família e outros colonos esconderam objetos na mata. Quando a colônia foi atacada, seu filho Kurt Meissinger ficou gravemente ferido. Leonel mandou levá-lo a Palmeira como menciona o padre João Hickmann, sendo que o mesmo faleceu semanas depois. Relata que um grupo de Taquaruçu, juntamente, com Leonel Rocha penetrou por dois lados diferentes na Colônia. “Leonel Rocha chamou todos os colonos, pôs o senhor

Simon como Intendente provisório e enviou um escrito ao Meissinger garantindo sua vida e livre retirada com o seu pessoal se ele entregasse as armas. Rocha levaria a família para Neu-Würtemberg através de um auto”. De acordo com o relato, a proposta foi aceita e Leonel manteve sua palavra.

Os mesmos ataques se repetiram na Fazenda Sarandi, na colônia Tesouras e também na Fazenda Quatro Irmãos. Em seu artigo Boletim da Sociedade Genealógica do Brasil, o escritor Marcos Feldman refere-se ao ataque da Fazenda Quatro Irmãos, fazendo referência a Favorino Pinto, pertencente à tropa de Leonel Rocha. Todos eles pertencentes à Coluna Prestes.

Nos dias 3 e 4 de dezembro de 1924, a colônia Quatro Irmãos foi invadida pelo bando comandado pelo “coronel” Favorino Pinto e seus filhos, Heraclides, vulgo “pretinho”, e Apolinário, vulgo “Lulu”, antigos “maragatos” opositores do governo Borges de Medeiros, que pertenceram as hostes do coronel Portinho e depois e a coluna de Leonel Rocha (FELDMAN, 1999, p. 284).

Com a incorporação da Aliança Libertadora – AL ao movimento da Coluna Prestes, vários líderes revolucionários se aliam a esta causa, como Zeca Neto, Honório Lemes e Leonel Rocha. Eles seguiam ordens do partido e demonstravam apoio à causa de Prestes, mesmo sem conhecê-lo pessoalmente. Tinham os revolucionários como adversários, o governo estadual e também o federal. Enquanto isso, o estado enrudece, o grupamento policial fecha o cerco contra os adversários o que faz com que vários líderes revolucionários busquem abrigo na Argentina.

Em 1925, Leonel Rocha aparece, segundo Ardenghi (2003) “atuando na faixa de fronteira com o Uruguai”, enquanto que Zeca Neto e Honório Lemes combatiam na fronteira-oeste.

Após 1928, quando as oposições se uniram pela figura de Getúlio Vargas e todos os chefes maragatos baixaram a guarda e se filiaram ao partido liberal, houve tempos calmos na política do Rio Grande do Sul, somente uma questão ainda não estava totalmente resolvida.

A permanência de Leonel Rocha, na Argentina e a difícil comunicação com o mesmo, sabedores de toda a influência que o mesmo tinha sob sua tropa e longe dos “olhares” governistas, deixavam no ar uma centelha que não foram totalmente apagadas.

Começou então um esforço em conjunto para contatar e repatriar Leonel Rocha. Conforme Lurdes Ardenghi (2003), o deputado Antunes Maciel envia várias cartas a ele, tentando convencê-lo da sua volta ao Rio Grande do Sul e filiar-se à campanha liberal. Este também apela a Fidencio de Melo, amigo de Leonel Rocha (este compareceu ao velório de Leonel), tentando fazê-lo voltar e prometendo a ele algum cargo em Palmeira ou qualquer outro lugar que quisesse no estado. Também foi feita solicitação a Getúlio Vargas para que se

empenhasse na sua volta, que, inclusive, lhe envia oitocentos mil reis pelo banco Pelotense para que pudesse voltar. Leonel Rocha confirma o recebimento do valor em dinheiro, e a carta enviada ao mesmo e relata que foi entregue pelo Major João Alberto Correa e que fora mandado pelo intendente Coronel Valzumiro Dutra.

Leonel Rocha não aceitou voltar, alegando que tinha compromissos a pagar na Argentina. Diante da negação de Leonel, este insiste em levá-lo de volta ao Brasil prometendo todo o dinheiro para a quitação de suas dívidas.

Posteriormente aos fatos, numa carta dirigida ao deputado Antunes Maciel, Leonel comenta porque não aceitou, pois estava desconfiado “com aqueles que queimaram minha casa e agora querem me tirar do sacrificio para uma vida boa”. Outra tentativa foi de Osvaldo Aranha em 1930, quando mandou buscar Leonel Rocha na Argentina oferecendo o comando da Brigada Militar em Palmeiras, do lado governista, mas, no decorrer das tratativas, a revolução terminou. Também Flores da Cunha que mandou 3 contos mil de réis para este retornar a Palmeira. Desta vez Leonel veio sozinho, desconfiado, não quis expor a família que ficou em Bompland, na Argentina. Conforme o filho Silveira Rocha, “ele foi chamado a mando de Getúlio Vargas”.

Em 1930, de acordo com Hickmann, o Dr. Osvaldo Aranha mandou buscar Leonel Rocha na Argentina, incumbindo-o do comando da Brigada Militar em Palmeira. No entanto, não chegou a participar efetivamente da movimentação, pois, enquanto aguardava o armamento, a revolução terminou. Faz referência à ajuda financeira que recebeu: “o general Flores da Cunha mandou-lhe três contos de réis para fazer a mudança da Argentina para Palmeira”. Leonel teria retornado ao Brasil, nessa ocasião, embora a família tivesse permanecido em Bompland. Conforme o filho, Silveira Rocha, voltam ao Brasil em 1932, “foi chamado pelo Getúlio (ARDENGHI, 2003, p. 183).

Dizendo que era para proteger de seus inimigos, Flores da Cunha não o levou a Palmeira, mas sim, a Porto Alegre. Posteriormente, foi incumbido de formar uma tropa para debelar uma revolta em Porto União, hoje divisa dos estados de Santa Catarina e Paraná. Dali foi a São Paulo a pedido do interventor Manoel Ribas para também debelar mais uma escaramuça. Após esses feitos, retornou ao Rio Grande do Sul onde a partir daí encerrou seu tempo de lutas.

Como estava agora do lado governista, “o general Flores da Cunha fez levar Leonel Rocha para Porto Alegre para protegê-lo contra seus inimigos”. Conforme o próprio caudilho, “essa foi a primeira vez em minha vida que viajei com leito, em carro de primeira classe”. Nessa luta teve autorização para formar uma Brigada e foi guarnecer Porto União, onde conseguiu debelar uma revolta. De suas tropas, foram enviadas três companhias para o litoral de São Paulo, atendendo pedido do Interventor Manoel Ribas, do Paraná. Bateram-se num combate onde tiveram um morto e doze feridos (ARDENGHI, 2003, p. 183).

Em 1932, após retornar com a família em definitivo para o Rio Grande do Sul, Leonel

Rocha, mesmo tendo concordado com a coalizão dos partidos em torno do nome de Getúlio Vargas, em cartas dirigidas a Flores da Cunha e Raul Pilla, ainda fez denúncias de fatos que vinham acontecendo em Palmeiras. Tal atitude gerou desconfiança por parte dos governistas de que Leonel ainda poderia se opor e levantar tropas de oposição, mas Flores da Cunha ciente da situação resolveu “tirar” Leonel Rocha da região e oferecendo um posto de chefe da Guarda Florestal de Erechim. Pela idade que tinha na época, Leonel acabou aceitando e fixou residência Erechim.

Nesta cidade, Leonel Rocha viveu seus últimos dias. Após se aposentar em 1938, na função de Guarda Florestal, passou a viver uma vida pacata e hordeira, mas sem nunca desviar seus olhos da política rio-grandense, e, mesmo em Erechim, recebia visitas de “amigos” de Palmeiras. Conforme afirmou sua filha Nelci, Leonel Rocha faleceu aos 20 de dezembro de 1947, aos 82 anos e foi enterrado no cemitério municipal de Erechim.

(...) sem perder o vínculo com os caboclos que chefiara. Conforme afirmou sua filha Nelci “sempre vinham caboclos de Palmeira, tinha um fogo-de-chão no galpão, onde ficavam conversando... vinham trazer notícias de política {...}

Cessava aí o passado de lutas, em que combateu em condições quase sempre adversas, defendendo, conforme proclamava, “Liberdade e Justiça”. Após a Revolução de 1932, Flores da Cunha nomeou-o chefe dos guardas florestais em Erechim, cargo no qual foi aposentado, em 1938, quando o Rio Grande do Sul era governado por Cordeiro de Farias (ARDENGHI, 2003, p. 184).

Figura 8 Túmulo de Leonel Rocha, localizado no Cemitério Municipal de Erechim



Fonte: Autor (José Sérgio Barroso, 2021)

O reconhecimento de suas lutas e sua causa, veio na época, por intermédio de Leonel

Brizola, que lhe prestou homenagens em Porto Alegre, através do jornal *Correio do Povo*. Também o jornal *A Voz Da Serra de Erechim* publicou, na edição de 08/01/1948, matéria sobre o falecimento de Leonel Rocha, e, na Câmara de Vereadores, o vereador Aldo Afonso Castro presta homenagens ao General Leonel Rocha. Já em 1974 o prefeito Aristides Zambonato coloca o nome de uma artéria da cidade de Erechim, situada na chácara 01 e 02 do polígono sudoeste entre as ruas Sergipe e Conselheiro Sperake em 08 fevereiro de 1972.

Ainda existem várias bibliografias de escritores brasileiros que mencionam a figura de Leonel Rocha, em todas suas lutas, sempre o diferenciando dos demais, pela sua tropa de “pés no chão”, mas também pela sua visão humanitária com os excluídos e com os que ficavam à margem da sociedade. A história e a bibliografia do general Leonel Rocha ainda são tema de estudos mais aprofundados para que tenha, na história rio-grandense, um papel de destaque.

4.2 A COLUNA PRESTES EM QUATRO IRMÃOS

À continuidade deste documento, evidencia-se que, em 1922, as eleições para a sucessão do presidente Epitácio Pessoa, marcadas para março, formaram dois grupos rivais na política brasileira: um deles ao lado de Artur Bernardes, presidente de Minas Gerais e o outro correligionário de Nilo Peçanha. O jornal *Correio da Manhã*, em 1921, publicou um episódio chamado de “cartas falsas” e este fato foi atribuído a Artur Bernardes. Logo após vencer as eleições presidenciais, houve um agravamento da crise que culminou num levante no forte de Copacabana, da Escola Militar de Realengo, também em Niterói e no Mato Grosso.

Em 5 de julho de 1924, teve novamente em São Paulo um novo levante que, posteriormente, somou-se como irradiador de outros em Mato Grosso, Sergipe, Amazonas e Pará. No Rio Grande do Sul, foi em 29 de outubro de 1924, além do Batalhão Ferroviário, comandado por Luís Carlos Prestes, no município de Santo Ângelo, sublevaram-se o quartel de São Borja liderado pelo Tenente Siqueira Campos, o de Alegrete, pelos Tenentes João Alberto Lins de Barros e Renato Cunha Melo. O terceiro Batalhão de engenharia de Cachoeira do Sul, cujo líder era o capitão Fernando Tavorá, também se revoltou.

A Coluna Prestes para Leonel Rocha e sua tropa, não era o objetivo pelo qual lutavam composta por pequenos agricultores, mateiros, mestiços, todos sem posses, servira somente de bandeira para o enfrentamento contra as companhias colonizadoras. Dessa forma, tentaram chamar a atenção governamental para o problema agrário decorrente da colonização.

O livro, “A Coluna Prestes: marchas e combates”, do autor Lourenço Moreira Lima (1945, p. 262), disserta sobre Heraclides Pinto, filho do Capitão Favorino Pinto que fazia parte

da Coluna de Leonel Rocha, extraviando-se do pai, se incorporou a Prestes. Tal acontecimento leva a crer que Leonel Rocha não participou ao assalto da Coluna Prestes à colônia de Quatro Irmãos.

No dia 13 de dezembro de 1924, comandada pelo revolucionário Favorino Pinto, também Erechinense, as hostes da Coluna Prestes chegam a Quatro Irmãos.

Nos dias 3 e 4 de dezembro de 1924, a colônia Quatro Irmãos foi invadida pelo bando comandado pelo “coronel” Favorino Pinto e seus filhos, Heraclides, vulgo “pretinho”, e Apolinário, vulgo “Lulu”, antigos “maragatos” opositores do governo Borges de Medeiros, que pertenceram as hostes do coronel Portinho e depois a a coluna de Leonel Rocha (FELDMAN, 1999, p. 284).

A atuação de Leonel Rocha, incorporado às tropas da Coluna Prestes no ataque no ano de 1924, à colonizadora Jewish Association Colonization - ICA, a comunidade de judeus em Quatro Irmãos, após a revolução de 1923, não ficou comprovada em Quatro Irmãos. Em todos os depoimentos das vítimas do assalto à colônia, o nome de Leonel Rocha, não fora mencionado (FELDMAN, 1999).

Segundo Marcos Feldman, no livro Memórias da Colônia de Quatro Irmãos (2003), além de depoimentos das vítimas do assalto à Colônia, também traz o relatório policial na íntegra:

“Certifico, em vitude do despacho do Exmo.snr. Chefe de policia do estado de vinte e dois do corrente, exarado em requerimento dos representantes da Jewish Colonization Association querevendo o relatorio do subchefe de policia, da decima Sexta Região, datado de oito de abril do corrente anno, nelle encontrei o seguinte relativamente ao ataque contra a colônia Quatro Irmãos por um grupo de sediciosos sob o comando de Favorino Pinto em dezembro de mil novecientos e vinte e quatro. Crimes commettidos no município de Erechim. Assalto a colônia Quatro Irmãos: Nos dias três e quatro de dezembro de mil novecientos e vinte e quatro Favorino Pinto, acompanhado de varios de seus ajudantes, e chefiando uns quarenta e cinco bandoleiros, invadiu respectivamente pela estrada de Nonohay vai a colônia Quatro Irmãos e sua sede e quefaz parte do quarto distrito de Erechim. Os colonos ali, como os habitantes do respectivo povoado quase em toda sua totalidade são israelitas naturais da Russia. De nenhum deles houve qualquer resistênci armada qualquer agressão que fosse aos assaltantes. Assassinatos: No dia quatro, foi cruelmente morto nas proximidades da sede da colônia, David Faigenbaum, israelita, natural da Russia de sessenta anos de idade, casado. O cadáver da vítima foi encontrado no dia seguinte, no matto, nas proximidades da estrada, pelo filho do mesmo Mauricio Faigenbaum, acompanhado na ocasião, por Gregorio Ioschpe, Jaime Melnick e Salamão Mermelstein. Apresentava ele vários ferimentos profundos no rosto, feitos por instrumento cortante e, no pescoço havia vestígio de um laço de uma corda que produziu a morte. Casas de negócios saqueadas: Os bandoleiros assaltaram cinco, existentes ali casas de negocio, pequenas todas ellas, retirando das mesmas, no valor total de quatro contos e setecentos mil reis Rs 4:700. Assalto ás bolsas e as gavetas: Os do bando ameaçando com a morte, os colonos, tiraram dos bolsos de uns, quantias em dinheiro, no total de dose contos e seiscentos e dezoito mil reis – 12:618\$000. Em animais cavalares e vacuns, carregaram no valor de quatro contos e oitocentos e cincoenta mil réis – Rs 4:850\$000; e em produtos de lavoura, roupas usadas e outros

objetos, no valor total de quatro contos e setecentos e setenta e cinco mil reis. Depredações – em algumas lavouras fizeram produzindo nelas um damno total de nove contos de réis – 9:000.000. Extorsão – Do inspector das colônias israelitas e diretor ali, Dr. Davi Sevi, extorquiou Favorino Pinto, a importância de três contos de reis – Rs 3:000.000 – da qual lhe passaram um recibo cuja copia aqui consta. Inquerito sobre os crimes cometidos no município de Erechim pelos, sediosos de 1924. Termo de assentada dos dezoito dias do mez demarço de mil novecentos e vinte e cinco, pelas quinze horas, na sede, da colônia israelita de Quatro Irmãos, quarto districto, do município de Erechim, em casa de residência do Diretor dessa colônia, casa essa actualmente desabitada, presente o subchefe de policia da i6ª decimasexta região, com sede em Passo Fundo, Dr. Miguel Chmielewski, commigo Augusto Telles, escrivão ad-hok, competentemente compromissado, presentes aqui, bem assim o subdelegado depolicia deste districto, cidadão Braz Albuquerque Braga e o diretor da referida colônia, Dr. Sevi procedeu-se á inquirição de varias testemunhas, sobre os factos criminosos praticados nesta colônia pelos bandos revolucionários do respectivamente ultimo movimento; que inrompeu em outubro, {28 de outubro} neste estado do Rio Grande do Sul do anno próximo findo, de mil novecentos e vinte e quatro, sendo que esta sede sofreu o assalto destes revolucionários no dia quatro de dezembro do referido anno. Além das inquirições, ficam, igualmente, tomadas aqui, por termo, as queixas dos respectivos ofendidos e prejudicados.[assignados]Miguel Chmielewski, Braz de Albuquerque Braga, D. Sevi e Augusto Telles”.

Além do relatório, também se encontram os depoimentos de várias vítimas do assalto à colônia: Abrão Raskin, de quarenta anos, disse ter sofrido agressões na estrada que vai a Erebangó, sendo acusado de espionagem para as forças legais. Foi espancado com rebenques e espadas, tiraram-lhe a importância de seis mil reis que levava no bolso, roubaram sua roupa e cortaram sua barba. Ainda pelo mesmo motivo, mataram David Faiguenboim (1862-1924) morto no assalto a Quatro Irmãos (Boletim da Sociedade Genealógica Judaica do Brasil, 1999). Mauricio Faingebaum, sabedor que a sede da colonização tinha sido invadida pelos revolucionários, declarou que, após o cavalo de seu pai, David Faiguenbaum, chegar sem arreios à residência, localizada a três quilômetros da vila, saiu em busca de seu pai em direção à vila, mas não o encontrou. No dia seguinte, em companhia de Oche Goldrich, Gregorio Ioschp, Jaime Melnich e Salomão Melmeinstein encontraram o cadáver da vítima num capão de mato a duas léguas onde fora encontrado seus óculos, pelo colono Ocher Goldrich. O morto apresentava diversos ferimentos feitos por instrumentos cortantes e vestígios de estrangulamento. Maurício supunha e que seu pai fora laçado no lugar onde perdeu os óculos e arrastado até onde o cadáver fora encontrado. Marcos Feldman disponibiliza na integra o depoimento do filho de David Faingebaum:

“Declaração de Mauricio Faingebaum {FAIGUENBOIM}, Filho de David Faiguenbaum}, natural da Russia com dezesseis anos de idade, solteiro, agricultor residente nesta colônia, hs doze anos, prometeu dizer a verdade sobre o que respectivamente souber e lhe for perguntado. E assim disse que no dia quatro de dezembro do anno próximo findo, o pae do declarante sahiu de sua casa, na qual ele declarante também juntamente com aquelle seu pae residia e que fica á distancia de três quilômetros, mais ou menos, desta sede, sendo que sahiu ele, esse seu pae a

cavalo, um quarto de hora depois apareceu junto de casa, o cavalo, o qual seu pae tinha montado; o cavalo voltou sem arreios. E como o declarante já sabia que esta sede estava, naquela manhã, invadida por um grupo de revolucionários, apreensivo com a sorte de seu pae, saiu logo de casa em procura do mesmo, nada porém pôde saber a respeito dele, com exceção de serem encontrados os óculos de seu pae á distancia de um kilometro, sobre a estrada e, somente no dia seguinte, a uma distancia de duas quadras do lugar onde foram encontrados os óculos, foi descoberto, em um capão o cadáver de seu pae. Os óculos foram encontrados pelo colono OcherGoldrich {UscherGolodnick} o cadáver foi encontrado pelo declarante que estava, no momento, junto com GregorioIoschp {Ioschpe}, Jayme Melnich, Salamão Melmeinstein {Mermelstein}, e mais pessoas. O cadáver, segundo as declarações do respectivo filho da vitima e o GregorioIoschp que neste acto a respeito também foi inquerido, apresentava os seguintes ferimentos: um que abrangia a frente, a começar o lado direito da mesma, atravessava o nariz, cortando profundamente e atravessava o maxilar inferior esquerdo inferior esquerdo; outro na parte esquerda da frente, atravessando a vista esquerda, que estava vasada, estendendo-se bem assim ao nariz, ferimentos foram produzidas por um instrumento cortante, além disso verificaram que em redor do pescoço havia sinais no cadáver, do vestígio de um laço apertado de uma corda e a cabeça pendia muito para a frente, sendo deslocada de sua base, o que provava que a morte foi ocasionada por asphyxia e estrangulamento, como sendo não restava duvida alguma que a vitima tivesse sido laçado no lugar onde foram encontrados os óculos e, dalli, arrastado até o lugar onde foi encontrado seu cadáver. Disse mais, o declarante que o seu pae tinha sessenta anos de idade, natural da Russia aqui residente há doze anos, mas em convivência sempre com seus patrícios, israelitas já também por lhe ter sido difícil, na sua idade, aprender o portuguez; não falava esta língua, compreendendo, apenas poucas palavras. Disse mais o declarante, filho da vitima, que no mesmo dia em que foi encontrado morto seu pae, um visinho dele de nome Augusto, não sabendo o nome todo do mesmo, contou a ele declarante, que digo, o vizinho Augusto, que desde quatro dias, juntou-se com os revolucionários, foi visto ali, nas proximidades, manchando de sangue, lavou-se num arroio próximo; disseram isto ao declarante, Joao Alvese Rosalina Braga. Disse mais que o bando que nesse dia invadiu esta sede e do qual alguns mataram seu pae era comandado pelo Coronel Favorino Pinto, já bastante conhecido em geral neste município, da revolução do anno mil novecentos e vinte e três. {assignados} Miguel Chmilewski, Mauricio Faigenbaum, Gregorio Jochpe, Braz de Albuquerque Braga, D. Sevi, Augusto Telles”.

Também depuseram os seguintes colonos judeus: Abrão Raskin, Pedro Birmann, Jacob Sirotski, Iehisehicher, Eva Brochann, Isaac Pustilnik, Issac Cohen Gregorio Ioschpe, Salomão Matune, Bernado Matune, Abrão Agranionik, Leão Agranionik, Manoel Davidson, Marcos Wainstein, Manoel Wainstein, Natn Berinzniak, Sansam Schwartzmann, Salomão Schwartzmann, e o Dr Davi Sevi, inspector das colônias da Jewisc Colonization Association.

Segundo Marcos Feldman (2003), os revolucionários adentraram na casa de Davi Sevi, sede da colônia, na madrugada do dia quatro de dezembro de 1924, quando este ainda estava dormindo. Renderam-no na intenção de levá-lo a um mato para executá-lo, porém o tinham confundido com o administrador anterior da colônia que tinha o mesmo nome “Davi”, mas o sobrenome era “Proushan”. Segundo Feldman tinha havido um desentendimento com os revolucionários no ano anterior na questão do pagamento de imposto quando da tomada de Paiol Grande, hoje Erechim.

Devido ao grupo ser formado pelos mesmos integrantes e sob o comando agora de Favorino Pinto, conheciam superficialmente a comunidade judaica e sabiam como hierarquicamente funcionava, mas com a negativa de Davi Sevi de sair de sua casa, o Coronel Favorino Pinto veio até ele para exigir da colonizadora a importância de quarenta mil contos de réis. Com a negativa do inspetor de lhe dar esta quantia, aceitou levar três mil contos de réis. Logo após, fez-se um recibo da importância dizendo que não se tratava de roubo, mas de um empréstimo de guerra.

Feldman (2003) continua sua narrativa sobre o assalto à sede da colônia de Quatro Irmãos dizendo que quando Davi Sevi conseguiu sair do escritório da Companhia onde o Coronel Favorino Pinto tinha deixado alguns guardas, deparou-se com um “aspecto desolador”, em suas próprias palavras pois, o colono Pedro Birmann estava prestes a ser degolado. Em suas observações, Feldman analisa que Birmann seria morto pelos mesmos motivos que queriam matar Davi Sevi, isto é, a negativa de pagar impostos de guerra para a revolução no ano anterior. Os revolucionários conheciam e tinham marcado quem ia morrer, mas com a interferência de Sevi concordaram em soltá-lo uma vez que nas palavras do inspetor Sevi, Birmann não praticaria qualquer reação aos revolucionários. Também há relatos que não se sabia a totalidade dos componentes do grupo, pois uns diziam quarenta e outros em torno de sessenta, mas todos afirmavam que eram comandados por Favorino Pinto que usava um uniforme de cor caqui, amarelo e com galhões em cada um dos ombros. Esse deu fé aos depoimentos de todas as vítimas, e registrou que algumas famílias, após se deslocarem a Erebango, por insegurança, não quiseram mais retornar à colônia, e que, após três meses sendo amparados pela empresa em Erebango, geraram-se grandes prejuízos também para a Jewisc Colonization Association. Algumas famílias não mais retornaram à colônia preferindo mudar-se para Passo fundo, Erechim, Porto Alegre, e até para a colônia Miguel Ville, na Argentina.

5 A REVOLUÇÃO DE 1923 CHEGA A QUATRO IRMÃOS REVOLUÇÃO DE 1923

Nesta parte do trabalho não se entra na discussão sobre a nomenclatura deste episódio em terras rio-grandenses. Será chamada de “Revolução de 1923”, sem entrar no mérito da questão se foi ou não uma Guerra civil, embora concorde com o termo, pois o trabalho, de forma genérica, disporá sobre os fatos e as causas da revolução neste período em terras da fazenda Quatro Irmãos. Prevalecerá a contemporaneidade dos fatos que designaram aquele período como Revolução de 1923, Revolução Assisista e ou Revolução Libertadora.

Figura 9 Borges de Medeiros



Fonte: Blog Historiando no vestibular, 2003. Disponível em: <http://historiandonovestibular.blogspot.com/>

Figura 10 General Fermino de Paula - Cruzaltense que fazia parte das forças de Borges de Medeiros, dito como o maior degolador oposicionista



Fonte: PEREIRA, 2010. Disponível em: <https://claudemirpereira.com.br> Acesso em: 12. Fev. 2021

5.1 CAUSAS DA REVOLUÇÃO DE 1923

Novamente buscando a coesão do trabalho, salienta-se que, após a vitória (considerada fraudulenta pelos opositores) de Borges de Medeiros com 106.360 votos, contra 32.216 de Assis Brasil, e sua reeleição para o quinto mandato no governo gaúcho, em 1922. Assis propôs um tribunal de honra para rever a votação, mas sem sucesso, pois a comissão eleita para apurar os fatos foi nomeada pelo próprio Borges de Medeiros, não tendo nesta, nenhum membro opositorista, apenas seus correligionários, entre eles Getúlio Vargas. Isso acirrou ainda mais os ânimos da oposição, que não concordava com a perpetuação de duas décadas de Borges de Medeiros no poder, entre outras coisas. O período entre a eleição, a somatória e, posteriormente, a recontagem dos votos durou sessenta dias, o que atribulou ainda mais os ânimos dos opositores, sendo que as agitações ficaram ainda mais intensas.

Na região norte do Estado, mais precisamente o Planalto gaúcho, concentrava-se a maior parte do apoio republicano, com adesão da imprensa, de governantes e também com a formação de organizações republicanas... no mês seguinte, após as eleições de 25 de novembro, o periódico procurava esclarecer à população os acontecimentos e agitações das apurações dos votos... O apoio ao candidato Borges de Medeiros tornava-se evidente nas páginas do periódico, A Época (SCHNEIDER, 1997, p. 57).

Também, para esclarecimentos no trabalho, deve-se ater ao fato de que ficaram muitas “mágoas” da revolução federalista de 1893, rixas de opositores, a questão das degolas, entre outros, pois muitos protagonistas revolucionários eram os mesmos. Assim, de 1892 até 1922, passaram-se 30 anos, porém com o mesmo partido exercendo o poder no governo do estado, mesmo após a morte de Júlio de Castilhos e Gaspar Silveira Martins, que criaram seus sucessores tanto na situação como na oposição.

Tais acontecimentos agravaram-se devido à crise econômica do pós-primeira guerra mundial (1914-1917), onde os grandes proprietários de terras gaúchas fizeram altos investimentos, por causa das demandas de produtos agropecuários no mundo, para suprir os países envolvidos no conflito e o mercado nacional. Para isso contraíram empréstimos bancários para melhorar a produção e instalações, pois o governo positivista de Borges de Medeiros incentivava essa demanda, mas quando foram atingidos após a guerra, com a retração da demanda desses produtos a nível mundial e nacional, muitos ficaram em situação financeira difícil

No Brasil, os cafeicultores mineiros e paulistas também começaram a produzir arroz, banha, feijão e charque, além dos concorrentes de longa data, como argentinos e uruguaios, o

que deixou os produtores gaúchos endividados, pois não tinham para quem vender seus produtos.

Quanto à administração, Borges de Medeiros, mostrava-se um governo técnico, que não intervinha no mercado deixando o livre comércio. Como exemplo, cita-se o ano de 1922, ano em que os grandes pecuaristas sofreram muito com essa retração. Enquanto isso, o governo encampava obras paradas como foi no Porto de Rio Grande, Molhes da Barra e na viação férrea rio-grandense; essas obras de grandes valores assolavam os cofres públicos do Rio Grande, e os pecuaristas gaúchos que passavam pela crise, desassistidos. Em contrapartida, alguns setores, com exceção do pecuário, como pequenas indústrias na serra e na região dos vales davam sinais de prosperidade.

Figura 11 Rio Grande: Construção dos Molhes da Barra, na década de 1910



Fonte: André Prati Prati.com.br - Fotos Antigas RS – Família Prati – Bico de Pena – Genealogia – Pensamentos – Poesias

Com isso, as oposições, ao estilo de governar de Borges de Medeiros, começaram a aparecer em três frentes: o grupo dos Federalistas, reincidentes da Revolução, que pregavam ainda o Parlamentarismo no Brasil e tinham o mesmo discurso da época da Revolução Federalista (1893-1895) tais como Maciel Junior, Venceslau Escobar, Raul Pilla; outro grupo era do Partido Republicano Democrático de Assis Brasil e Fernando About, principais articuladores desse grupo; e o grupo dos dissidentes republicanos que, com o tempo, foram se

desgastando no partido, descontentes com trocas de cargos, etc. Dentre estes, a família Pinheiro Machado e a família Menna Barreto que perderam privilégios dentro do governo. Essas três frentes geraram espaço para o lançamento da candidatura de Assis Brasil, cuja principal promessa era voltar os olhos para os pecuaristas a fim de recompor a aliança com os mesmos. Isso porque eles se indispuseram com o governo, quando os empréstimos cessaram e as dívidas começaram a ser cobradas com terras e gado como forma de pagamento. (FÉLIX, 1987, p. 138).

Diante dos fatos acima citados, no dia 24 de janeiro de 1923, um dia antes da posse de Borges de Medeiros, o deputado da Aliança Liberal, Arthur Caetano da Silva, enviou ao presidente da República Arthur Bernardes um telegrama. Nesse telegrama, dissertava sobre o estado de guerra em que se encontrava o Rio Grande do Sul e sobre a formação de grupos armados que pediam a renúncia de Borges de Medeiros.

Carazinho, 24 de janeiro de 1923.

- Sr. Presidente da República – Rio. A situação de desespero criada pelo Borgismo compressor e sanguinário, transformou, hoje, a nossa ativa região serrana num vasto acampamento militar. Quatro mil homens levantaram-se hoje no dorso das coxilhas, protestando de armas nas mãos contra a usurpação do trono. Sobre Passo Fundo caíam diariamente as cóleras da ditadura porque Passo Fundo foi o baluarte do bernardismo no Rio Grande do Sul. Não correrá mais sangue se o ditador renunciar incontinenti o seu falso mandato ou si V.EX, desdobrar sobre nossa plagas infortunadas, as garantias constitucionais que nos falecem, integrando o Rio Grande no concerto da Federação Brasileira”. (MENEGATI, 2003, p. 13).

5.2 A REGIÃO NORTE NA REVOLUÇÃO DE 1923

A partir da breve escrita sobre a Revolução de 1923, explana-se sobre a evolução da mesma, na região norte do Rio Grande do Sul. Nos escritos analisados, consta que em 25 de janeiro de 1923, logo após o resultado e a posse de Borges de Medeiros para o seu quinto mandato, em Passo Fundo, começaram as primeiras escaramuças e ou manifestações contrárias ao governo. Uma dessas manifestações foi feita pelo deputado Artur Caetano que reuniu um piquete de cavalários armados, foi para as ruas e tomou a intendência de Passo Fundo. Enquanto Assis Brasil, no Rio de Janeiro, tentava convencer o governo federal Artur Bernardes a fazer a intervenção do estado por fraude eleitoral, mas sofreu resistência do presidente que disse não ter poder constitucional para a intervenção.

Figura 12 Passo Fundo: Corpo de Patriotas, Defesa da cidade em janeiro de 1923



Fonte: Arquivo Histórico do RS. Disponível em: <https://prati.com.br/tag/1923> Acesso em: 02 mar. 2021

Após os primeiros ocorridos, os dois lados trataram de juntar tropas para um possível confronto, mas a correlação de forças pró-governo ficou escancarada quando Borges de Medeiros conseguiu apoio da Brigada Militar e reuniu doze mil homens em alguns dias. Como a oposição rebelde só conseguiu metade deste contingente para fazer frente às tropas governistas, os revolucionários aderiram a estratégia de guerrilha, fragmentando as tropas em pequenos grupos para conseguir vários levantes regionais e destituindo republicanos de cargos políticos, sendo o início da movimentação das tropas rebeldes começou em Carazinho.

Ressalta-se também, segundo Artur Ferreira Filho, que “a Revolução de 1923 não obedeceu ao critério de um comando geral”, uma vez que Leonel Rocha comandava em Palmeiras e Honório Lemes, em Rosário do Sul.

Com a revolução de 1923, os assististas (Maragatos) emanciparam Carazinho, dando-lhe o nome de Assisópolis, uma homenagem ao seu líder Joaquim Francisco de AssisBrasil. Esta denominação permaneceu enquanto durou o conflito. Após a pacificação, a cidade retornou ao antigo nome (ECKER, 2008, p. 157).

De Erechim, (Boa Vista do Erechim) alguns maragatos, simpatizantes da causa de Assis Brasil, se locomoveram até o distrito de Carazinho para reunir-se com a tropa do deputado Artur

Caetano. Logo após seguiram a Passo Fundo.

Confirma-se tal fato através do livro de Altair Menegati e Geder Carraro, intitulado “O Combate do Desvio Giareta” (2003, p. 14-15) “Os Maragatos Erechinenses que se deslocaram até Carazinho foram: Favorino Pinto, Leopoldino Silva, Robertino Paula Chaves, Emiliano de Paula Nascimento, Zeca Ferreira, dentre outros”.

5.4 A MOVIMENTAÇÃO DE TROPAS NA GRANDE BOA VISTA DO ERECHIM

Em 26 de janeiro de 1923, começou a movimentação de tropas na grande Boa Vista do Erechim, onde 100 homens comandados por Leopoldino Silva passaram por Erechim, permaneceram algumas horas, lavraram um protesto contra a posse de Borges de Medeiros em cartório, e, acompanhados de correligionários, prenderam o ex-juiz distrital, Silvestre Pericles de Goes Monteiro.

No dia 31 de janeiro de 1923, o deputado Artur Caetano, que veio de Marcelino Ramos, passou por Erechim e foi recepcionado por um grande contingente de pessoas. Nesse tempo, depôs as autoridades do município e nomeou Marcino Castilhos como administrador, lavrando uma ata que foi assinada por um grande número de pessoas, mas esta nomeação acabou em 23 horas quando adentrou na cidade, Firmino de Paula das tropas governistas, comandando 1000 homens e restituiu os poderes aos antigos administradores.

Em 03 de fevereiro, um comboio ferroviário chegou a Erechim, tendo o Coronel Claudino Nunes no comando a fim de averiguar a destruição da linha férrea em Marcelino Ramos. Avisados da aproximação das tropas chimangas pelo guarda-chaves da estação de Balis, os Maragatos atravessaram o Rio Uruguai e se abrigaram em Cruzeiro do Sul, (hoje Joaçaba). Logo após este episódio, chegou a Erechim, o 7º Regimento de Infantaria de Santa Maria para guarnecer a linha férrea em Marcelino Ramos.

Em sete de fevereiro, o Dr. Eurybiades Dutra Filho, chefe de polícia do estado veio a Erechim a fim de tentar pacificar a região, anistiando todos os revoltosos que se apresentassem, com a condição de dar salvo conduto aos que não mais perturbassem a ordem pública. “Se em janeiro e fevereiro de 1923 a revolução ficara restrita a Passo Fundo, Palmeira Nonoai e Erechim, no final de abril tomara conta de todo o estado” (ANTONIACCI, 1979, p. 245).

Conforme citado acima por Antoniaci (1979), os maragatos, no norte do estado escolheram a região de Quatro Irmãos, pelo mesmo motivo que a Jewish Colonization Association a escolheu, isto é, a proximidade da linha férrea e a grande quantidade de campos com mata nativa. Também os opositoristas de Borges de Medeiros viam no local a

possibilidade de um deslocamento rápido devido ao terreno ser plano, as condições de alimentação farta para os animais e também para a tropa, pois esta faixa de terras de Erebangó até Quatro Irmãos já era povoada pela colonizadora ICA e por imigrantes de outras etnias e nativos nas terras pertencentes a Erebangó.

Assim, como na Revolução Federalista, a posse do alheio, tais como cavalos, gado vacun, porcos, galinhas, aconteceu também na Revolução de 23, com alguns casos isolados de degola, mas os recrutamentos a força eram comuns a fim de suprir o pequeno número de combatentes nas tropas maragatas. Isto causou tragédias familiares, quando membros da família eram pegos de surpresa, sem tempo para a fuga. Exemplifica-se com o que aconteceu na família Becker entre Erebangó e Erechim.

Um episódio ocorrido no dia 14 de abril numa propriedade na Linha Seis, localizada ao lado da estrada principal entre Erebangó e Erechim (atual Getúlio Vargas) resultou em duas mortes. As marcas da tragédia, que segundo descendentes resultou na morte do pioneiro Jacob Rech e do filho Reynaldo, ficaram no assoalho do sótão. E também nas tábuas das paredes, varadas por balas (<http://afolharegional-afolharegional.blogspot.com/2014/01/erebango-marcas-da-revolucao-de-1923>)

Figura 13 Casa localizada na Linha onde Jacob Rech e o filho Reinaldo foram mortos em 1923



Fonte: A Folha Regional, 2014. Disponível em: <http://afolharegional-afolharegional.blogspot.com/2014/01/erebango-marcas-da-revolucao-de-1923> Acesso em: 10 dez. 2020

Figura 14 Furos de balas nas paredes do sobrado



Fonte: A Folha Regional, 2014. Disponível em: <http://afolharegional-afolharegional.blogspot.com/2014/01/erebango-marcas-da-revolucao-de-1923> Acesso em: 10 dez. 2020

Tatiana Machado Barboza em sua dissertação de Mestrado (2002), também apontou em seu trabalho, esses episódios de recrutamento de pessoas para a Revolução e as mazelas que passavam as famílias, para esconder seus entes queridos desta forma cruel de fazer guerra.

Maria Silverston Pinto também sabia que o marido precisava permanecer escondido no mato pois mesmo sendo borgista, vinculado ao Partido Republicano, não queria engajar-se no conflito. Naquela manhã, enquanto tirava leite da vaca na mangueira em frente à casa em Quatro Irmãos, recebera o marido que viera buscar mantimentos para permanecer escondido. No mesmo instante em que Carlos entra na casa Maria vê, descendo a colina em disparada, um piquete composto por trinta ou quarenta homens. Gritou avisando a aproximação do piquete, mas não havia tempo para que Carlos fugisse da casa, e não podia denunciá-lo com qualquer atitude suspeita. Na cozinha de chão batido, Carlos esconde-se dentro de um cesto e tudo o que pode fazer é esperar que o piquete esteja apenas de passagem.

Comandado por Clodomiro, o piquete dá voltas na casa à procura de algo, ou alguém. Maria sabia dos recrutamentos, da violência, dos saques e que eles também pegavam mulheres, mas precisava continuar tirando o leite da vaca e fazer com que acreditassem que estava sozinha. Pensou que levariam os cavalos, a vaca, tudo que encontrassem, mas o comandante conhecia Carlos. Maria precisou mentir, dizendo que o marido estava em Santa Maria. O piquete foi embora mas Maria não sentiu-se melhor com isso. Ela sabia que não seria o último, em breve outros grupos invadiriam a colônia (BARBOZA, 2002, p. 98).

Ainda, para melhor detalhar o texto, conforme Altair Menegatti e Geder Carraro (2003), a região da grande Erechim tinha um grande contingente de maragatos correligionários de Assis Brasil e denomina todos eles:

Na cidade: Cel. Marcos Ochoa; Themistocles Celso Ochoa; Dr. Eurides Castro; Aldo Affonso Castro; Leila de Castro; Cel. Julio Borher; Jose Marsico; Favorino Pinto; Fidencio

Mello.

Treze de Maio (atual Aurea): Cel. Estacio de Azambuja; Emiliano Paula do Nascimento; Valentim Correia.

Erebango: Cel Leopoldino Silva; Isaac Pereira; Quim Cezar; Jango Bento (Campo Erechim).

Getúlio Vargas: Cel. Jacob Basso; Placido Scussel; Cap. Zanardo no km 25; Candido Cony; Votouro; Cel. Zeca Ferreira; Baliza; Robertinho Paula Chaves; Paulo Bento; Cel. Raul Barbosa.

Também de acordo com Altair Menegatti e Geder Carraro (2003), os Chimangos eram na maioria funcionários públicos, que detinham cargos a mando de Borges de Medeiros, também eram fiscais de urna e responsáveis de fazer a campanha para o governo nas localidades onde trabalhavam.

Figura 15 Eng. Mario Requião: Chefe da Comissão de Terras



Fonte: Arquivo Histórico de Erechim - Juarez Miguel Illa Font. Acesso em: 15 jan. 2021

5.5 GENERAL FELIPE PORTINHO

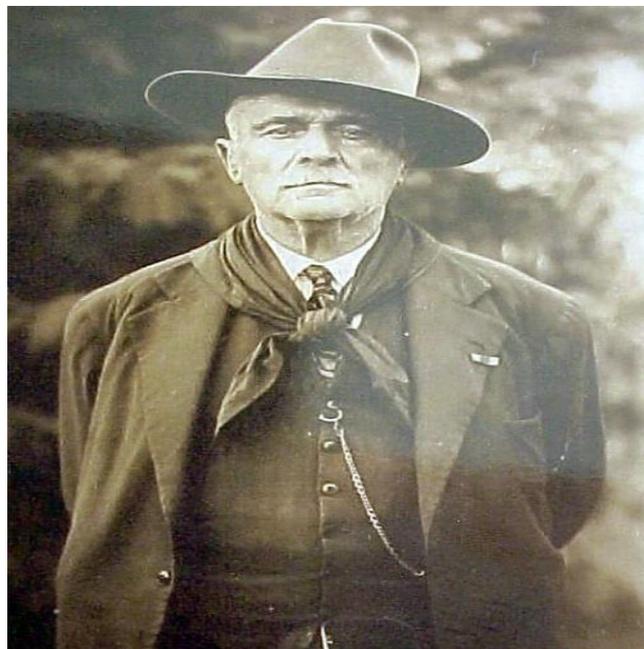
Em relação à Revolução de 23 não se pode deixar de falar sobre o General Felipe Portinho que tivera participação na Revolução Federalista de 1893; nascido em Cruz Alta, foi um dos 11 filhos de Jose Gomes Portinho, o Barão de Cruz Alta, e de Benta Portinho; casado com Joaquina Oliveira Correa. Felipe Portinho, que há alguns anos residia em Santa Catarina.

Em março de 1923, atravessou a divisa do Rio Grande do Sul pelo Pinhal com uma força de 800 homens e chegou a Lagoa Vermelha.

Conforme Menegati e Carraro (2003), o clima era de muita tensão desde janeiro de 1923. Havia boatos de que as tropas revolucionárias tomariam Boa Vista de Erechim, e levariam o chefe da inspetoria de terras para organizar uma guarda municipal. Pagariam pelos “chimangos” que se inscrevessem \$ 5,00 por dia, requisitando também todos os cavalos dos fiéis católicos que estavam na missa dominical, prendendo os mais jovens, no intuito de engajá-los na referida guarda. Muitas famílias acabaram fugindo para o estado vizinho. As tropas revolucionárias não permaneciam acampadas por muitos dias num mesmo local, se movimentavam por toda a região: Quatro Irmãos, Capo-ere, Nonoai, etc, faziam primeiramente, de forma estratégica, o reconhecimento do terreno de onde podiam obter lenha, água e comida.

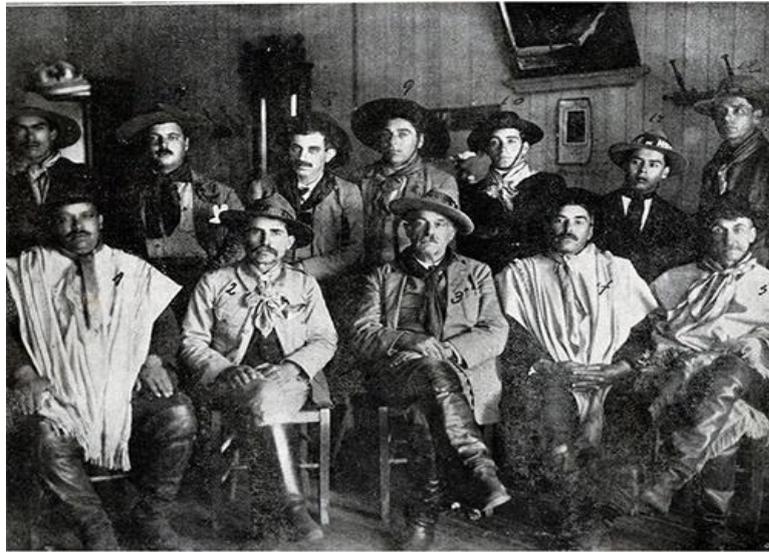
Também de acordo com os autores, no dia 12 de março, Felipe Portinho tomou Erechim, libertou 13 presos da cadeia pública, prendeu policiais e levou armamentos. Com isso, as autoridades do município fugiram de trem para Passo Fundo, levaram caixas de livros e documentos da prefeitura, sendo que alguns nunca mais voltaram.

Figura 16 Felipe Portinho



Fonte: Arquivo Histórico de Erechim - Juarez Miguel Illa Font. Acesso em: 15 jan. 2021

Figura 17 Estado Maior do General Felipe Portinho



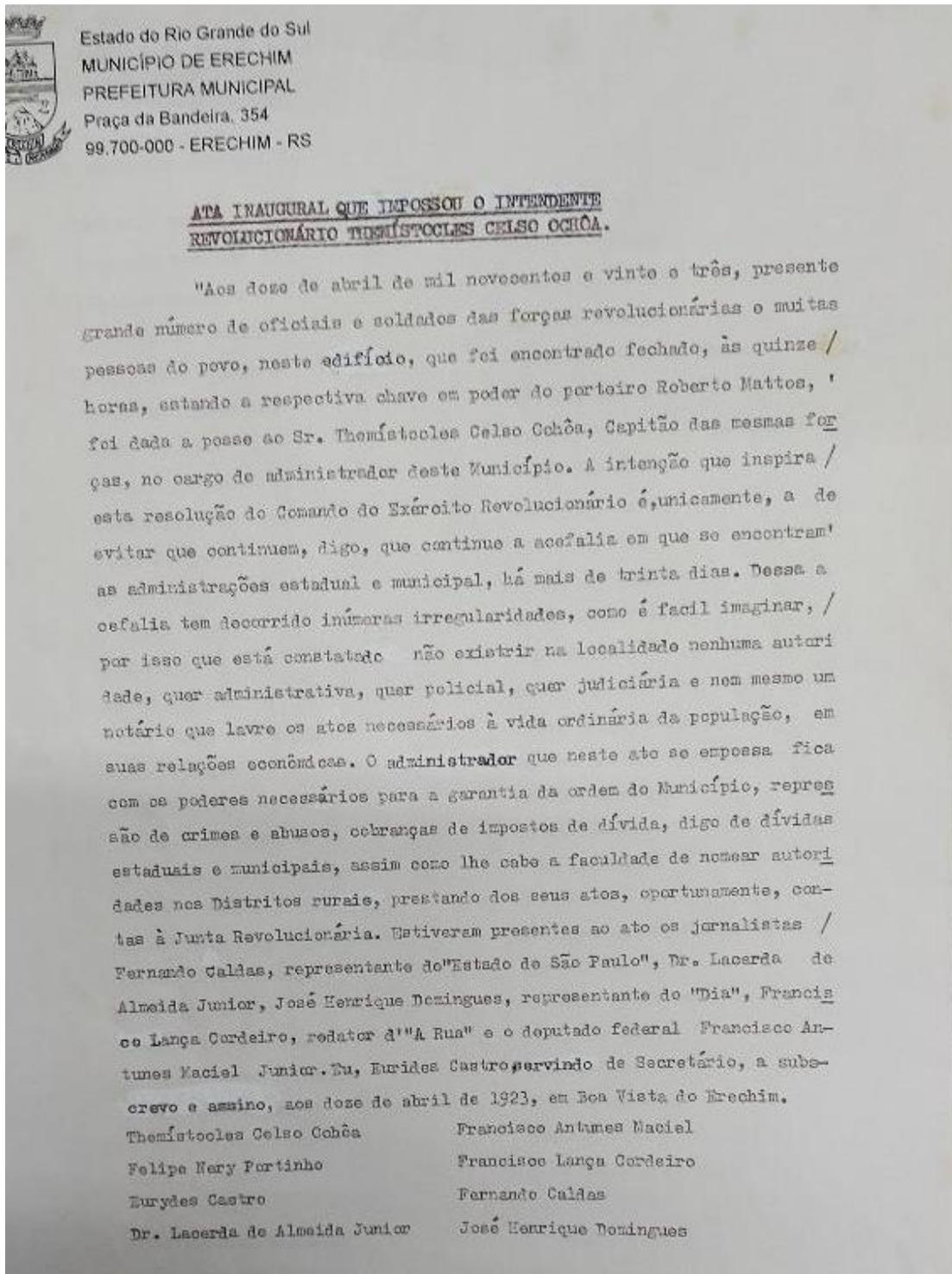
Fonte: Arquivo Histórico de Erechim - Juarez Miguel Illa Font. Acesso em: 15 jan. 2021

5.5 THEMISTOCLES OCHOA NO PODER

A tomada definitiva da cidade só ocorreu um mês depois, em 12 de abril de 1923, quando novamente foi invadida pelos maragatos que nomearam o Capitão Themistocles Celso Ochoa para governá-la. Foi lavrada a posse e comunicado ao comandante das tropas federais que guarneciam a divisa em Marcelino Ramos, dando total liberdade de ir e vir aos transeuntes e passageiros que usavam a ferrovia Passo Fundo- Marcelino Ramos.

No dia 16 de abril, todas as agências bancárias de Erechim, Gaurama, Viadutos, Marcelino Ramos e Getúlio Vargas foram visitadas pelos revolucionários, que requisitaram o dinheiro existente, como empréstimo de guerra, mas os bancos já tinham se antecipado e recolhido o dinheiro em Passo Fundo via viação férrea.

Figura 18 Ata Inaugural que empossou o intendente Revolucionário Themistocles Ochoa



Fonte: Arquivo Histórico de Erechim - Juarez Miguel Illa Font. Acesso em: 15 jan. 2021

Figura 19 Ata Inaugural que empossou o intendente Revolucionário Themistocles Ochoa

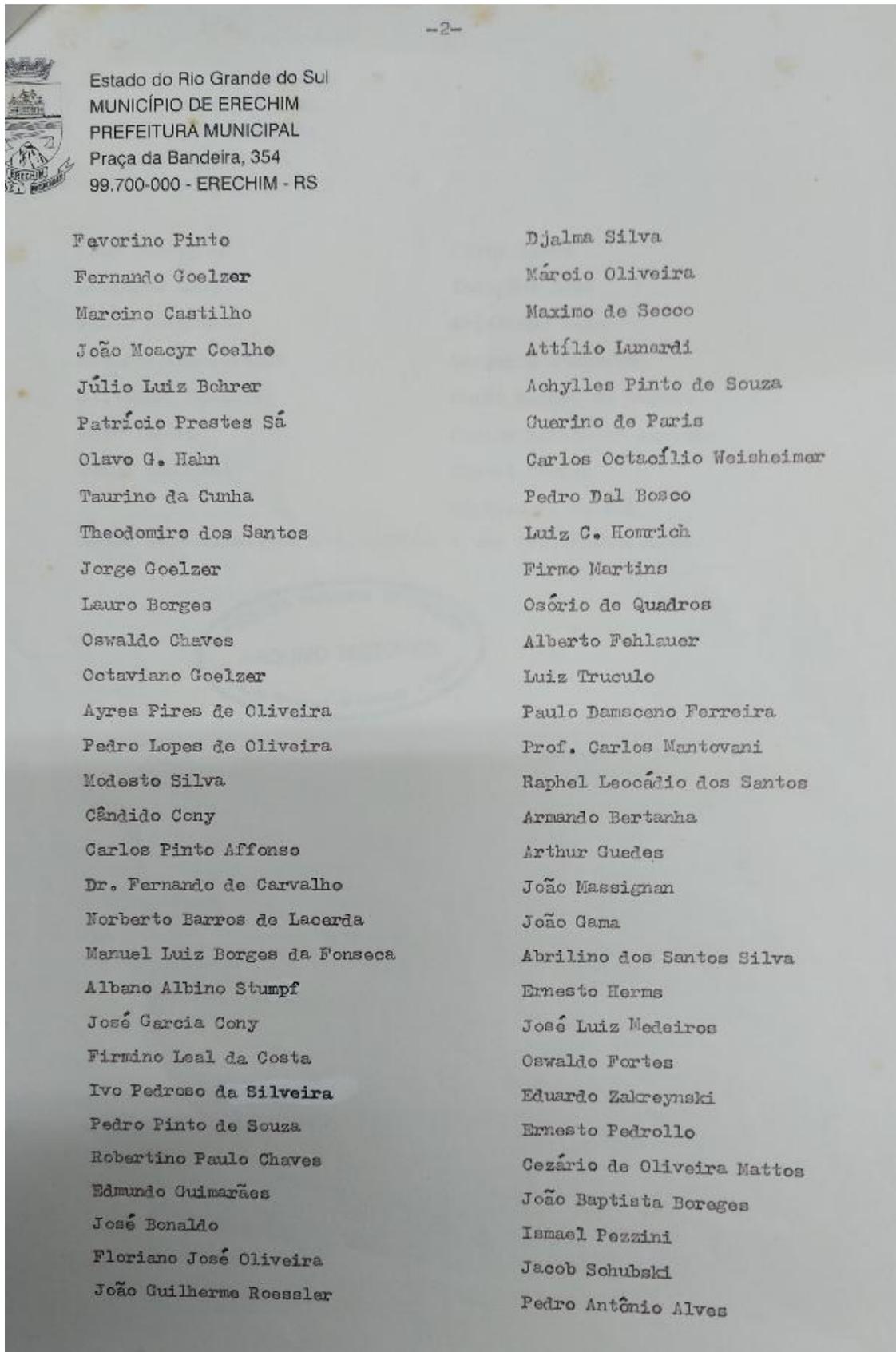
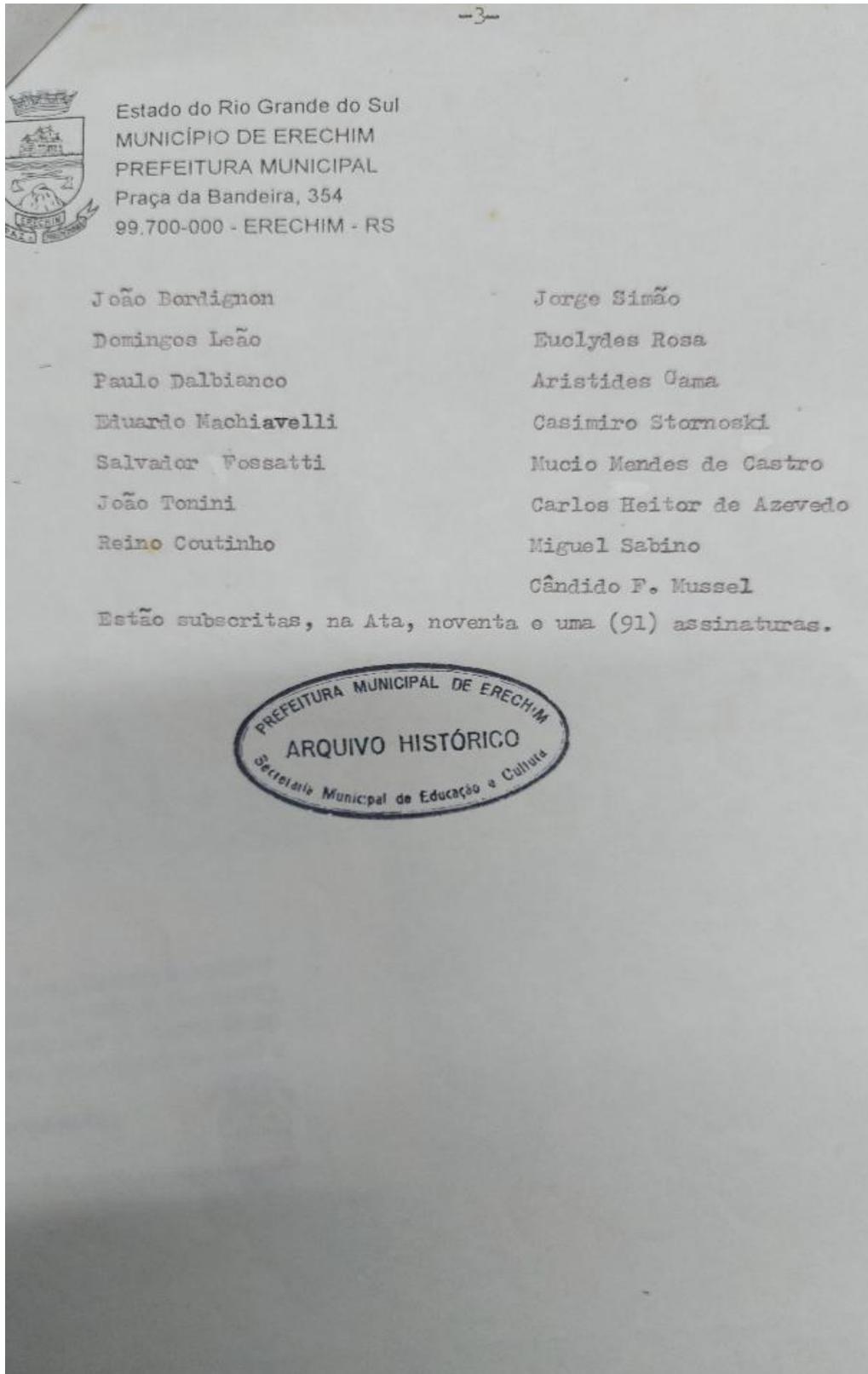


Figura 20 Ata Inaugural que empossou o intendente Revolucionário Themistocles Ochoa



Fonte: Arquivo Histórico de Erechim - Juarez Miguel Illa Font. Acesso em: 15 jan. 2021

Para ilustrar, cita-se um fato curioso e isolado que estremeceu as relações com a igreja quando o padre Carlos Schwergschlager, segundo pároco da matriz São Jose, no período

de 1922 a 08 de maio de 1926. Conta-se que o padre Carlos foi acusado de ser “Chimango” por uma liderança Maragata (Quim Cesar). Este, após denúncia de “fonte segura”, foi à igreja requisitar a arma do pároco, que negou a existência de mesma, e se sentiu ofendido por tal atitude dos Maragatos, escreveu uma carta a Themistocles Ochoa, descrevendo sua trajetória durante o transcorrer da revolução no município.

Figura 21 Foto carta padre Carlos Schwergschlager ao Intendente Revolucionário Themistocles Ochoa

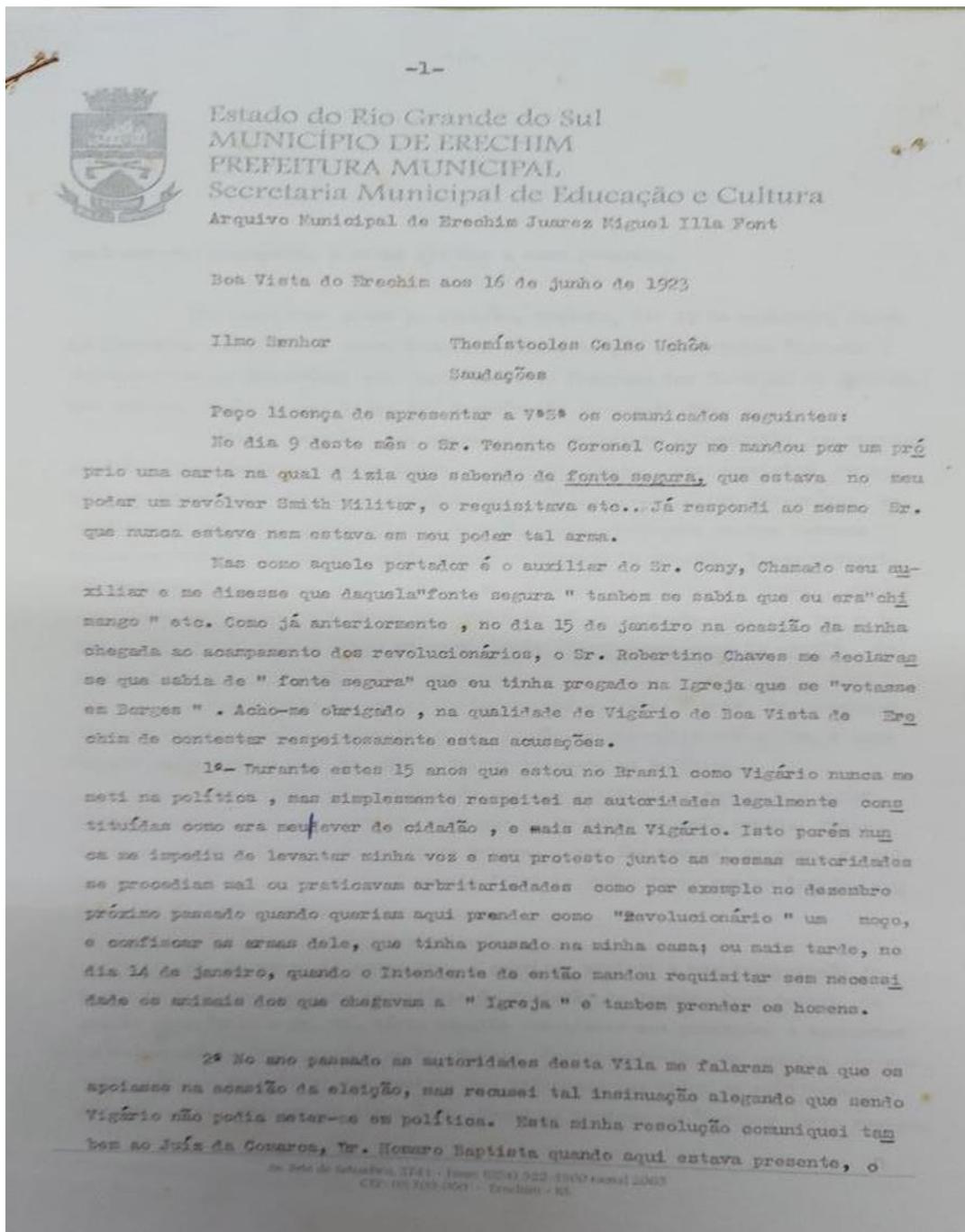
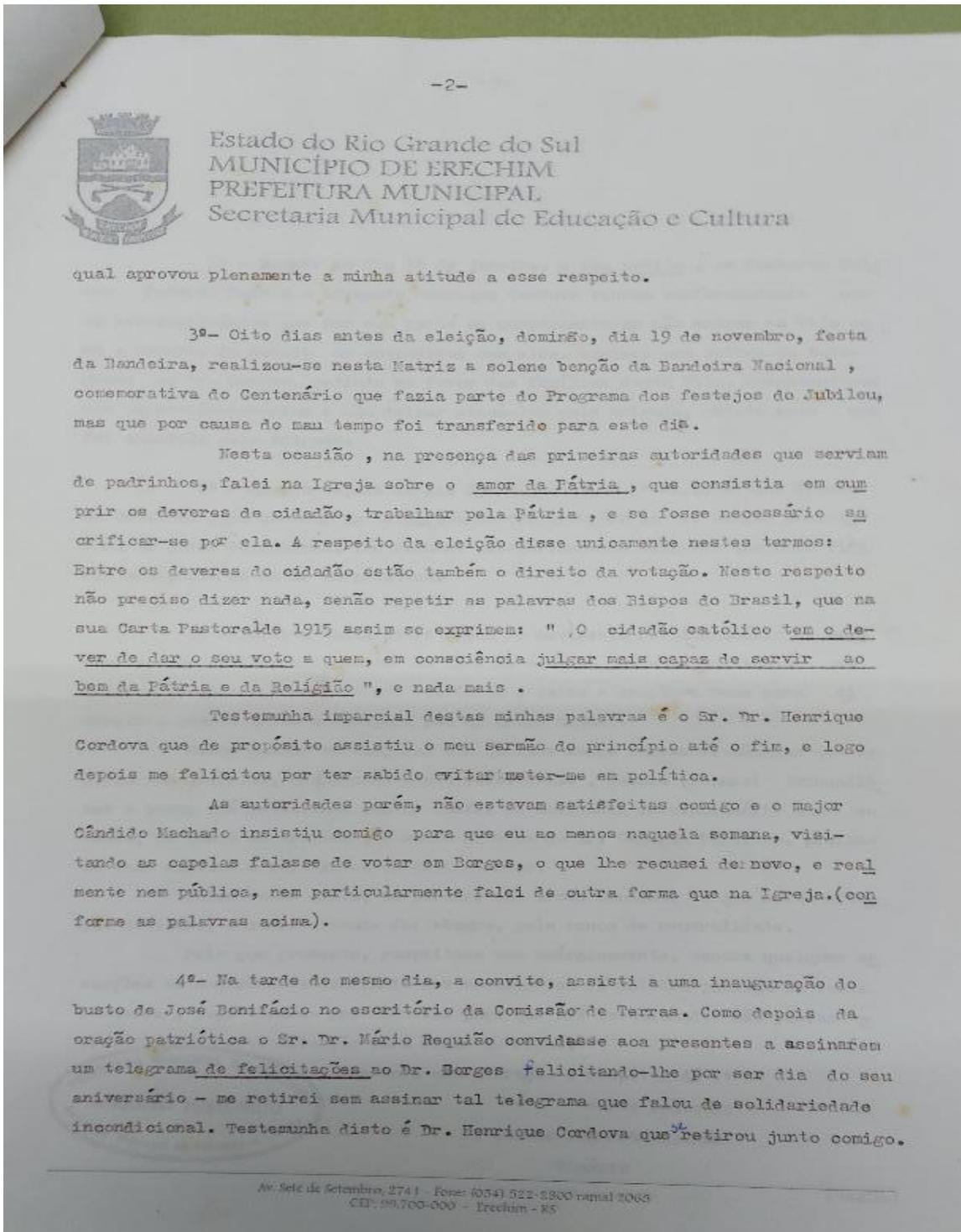
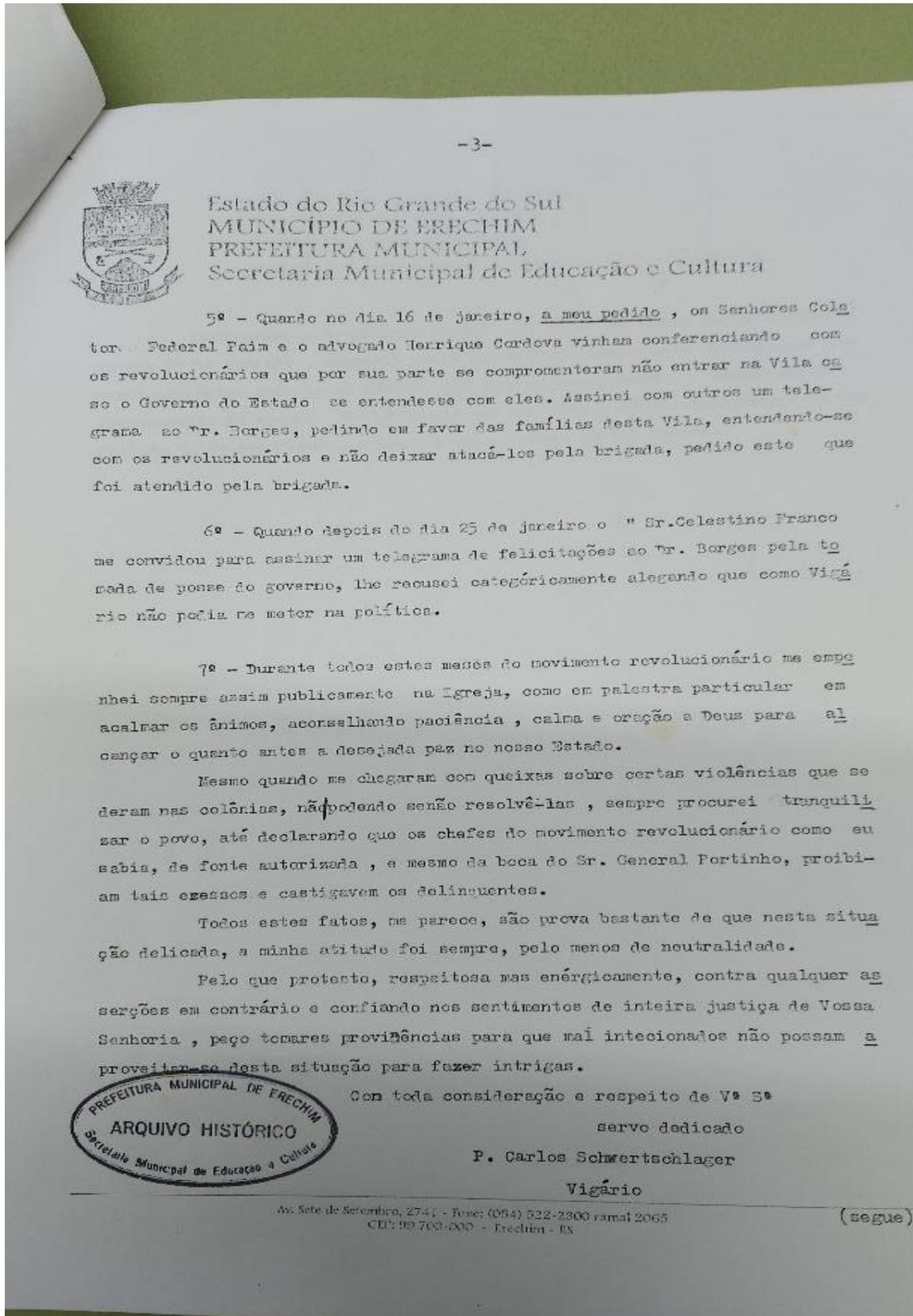


Figura 22 Foto carta padre Carlos Schwergschlager ao Intendente Revolucionário



Fonte: Arquivo Histórico de Erechim - Juarez Miguel Illa Font. Acesso em: 15 jan. 2021

Figura 23 Foto carta padre Carlos Schwergschlager ao Intendente Revolucionário Themistocles Ochoa



Ainda com relação à revolução de 23, Borges de Medeiros ordenou que o General Firmino de Paula, que se encontrava em Palmeira das Missões combatendo junto às tropas de Leonel se deslocasse a Erechim, com um forte contingente para a retomada da cidade. Leonel Rocha e seus comandados ocuparam os trens da viação férrea, que, por precaução foram blindados com pilhas de sacas de arroz nas paredes externas, com receio de ataques às composições ferroviárias.

Já o General Felipe Portinho se achava acampado em Capo-erê Velho, e, como tinha simpatizantes de sua causa entre os funcionários da viação férrea, era sabedor das manobras militares de Firmino de Paula, sobre as quais foi avisado. Assim ficou sabendo do intuito de Borges de Medeiros e reuniu 80 homens de sua tropa e mais 20 da tropa de Emiliano Paula do Nascimento,

Treze de Maio (atual Áurea), 25 do Coronel Salustiano, 35 do Major Cony, (Getulio Vargas) e 50 de Quim Cesar (Erebango – Quatro Irmãos), que totalizou 210 homens. Assim, armou um plano de ataque no local denominado Desvio Giareta, mesmo mal armados e com um contingente de homens para a batalha infinitamente menor do que do grupo de Firmino de Paula que trazia 500 soldados nos vagões do trem.

Figura 24 Acampamento do Gal. Felipe Portinho em Capo-êre Velho; em 17 de maio de 1923, Felipe Nery Portinho recebe o reforço do Cel. Leonel Rocha, Jose Ferreira, João Ramos, e Simeão Machado



Fonte: Arquivo Histórico de Erechim - Juarez Miguel Illa Font. Acesso em: 15 jan. 2021

5.7 COMBATE DO DESVIO GIARETA

No Encarte Cultural, “O Arandu”, o artigo de setembro de 1996, descreveu-se com detalhes os passos que culminaram na batalha do desvio Becker:

Os revolucionários maragatos sob o comando do Gal. Portinho, ficaram sabendo da movimentação da tropa do Gal. Fermínio em direção a Erechim, e armaram uma emboscada, num grande corte de pedras ao lado dos trilhos da aviação férrea entre as estações da capo-ere e Erechim, próximo ao Desvio Giareta, deslocaram os trilhos e armaram bombas e ficaram entricheirados nos matos próximos (Encarte Cultural O Arandu – Setembro de 1996 – fonte Arquivo Histórico Juárez Miguel Illa Font – 2020).

Sobre o combate, o doutor Roberto Sá Aguillar que seguiu a tropa de Felipe Portinho durante a revolução de 1923, em seus apontamentos, contou como foi o combate do Desvio Giareta:

“...Dia 23 – Sábado: Vespere de São João: Tendo sido avisado o Gel. Portinho de que o inimigo se dirigia para este ponto embargado em três blindados; determinou esperá-los sobre a linha próximo do Desvio Giareta e assim colocou suas forças – e um corte que havia na linha mandou colocar a companhia de Granadeiros, composta de elementos germanicos – e muitos dos quaes já tinham feito a guerra Européia. A direita dos Granadeiros a uns 100 mts. Collocou uma avançada de 50 homens ao mando do Major Conin e Pery de Padua armado de mosquetões. A coluna da direita, tinha recebido ordem de não romper fogo contra o trem, sem que elle chegasse ao corte onde seria granadeado. E quando o trem fosse granadeado essa collumna faria fogo de flanco pois se achava a columna em uma curva a proposito de favorecer esse fogo, caso o trem avançasse seria atacado pela columna esquerda no mando do Cel. Quim, mas este plano que nos daria a victoria esplendida foi prejudicada devido que a força que se achava a direita apenas vio o trem e os chimangos não se pode conter e rompeu o fogo sobre elles de dentro do mato e a uns 30 mts de distancia. O inimigo surprehendido e vendo o corte na frente supoz perigoso o metter e alie fazendo parar o trem, iniciou fogo contra os agressores que elles não podião ver, pois o matto os encobria. Nossa gente os estava fuzilando impunemente e a tiro fixo, primeiro dentro dos carros, onde morrerão muitos e depois quando tratavão sahir delles. O fogo foi iniciado as 10 h. M., as 11 1/2 sessou O fogo – por parte délles e nossa. O Gal. Providenciou em mandar reforço nossa columna se achava em prontidão no acampamento 4 k do logar de combate. A 1 h. T. Rompeu de novo o fogo com mais violencia.

As 2h. Fomos surphendidos com a chegada de um trem vindo de Paiol Grande, com forças federaes do 8º Regimento, sob o comando do Cel. Enéias, Este trem entrou justamente no logar destinado ao dezastre dos chimangos. Em vista d’esta interferencia em nossa contenda do Exército Nacional, nossa gente ficou indignada e receando o Gel. Um conflito com o 8º mandou retirar sua gente de toda a linha encorporarem o grosso da columna. Tivemos as seguintes baixas: Mortos: Tte. José Pedro dos Santos (do Cel Salustiano) Salvador de Fe, soldado – Ermogenes da Silva, Germano Grommanm. Feridos Tte. Pedro Estácio, um ferimento de bala explosiva na nadega do lado esquerdo, sem gravidade. Sgto. Amaro Matthias Ferreira 2 ferimento bala, um no terço inferior da perna esquerda e outro um terço superior, considerado grave. Praça Florencio Marcelino da Rosa, um ferimento de bala no pé direito. Os 3 são da força do Cel. Salustiano de Paula. Vidol Nogueira, um ferimento de bala na perna direita. Amancio Lopes Ramos, um ferimento de bala no pé direito. 1º Sgt. Cabo

Pedro Saraiva, ferimento em as mãos – leve. Major Denerits Ramos, um ferimento leve na região frontal. Do inimigo segue informações dos proprios officiaes do 8º, foram mortos mais de 50 e feridos uns 70. Não devemos estranhar a desproporção entre mortos e feridos se nos lembrarmos de nossa gente atirava a altura de 30 mts. De distancia, contra um inimigo encerrado dentro de carros e quando fora d'elle totalmente esposto, a ser alvejado. Elles gastaram nunca menos de 30 mil tiros, nossa gente apenas 8 mil tiros. Após ter eu e o Dr. Morate Mello os primeiros curativos aos feridos, levantamos acampamento com rumo a Floresta e fomos acampar a uma legua de distancia do lugar do combate.” Fonte: O Arandu – Encarte Cultural – Setembro – 1996 – pag. 07 – Erechim – Arquivo Histórico do Municipio de Erechim

Conforme O Arandu em setembro de 1996, os feridos foram medicados em Erechim, inicialmente no cinema Avenida, depois transferidos para o prédio da Comissão de Terras e, mais tarde, para um casarão onde funcionou a Casa Arioli (hoje Grazziotin). Para atender os feridos, foi organizada a Cruz Vermelha e improvisado um banco de sangue. Trabalharam como médicos, os doutores. Catharino Azambuja Mozart de Mello, Sarmento, Menyarte e o Tte; médico Silveira Martins e Roberto Sá de Aguillar.

Figura 25 Erechim: Hospital na Revolução de 1923



Fonte: Prati. Disponível em: <https://prati.com.br/erechim/erechim-hospital-na-revolucao-1923.html> Acesso em: 23 mar. 2021

5.8 ESCARAMUÇAS QUE CULMINARAM NA BATALHA DE QUATRO IRMÃOS

Também sobre a Revolução de 23, em 05 de setembro, os Coronéis Demétrio Ramos e Fabricio Vieira, na costa do rio Pelotas uniram-se a Portinho com 600 homens. Diante desse fato, Fermino de Paula decidiu dar uma cartada decisiva na Revolução, e fazer Portinho lutar

uma batalha campal derradeira, que desse a Borges de Medeiros, a condição de superioridade para fazer um acordo de paz em boas condições. Para isso tentou cercar Portinho com todas as tropas que dispunha: Firmino Paim Filho cercou por Marcelino Ramos, Valzumiro Dutra por Palmeira, Elizario Paim e o Tenente Cel. Edmundo de Oliveira fecharam o cerco vindo de Passo Fundo em direção a Quatro Irmãos.

De Carazinho dirigiram-se a Quatro Irmãos, o 1º e o 2º corpo da brigada legalista do Norte sob o comando do Ten. Cel. Victor Dumoncel Filho. Firmino de Paula vindo de Sananduva também foi ao encontro de Felipe Portinho em Quatro Irmãos. Bem armados e com contingentes de tropas superiores aos Maragatos, Firmino de Paula, avançou sobre Quatro Irmãos e sobre as tropas dos Maragatos, colocando em prática seu plano de forçar uma batalha campal com a escolha do terreno

Em 5.9.23, o chefe assistente Adão Isler comunica ao deputado Antunes Maciel que os coronéis Demétrio Ramos e Fabrício Vieira, com 600 homens, desceram a costa do rio Pelotas e fizeram junção com Portinho. Firmino de Paula decide-se a uma cortada decisiva. Buscar forçar Portinho a uma batalha campal decisiva que dê o governo Borges de Medeiros condições político-militares superiores para impor a paz. Tenta cercar Portinho com todos efetivos de que dispõe: o borgista Firmino Paim Filho atacará Marcelino Ramos. Valzumiro Dutra virá de Palmeira fechando a saída para Santa Catarina por Nonoi. Elizario Paim virá de Passo Fundo, via Coxilha. O Tem. Cel. Borgista Edmundo de Oliveira também fecha sobre Quatro Irmãos procedente de Passo Fundo. De Carazinho provém sobre Quatro Irmãos o 1º e 2º corpos da Brigada legalista do Norte, com o Tem. Cel. Victor Dumoncel Filho. O próprio Firmino de Paula marcha sobre Quatro Irmãos a partir de Sananduva. Com efetivos superiores tanto em homens como em armas e recursos o borgista Firmino de Paula pensa colocar Portinho num círculo de ferro e esmagá-lo liminarmente. A Portinho só restará romperesse formidável cerco antes que se feche ou sucumbir estrangulado pelas armas e pela inanição.... Reage sem demora com plano astucioso arquitetado e briosamente executado. Através de informantes, Portinho está sistematicamente a par dos planos e movimentos do inimigo. Contra Firmino Paim Filho manda pequeno destacamento que oferecerá escaramuças, derrubará pontes, porá obstáculos no caminho... Em resumo, quando a aguerrida tropa de 1.200 homens de Firmino Paim Filho chegar a Quatro Irmãos somente virá os destroços da batalha. Durante um mês perseguirá Portinho inutilmente. Contra Valzumiro Dutra mandará o Cel. Leonel Rocha, Jango Padre intercepta Elizario Paim em Coxilha Frederico Ebling dificulta a movimentação das tropas legais vindas de Carazinho. E ainda no dia 12, Portinho começa a deslocar suas tropas da região "Floresta" e quatro Irmãos em direção a Formiga. Portinho não espera que o inimigo concentre seus efetivos. Vindo de seu acampamento de Quatro Irmãos, arremete contra as tropas do Cel. Victor Dumoncel Filho, próximo a ferrovia (CASSOL, 1992, p. 4).

Figura 26 General Portinho e seu Estado-Maior: Documentário Revolução no RS – 1923



Fonte: Benjamim Camozato – acervo AHRS. Disponível em: <https://prati.com.br/rs/general-portinho-e-seuestado-maior-documentario-revolucao-no-rio-grande-do-sul-1923.html> Acesso em: 23 mar. 2021

5.9 WALDOMIRO SUBTIL DOS ANJOS

“Disparei o Primeiro tiro”, Waldomiro Subtil dos Anjos, residente em Machadinho, contou sobre sua participação no combate de Quatro Irmãos, pelas tropas do Tte. Cel. Victor Dumoncel Filho, contou ele que trabalhava na inspetoria de terras de Erechim, no Castelinho, e logo após iniciada a revolução alistou-se em Passo Fundo, nas tropas do Tte. Cel. Victor Dumoncel.

Logo após foi designado para a batalha de Quatro Irmãos. Os dados relatados acima sobre Waldomiro constam na entrevista da Revista dos 40 anos de CTG Galpão Campeiro de Erechim. Conta ele que integrou o 2º esquadrão sob o comando de Marcos Bandeira, quando foi destacado para fazer a vanguarda da tropa. Distanciando-se 01 quilômetros à frente da tropa, foram surpreendidos pelos Maragatos das tropas de Felipe Portinho que estavam à espreita: “Ao deparar-me com os revolucionários dei o primeiro tiro” conta ele, “nos refugiamos no mato aguardando a chegada de nossos companheiros.” Waldomiro não saiu ferido no combate e fixou residência em Machadinho onde foi entrevistado.

Figura 27 Revolução de 1923- “Disparei o Primeiro Tiro” (AVS-19/05/1995, p.04)

Revolução de 23 - “Disparei o primeiro tiro”

Eclosida a revolução de 23 anos campos e canhadas ouvia-se o tropel da cavalgada e o espoucar fuzis, espadas tingidas bem como lanças.

Estava iniciada uma revolução que não deveria ter ocorrido, mas tingiu de vermelho os verdejantes campos de nossos pagos.

Marcava então o calendário 13 de setembro de 1923 quando tropas da Brigada Militar do Norte, comandadas pelo Ten Cel Victor Dumoncel foi forçado a enfrentar a força comandada pelo General Felipe Nery Portinho, com um contingente altamente superior, mantendo um tiroteio por mais de dez horas.

Waldomiro Subtil dos Anjos, residente em Machadinho, aos 19 anos trabalhava na Inspetoria de Terras de Erechim, o atual Castelinho e diz à reportagem na simplicidade de seus 91 anos: "Agrego ao meu sobrinho Luiz Palmas entregar-me fotos do atual Castelinho, principalmente na época natalina e aproveito para encaminhar ao prefeito de Erechim meus cumprimentos pela recuperação daquele prédio que é um símbolo e no qual trabalhei na minha mocidade, que tinha como chefe o Engenheiro Splader".

E entre um cigarro e um copo de vinho, relata o combate na Fazenda dos



a vanguarda e devem compreender que naquela época era mato. Estávamos um quilômetro a frente de nossas forças, cerca de 98 combatentes e na Fazenda dos Quatro Irmãos quando deparei-me do outro lado da coxilha com as forças revolucionárias que calculei em 1.200 homens. Ao deparar-me com os revolucionários disparei o primeiro tiro e nos refugiamos no mato aguardando a chegada de nossos companheiros. O tiroteio iniciou às oito horas da manhã e terminou na boca da noite, creio que dez horas de fuzilaria de ambos os lados.

Os maragatos estavam melhores armados e com uma força numérica bem superior. Ninguém esperava este combate, mas até hoje com meus 91 anos não sei dizer ou explicar como descobriam nossa passagem e nos aguardavam. Foi um combate duro de ambos os lados.

Perdemos neste violento combate 35 companheiros de armas, aos quais sepultamos numa única cova e nos retiramos para Passo Fundo. Passava no local do combate uma sanga ou lagoa, que ficou completamente vermelha de sangue, quer de combatentes como de cavalos.

Foi uma Revolução entre irmãos de ideologias diversas, não deveria ter sido iniciada. Mas éramos jovens e lutávamos cada qual por seu ideal.

Meu sobrinho Luiz Palmas entregou-me fotos do Cemitério do Combate, a Revista do CTG Galpão Campeiro, além de levar-me a conhecer o monumento. Nós enterramos nossos companheiros em outro local, mas a intenção de colocar o monumento na coxilha, mereceu meu reconhecimento, pois lá combati. Sei que são realizadas cavalgadas e acessa a Chama Crioula no Cemitério do Combate, fico contente por se lembrarem, mas é triste", concluiu Waldomiro Subtil dos Anjos.

Interessante notar-se que em sua entrevista a este órgão, cita uma sanga ou lagoa no local do combate e a Revista dos 40 anos do CTG Galpão Campeiro, insere poema do sociólogo, historiador e professor Hugo Ramires, sob o título a Décima da Lagoa do Combate. A sanga ou lagoa do combate não mais existe e é desconhecida pela grande maioria dos tradicionalistas que seguidamente realizam cavalgadas àquele local.

A municipalidade de Machadinho deveria preservar com entrevistas gravadas, fotos, uma parte da história daquele município, através de Waldomiro Subtil dos Anjos, como este jornal o faz pela Revolução de 23, fato histórico e triste mas que não podemos esquecer.

...leitura de nossa redação, do texto acima... frutos de nossa imprensa.

Fonte: Arquivo Histórico de Erechim - Juarez Miguel Illa Font. Acesso em: 15 jan. 2021

Segundo Ernesto Cassol (1992), a maior parte dos despachos permitem resumir o combate de 13.09.1923: Portinho disporia de um total de quase 3.000 mil combatentes. Combate iniciou às 10 horas. Termina após as 17 horas. A luta se trava ente a coluna Portinho e o 1º corpo da Brigada do Norte às Ordens do Cel. Victor Dumoncel Filho. O combate foi realmente feroz. Ambos sabiam ser decisivos. Luta-se inclusive com arma branca. Mas o combate termina pela vitória dos maragatos. Os mortos borgistas seriam pelo menos 130. Muitos feridos, extraviados e presos. Os Maragatos apreendem uma metralhadora, 32 carabinas, 41 barracas e grande quantidade de munição. Maragatos têm pelo menos 10 mortos.

(...) perdemos nesse violento combate 35 companheiros de armas, aos quais sepultamos numa única cova e nos retiramos para Passo Fundo. Passava no local do combate uma sanga ou lagoa, que ficou completamente vermelha de sangue, quer de combatentes como de cavalos (Fonte: Arquivo Histórico Juarez Miguel Illa Font – Entrevista do Sr. Waldomiro Subtil dos Anjos – Revista dos 40 Anos do CTG Galpão Campeiro)

O cemitério do “Combate” como é chamado possui em torno de 38 sepulturas e pertence ao município de Erebango, depois do desmembramento dos municípios da região que se emanciparam, inclusive, Quatro Irmãos. Na grande maioria, os túmulos são sem identificação, mas a história oral dos moradores da antiga “Vila Quatro Irmãos”, da qual nasci e morei até os 15 anos dão conta de que mais de 300 pessoas foram enterradas em uma só vala, e os corpos eram levados de carroças e jogados uns em cima dos outros. A incógnita de que forma foram enterrados os mortos do combate de Quatro Irmãos continua até hoje, pois era comum os dados sobre as baixas dos combatentes nunca serem exatos.

Na década de 40, também foram enterradas pessoas da região, mas, as maiores homenagens foram erguidas em prol dos legalistas como Firmino de Paula e Victor Dumoncel, ambos, sogro e genro, pois Victor era casado com a filha de Firmino de Paula, enquanto que o irmão do Tte. Cel. Victor Dumoncel era lutava a favor dos Maragatos.

Figura 28 Cemitério do Combate, em Quatro Irmãos/RS



Fonte: Imagens Google, 2011

Figura 29 Cemitério do Combate, em Quatro Irmãos/RS.



Fonte: Imagens Google, 2011

É certo que as baixas borgistas foram em número superior. É certo que o plano de Firmino de Paula de encurralar e destroçar por completo as forças revolucionárias de Felipe Nery Portinho fracassou inteiramente, dado que o mesmo rompeu o bloqueio causando sérias baixas aos governistas, mantendo a liberdade de movimento e obrigando um enorme efetivo de forças governistas e constante, indefenida e desgastante guerra de movimento em que se negociaria a paz proposta pelo governo central via Ministro da Guerra Setembrino de Carvalho (CASSOL 1992, p. 4).

5.10 A MARCHA POLÍTICO-MILITAR DE FELIPE PORTINHO LOGO APÓS O COMBATE

Segundo Ernesto Cassol (1992), depois de rompido o cerco, feito por Firmino de Paula, a tropa do General Portinho, com cerca de mil homens, ruma a Formiga (atual Sousa Ramos) e Sananduva seguido pelos legalistas. Em Lagoa Vermelha, queima o automóvel do Dr. Macedonio Rodrigues da Silva, destrói a impressora do jornal “A UNIÃO”, e segue rumo a Vacaria, bate-se com o 3º Corpo Provisório de Francisco de Paula Feijó a 15 quilômetros do município. Mesmo colhida de surpresa, vence a batalha deixando dezenas de mortes, inclusive sai ferido o comandante, prende o filho deste mas acaba entregando-o novamente a Feijó no hospital em Vacaria.

Após Felipe Portinho escapar do cerco com vantagens e assentar acampamento na divisa

de Santa Catarina, Borges de Medeiros resolve aceitar a intermediação do Ministro de Guerra Setembrino de Carvalho para um Tratado de Paz e conferencia a convite do mesmo em Herval D'Oeste, Santa Catarina, levando junto, seu estado maior entre eles Quim Cezar, que fazia parte dos Maragatos da região de Quatro Irmãos.

Portinho expôs suas condições para o tratado de paz, dentre elas: a renúncia de Borges de Medeiros e a revisão da constituição castilhistista do Rio Grande do Sul, colocando Assis Brasil com totais poderes para negociar, conseguindo em 30 dias, após o combate de Quatro Irmãos, um feito militar e político também. Logo após requisitada sua presença, é colocado a sua disposição um trem especial para o deslocamento até Bagé, assim também como a de Leonel Rocha e outros chefes maragatos.

Figura 30 Cerro Largo: Trincheira da revolução – 1923



Fonte: Prati. Disponível em: <https://prati.com.br/erechim/erechim-hospital-na-revolucao-1923.html> Acesso em: 23 mar. 2021

5.11 O PACTO DE PEDRAS DE PEDRAS ALTAS

Houve no Pacto de Pedras Altas, um esforço do governo federal, através do ministro da guerra, Fernando Setembrino de Carvalho e João Luis Alves, da justiça e do próprio presidente Artur, para que o “Pacto” acontecesse. Sabedor que os opositoristas de Borges de Medeiros vinham obtendo algumas vitórias em confrontos e escaramuças em algumas regiões do estado, como foi o caso de Quatro Irmãos, e temendo que o conflito virasse uma guerra civil, colocou seu ministro de guerra como mediador do conflito. As forças federais se mantiveram neutras

durante o conflito. As relações entre o presidente Artur Bernardi e Borges de Medeiros não eram amigáveis, pois Borges fez oposição e campanha no estado contra a eleição de Bernardi a presidente. Já Setembrino de Carvalho era gaúcho e foi membro do PRR, no estado, no governo Julio de Castilho, e após, desavenças partidárias resolveu seguir carreira militar.

“A atuação de Setembrino de Carvalho, foi decisiva para que os Sul-rio-grandenses depusessem as armas e acabassem a revolução. Ele foi o mediador das negociações diplomáticas e ajudou a estabelecer as cláusulas do tratado de paz” (BRANDT, 2008, p. 36).

Mantendo-se neutro e ouvindo as duas partes envolvidas no conflito, Setembrino de Carvalho procurou conferenciar com ambas as partes causando, no começo das negociações, algumas acusações por parte do jornal A Federação do PRR, sediado em Porto Alegre, expondo que a mediação por parte dos governistas não eram aceitas e ainda acreditavam que poderiam resolver, sozinhos, o conflito, porém também temiam uma intervenção federal. Por parte dos revolucionários, viram a possibilidade de aliciar o ministro para suas fileiras, acenando a possibilidade de concorrer à governança do estado, mas Setembrino seguiu fiel ao presidente Artur Bernardes e ao papel que lhe foi confiado. Logo as duas partes cederam e, realmente, começou-se a construir um acordo de pacificação.

A população do Rio Grande do Sul, que presenciou toda a movimentação de guerra, depositou confiança nos mediadores do governo federal. Acreditava que a paz podia ser alcançada com a influência dos negociadores isentos. Na região norte, Setembrino de Carvalho e sua comitiva foram bem recebidos pelo povo (BRANDT, 2008, p. 36).

Com algumas contrariedades pelos partidários de ambas as facções políticas, os Borgistas acreditavam que saíram vitoriosos pelas armas. A oposição negava a admitir a continuidade de Borges de Medeiros no poder e condenavam Assis Brasil por ter assinado o acordo. Os Borgistas aceitarem a negociação com a condição de Borges não se candidatar mais ao governo do estado nas próximas eleições. O acordo foi firmado e assinado por ambas as partes e ficou conhecido como “Pacto de Pedras Brancas”.

Figura 31 Fortaleza foi erguida com pedras de granito rosado gaúchas talhadas por canteiros espanhóis



Fonte: Fernando Gomes Agencia – RBS, 2019. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/noticia/2019/11/heranca-de-assis-brasil-castelo-sofre-com-abandono> Acesso em: 23 mar. 2021

Por fim, em 14 de dezembro de 1923, após 11 meses de lutas, finalmente foi assinado o Pacto de Pedras Altas, no Castelo de Assis Brasil, em Pinheiro Machado, dando pôr fim a revolução. Algumas cláusulas não foram cumpridas, como a de depor as armas. Os dois lados continuaram em prontidão, mas com a forte interferência do ministro Setembrino de Carvalho que continuou cuidando para que a paz reinasse não houve mais conflitos, mesmo com forte ação partidária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho, mesmo sendo uma obra restritamente bibliográfica, pode chegar a várias conclusões inéditas, fazendo um elo sobre todas as obras pesquisadas e trazendo o resultado destas. A importância histórica da Fazenda Quatro Irmãos para o povoamento e posterior colonização do Alto Uruguai gaúcho, no período pesquisado 1812/1924 (mesmo esta região sendo tardiamente povoada) ainda deixou “resquícios” do fim do império brasileiro, mesmo sendo “posse” dos Barões da monarquia como David dos Santos Pacheco, o Barão dos Campos Gerais.

O Cacique Vitorino Condá que leva o nome do estádio de futebol da Associação Chapecoense de Futebol, “Arena Condá” em Chapecó, estado de Santa Catarina, também fez parte da história da Fazenda Quatro Irmãos, quando da vinda do tropeiro desbravador, Rocha Loures para tornar possível uma nova rota para as Missões pelo Goio-en, região oeste de Santa Catarina. Condá acabou instalando-se na região e permaneceu por nove anos 1947- 1956. Durante esse tempo que o Cacique Condá morou no Alto Uruguai, acabou sendo protagonista de fatos históricos para a região, por conta da abertura da nova rota, esta passou por um aceleramento na questão povoamento/colonização, e isto também gerou confrontos entre indígenas e brancos e/ou entre os próprios indígenas, daqueles a favor ou contra a nova situação de vida que lhes era exposto. Não se atendo a questão indígena na região norte do Rio Grande do Sul a qual é de suma importância, mas aos fatos que norteiam este trabalho com a morte de um membro da família Santos Pacheco, (Clementino Santos Pacheco), pelo genro do Cacique Vitorino Condá (Pedro Necafi), na linha três cerros, hoje município de Campinas do Sul – RS.

A família Pacheco era proprietária de grandes fazendas no Paraná, na região de Palmeira e Guarapuava e também no Rio Grande do Sul, pois além da Fazenda Quatro Irmãos, possuíam também terras no local denominado Campo do Meio, região de Lagoa Vermelha na época. Também, eram possuidores de grandes caravanas de tropas, onde negociavam gado e muare nos países vizinhos e levavam para negociar no Paraná e São Paulo, o que rendeu a David dos Santos Pacheco a honraria de Barão dos Campos Gerais, este era o irmão mais novo da família. O Cacique Condá conhecia os irmãos Pacheco no Paraná, pois eram da mesma região,

isto é, Palmeira/Guarapuava, região de Curitiba, Campos Gerais, e estes (os quatro irmãos Santos Pacheco) foram os testemunhos contra ele, no episódio em que Siqueira Cortez quis condená-lo em Palmeira, Paraná. Conforme, exposto no capítulo 03 deste trabalho, esse fato coloca a família Pacheco e o Cacique Condá como “desafetos”, somando-se a questão

fundiária e conflituosa com os índios da região culminou na morte de Clementino, proprietário da Fazenda, tornando-se pela relevância histórica dos envolvidos, um fato histórico em terras da Fazenda Quatro Irmãos.

A compra da Fazenda Quatro Irmãos pela Jewish Association Colonization (ICA), para a imigração de judeus para a América (Mundo Novo), e o assentamento destes, nesta área do norte do estado, como é descrito em obras de vários escritores, mas salientamos aqui a obra da professora doutora Isabel Rosa Gritti (1997), por além ser umas das primeiras contextualizando o assunto é base para começar pesquisas no assunto. Esse acontecimento (A imigração Judaica), transformou a então Fazenda Quatro Irmãos em Colônia pelo fato da divisão das glebas para o assentamento, e toda a história de vida destes imigrantes desde a chegada a Quatro Irmãos até 1962 quando do encerramento das atividades da ICA.

Os imigrantes judeus, na sua grande maioria, procuraram outros centros maiores e permutaram suas posses com outros “patrícios” e os que ficaram, tornaram-se grandes proprietários de terras, deixando Quatro Irmãos uma vila abandonada a própria sorte, restando somente caboclos, mestiços sem infraestrutura para morar, sem energia elétrica, saneamento básico, e escolas, servindo de mão de obra barata nas lavouras.

Das revoluções em terras da Fazenda Quatro Irmãos, três fatos se sobressaíram nas pesquisas feitas em este trabalho. A primeira o fato da revolução de 13 de setembro de 1923, e o ataque da Coluna Prestes 14 de dezembro de 1924, ter sido alguns meses depois, causou confusão na historiografia sobre o tema, conforme discutido na introdução, pois nos dois episódios os integrantes eram os mesmos, tanto na revolução de 1923 quanto na Coluna Prestes, mas com bandeiras diferentes, o próprio autor do livro Memórias da Colônia de Quatro irmãos, na página 175, narra um episódio ocorrido com um imigrante.

“Em 03 de dezembro de 1924, foram “novamente” saqueados pelos revolucionários comandados pelo Cel. Favorino Pinto que, mais tarde viria a fazer parte da Coluna Prestes”, para eles eram sempre os mesmos revolucionários, levando em consideração que mais tarde Marcos Feldman escreveu sobre o episódio da Coluna em Quatro Irmãos, já Samuel Chwartzmann em seu livro memórias de quatro Irmãos, relata os mesmos fatos como sendo como da revolução de 1923.

No capítulo 05, onde discorreremos sobre o caudilho Leonel Rocha, e todas as revoluções que lutou, considerado o Caudilho a pé, pois sua tropa era formada por mateiros, caboclos e mestiços com armamentos rudimentares deslocavam-se a pé com sua tropa. Leonel Rocha, não aproveitou da posição e a fama pós revolução, para ganhar dinheiro e morreu pobre trabalhando de Guarda Florestal no município de Erechim, morando de aluguel. Está enterrado no cemitério

municipal Pio XII, sem nenhuma honraria em completo desconhecimento da população regional, e este trabalho atenta a este fato, ainda obscuro da história Regional.

Favorino Pinto, que pertenceu a tropa de Felipe Portinho, juntamente com seus filhos, Heraclides e Pretinho, seriam moradores de Erechim? A ata de fundação do Ypiranga Futebol Clube, tem entre os fundadores “FAVORINO PINTO”, este esteve presente em todas as escaramuças da Revolução de 1923, como a tomada de Erechim, e chegou a ocupar cargos públicos no município, como Delegado de Polícia, conforme o livro “O combate do Desvio Giareta” de Geder Carraro e Altair Menegati na página 21. Também fez parte dos Erechinenses que se deslocaram a Carazinho para compor as tropas de Artur Caetano. “Os Maragatos Erechinenses que se deslocaram até Carazinho foram: Favorino Pinto, Leopoldino Silva, Robertino Paula Chaves, Emiliano de Paula Nascimento, Zeca Ferreira, dentre outros” (MENEGATI, 2003, p. 14-15).

Consta também na ata de Fundação do Ypiranga Futebol Clube como segundo assinante da ata o nome de Favorino Pinto como sendo um dos fundadores do clube.

Entre os fundadores, estão registrados nomes como Arthur Incerti, **Favorino Pinto**, Ercília Di Francesco Amorim, Fioravante Tagliari, Florêncio Antunes de Oliveira, Francisco de Oliveira Dias, Heraclides Franco, Jacinto Godoy, João Antonio Sírtoli, João Magnabosco, João Reis Solon, João Vitorino dos Reis, José Maria de Amorim, Lizandro Araújo, Nilo Amorim, Otto Feldmann, Paulo Damasceno Ferreira, Sigismundo Pllak, Sebastião César, Silvestre Péricles Monteiro – mais tarde autor do hino do clube –, Simão Vasconcelos de Souza, Themistocles Ochoa, Theodoro Tedesco e Vitório Alovise (YPIRANGA FUTEBOL CLUBE. Disponível em: <https://www.yfc.com.br/historia-do-clube/>).

Sendo o ano de 1923 /1924, a fundação do Ypiranga Futebol clube, mesmo ano das escaramuças nesta região do estado, ora por conta da revolução assistida onde como já elucidado, consta o nome de Favorino Pinto, em vários momentos, no desenrolar dos acontecimentos ligados a Erechim e depois já em 1924, fazendo parte da Coluna de Luís Carlos Prestes, em Quatro Irmãos e seu nome também fazendo parte da vida cotidiana de Erechim, como a formação de um clube de futebol, nos leva a considerar que não haveria homônimos, de nome e sobrenome em um município recém formado. Devemos considerar que Quatro Irmãos fazia parte do grande Erechim da Época e os acontecimentos eram quase simultâneos, nos dois locais, por isso os fatos estavam sempre interligados.

REFERÊNCIAS

- ARDENGHI, Lurdes Grolli. **Caboclos, ervateiros e coronéis: luta e resistência em Palmeira das Missões**. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo. 1. ed. 2003. 284 p. ISBN 85-7515-159-2
- ARDENGHI, Lurdes Grolli. **A questão da terra na ocupação do Norte: caboclos, ervateiros e coronéis**. República: República Velha (1889-1930). Passo Fundo: Méritos, 2007.
- BARBOZA, Tatiana Machado. **Reconhecimento e Diferenciação nos caminhos da Integração: a identidade Judaica nas colônias agrícolas da Jewish colonization association – Quatro Irmãos e Moises Ville (1890 – 1930)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/15556> Acesso em: 11 jan. 2021
- BRANDT, Aline. **De Borges a Getúlio: A Transição Política Nas páginas de O Nacional (1923-1930)**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2008. Disponível em: <http://tede.upf.br:8080/jspui/handle/tede/75> Acesso em: 29 jan. 2021
- CASSOL, Ernesto. **O Arandu: O Combate de Quatro Irmãos**. Erechim, 1992.
- D'ANGELIS, Wilmar da Rocha. **Toldo Chimbangue: história e luta Kaingang em Santa Catarina**. Xanxerê: Cimi-Regional Sul, 1984.
- D'ANGELIS, Wilmar da Rocha. **Para uma história do oeste catarinense – 10 anos de CEOM**. Chapecó: Unoesc, 1995.
- D'ANGELIS, Wilmar da Rocha. Para uma história dos índios do oeste catarinense. **Revista Cadernos do Ceom**, v. 19, p. 284, 2014.
- D'ANGELIS, Wilmar da Rocha. Frentes de expansão e povos indígenas em Santa Catarina. Fronteiras: **Revista Catarinense de História**, 2016.
- D'ANGELIS, Wilmar R.; FÓKÂE, Vicente Fernandes. Toldo Imbú: o cacique Condá, os índios do Xapecó e as terras do Imbú. **Cadernos do CEOM–Série Documento**, 1994.
- D'ANGELIS, Vilmar da Rocha; FÓKÂE, Vicente Fernandes. **Toldo Imbú**. Serie Documento, Chapecó, Universidade do Oeste de Santa Catarina, 1994.
- DUCATTI NETO, Antônio. **O Grande Erechim e sua história**. Porto Alegre: EST, 1981. Apud RIO GRANDE DO SUL, História do Município, PREFEITURA MUNICIPAL DE PAULO BENTO, 1981.
- ECKER, Adari Francisco. **A trilha dos pioneiros**. Passo Fundo: Berthier, 2008.
- FERREIRA FILHO, Arthur. **Revoluções e caudilhos**. Editora Querência, 1963.
- FELDMAN, Marcos. **Quatro Irmãos um shtetl na geografia gaúcha**. Gerações Brasil, São Paulo, 1999.

FELDMAN, Marcos. **Memórias da Colônia de Quatro Irmãos**. Editora Maayanot, São Paulo, 2003.

FRISCHER, Dominique. O Barão de Hirsch e a imigração judaica para o Novo Mundo. **WebMosaica**, v. 2, n. 1, 2010.

GRITTI, Isabel Rosa. **Imigração Judaica no Rio Grande do Sul: A Jewish Colonization Association e a Colonização de Quatro Irmãos**. Porto Alegre, 1997.

GUTFREIND, Ieda. **Imigração judaica no Rio Grande do Sul: pogroms na terra gaúcha?**. **WebMosaica**, v. 2, n. 1, 2010.

LAYTANO, Dante de. Populações Indígenas. Estudo histórico de suas condições atuais no Rio Grande do Sul. **Revista do Museu Júlio de Castilhos e Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul**, p. 201-246, 1957.

LIMA, Lourenço Moreira. **A Coluna Prestes: marchas e combates**. Editora Alfa-Omega, São Paulo, 1979.

MALAGE, Katia Graciela Jacques Menezes. **Condá e Viri: Chefias indígenas em Palmas-PR, década de 1840**, 2010.

MELATTI, Julio Cezar. **Índios do Brasil**. Edusp, 2007.

MENEGATI, Altair; CARRARO, Altair. **O combate do Desvio Giareta: Revolução de 1923**. Projeto Legados Culturais. Coleção: E o vento não levou, 2003.

NONNENMACHER, Marisa Schneider. **Aldeamentos kaingang no Rio Grande do Sul: século XIX**. Porto Alegre, Edipucrs, 2000.

RIESEMBERG, Alvir. **A Nau São Sebastião**. Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense, 1978.

RÜCKERT, Aldomar Arnaldo. **A trajetória da terra: ocupação e colonização do centro-norte do Rio Grande do Sul, 1827/1931**. EDIUPF, Universidade de Passo Fundo, 1997.

SAADI, Rafael Sadi. A vida caudilhesca de Leonel Rocha. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 1944.

SCHNEIDER, Diéle de Souza. **Memórias compartilhadas: as vivências de imigrantes judeus durante a revolução de 1923 no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, 2013.

SOUZA, Almir Antonio de. **Armas, Pólvora e Chumbo: a expansão luso-brasileira e os Índios do Planalto Meridional**. Tese (Doutorado em História) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Florianópolis, 2012.

SOUZA, Almir Antonio de. A invasão das terras Kaingang nos campos de Palmas. O processo contra a liderança indígena Vitorino Condá (1839-44). **Mediações-Revista de Ciências Sociais**, v. 19, 2014.

SPONCHIADO, Breno Antonio. Um panorama da historiografia do e no Alto-Médio Uruguai. *Historiografia do Alto Uruguai-Série CEDOPH-Centro de Documentação e Pesquisas Históricas do Alto Uruguai*, v. 1, p. 10-33, 2013.

SUPRINYAK, Carlos Eduardo. **Tropas em marcha**: o mercado de animais de carga no centro-sul do Brasil imperial. Annablume Editora, 2008.

PEREIRA, Ledit de Paula. **O positivismo e o liberalismo como bases doutrinárias nas facções políticas gaúchas na Revolução Federalista de 1893-1895 e entre Maragatos e Chimangos de 1923**. UFRGS, Dissertação de Mestrado. Porto Alegre, 2008.

POVOA, Carlos Alberto. Da Argentina para o Brasil: a imigração organizada dos judeus. Universidade de São Paulo. **Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina**. Março, 2005.

THOME, Nilson et al. **A formação do homem do contestado e a educação escolar**: República Velha. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, São Paulo, 2006.